



Organizador
Raimundo
Exedito
dos Santos
Sousa

POT-POURRI DE MIUÇALHAS

escritos
de jovens
cefetianos

 pimenta
cultural



Organizador
Raimundo
Exedito
dos Santos
Sousa

POT-POURRI DE MIUÇALHAS

escritos
de jovens
cefetianos

| São Paulo | 2021 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas



Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Doris Roncareli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>	Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Emanoel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Erika Viviane Costa Vieira <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>
Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>	Everly Pegoraro <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil</i>
Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Fábio Santos de Andrade <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>

Fauston Negreiros

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck

Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira, Brasil

Helen de Oliveira Faria

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello

IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Ismael Montero Fernández,

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo

Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira

Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica

Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria de Fátima Scaffo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbronito

Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wagner Corsino Enedino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomini Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Marques Marino
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil

Ana Emidia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ana Julia Bonzanini Bernardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Bianca Gabriely Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carolina Fragoso Gonçalves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Cecília Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Cíntia Moralles Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Eliizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Graciele Martins Lourenço
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeane Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas	Marcelo Eyng
Editora executiva	Patricia Bieging
Assistente editorial	Landressa Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Ligia Andrade Machado
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida
Imagens da capa	Rawpixel.com - Freepik.com
Revisão	Raimundo Expedito dos Santos Sousa
Organizador	Raimundo Expedito dos Santos Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P859 Pot-pourri de miuçalhas: escritos de jovens cefetianos.
Raimundo Expedito dos Santos Sousa - organizador. São
Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 183p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-148-6 (brochura)
978-65-5939-147-9 (eBook)

1. Educação. 2. Juventude. 3. Política. 4. Filosofia.
5. Atualidades. 6. Sociedade. I. Sousa, Raimundo Expedito
dos Santos. II. Título.

CDU: 370
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.479

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

 **pimenta
cultural**
2 0 2 1

POT-POURRI DE MIUÇALHAS



Ao DELTEC/CEFET-MG, que me brindou com a oportunidade do convívio com jovens tão fascinantes.

Às alunas e aos alunos que acolheram de bom grado meu convite ao projeto editorial que culmina nesta coletânea.



O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.

Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história*

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada

Gonzaguinha, *E vamos à luta*

SUMÁRIO

Prefácio 16

Introdução:
ler com a cabeça erguida..... 19

Capítulo 1

Alexandre Augusto de Oliveira 24

Perfil biográfico 25

A tomada de decisões
e sua influência em quem somos..... 26

Em torno do discurso de ódio 28

A democracia em questão..... 29

Uma breve história sobre o amor 34

Capítulo 2

Ana Clara Gonçalves Armanelli 38

Perfil biográfico 39

Viva!..... 40

Carta ao meu eu futuro 42

Capítulo 3

Ana Luiza Ribas Ponciano..... 44

Perfil biográfico 45

Utopia..... 46

Sobre o narcisismo 48



Capítulo 4

Bárbara Cristina Nunes Pereira	51
Perfil biográfico	52
A metáfora e seu estigma no tratamento social de doenças graves	53
A cada dia basta o seu cuidado	56
Um ano para lembrar	58

Capítulo 5

Bernardo Machado Silvano Cruz	61
Perfil biográfico	62
Quanto tempo temos	63
O discurso de ódio nas redes sociais	64
Filme ruim é bom pra caramba	65

Capítulo 6

Philip Henrique Colhado	67
Perfil biográfico	68
O aprendizado não tem idade	69
Tempo	70

Capítulo 7

Juliano Ferrone Caetano Soares	71
Perfil biográfico	72
Entre berlindes e <i>smartphones</i>	73
A rede social	76



Capítulo 8

Letícia Alves da Silva.....	78
Perfil biográfico	79
O pêndulo da vida	80
Ela, ele e ele	82
O público e a manifestação do gênero	84
A tecnologia do ódio	88
A inocência na trapaça	90
Carta.....	94

Capítulo 9

Marco Túlio Pinheiro Dias	96
Perfil biográfico	97
Até aonde vai nossa liberdade	98
A controvérsia da linguagem neutra.....	99
Fragilidade social	100
A quase vida	104
O monstro	105

Capítulo 10

Marina Lopes Rodrigues	108
Perfil biográfico	109
Quando?	110
O câncer e a tuberculose como metáforas	112
Reencontro.....	116



Capítulo 11

Ohana Martins Moreira de Souza	118
Perfil biográfico	119
Geração Z é a melhor?	120
<i>Brief Encounter</i> através de um olhar crítico	121
O tempo	124
Conexão do Universo	128
Histórias	129
O tal Dionísio	131

Capítulo 12

Raimundo Expedito dos Santos Sousa	133
Perfil biográfico	134
Nascidos para sofrer	135
Uma tempestade na cidade	137
Ele, que era do bem	138
A importância de amar	141

Capítulo 13

Renato Luiz de Oliveira Bernardino	142
Perfil biográfico	143
Trabalho e preguiça	144
Farmácia 24/07	146
Esquerdismo infantil	147
O que há de tão encantador em <i>Desencanto</i>	150



Capítulo 14

Rodrigo Augusto da Silva Motta	153
Perfil biográfico	154
Reflexões sobre vida, consumo, tempo e trabalho.....	155
Liberdade de expressão e discurso de ódio nas redes sociais.....	158
Uma viagem lunar	160

Capítulo 15

Stéfane Bueno de Souza.....	164
Perfil biográfico	165
Nosso amigo telespectador.....	166
O ódio narcisista	167
A influência da figura paterna na infância.....	169
Por que falar de política?	172

Capítulo 16

Tiago Monteiro Siqueira	174
Perfil biográfico	175
Um mundo descartável.....	176
O narcisismo e a propagação do ódio.....	178

Sobre o organizador.....	180
---------------------------------	------------

Índice Remissivo	181
-------------------------------	------------



PREFÁCIO

Magda Velloso F. de Tolentino¹

Tive o prazer de receber de Raimundo Expedito dos Santos Sousa, organizador desta coletânea, a incumbência de escrever-lhe o prefácio. Raimundo foi um dos meus mais promissores alunos e bolsistas de Iniciação Científica na Universidade Federal de São João del-Rei, e não foi surpresa para mim quando cursou, com brilhantismo, o mestrado naquela instituição e o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. Digo isso porque participei das suas duas bancas acadêmicas, e conheço o desenvolvimento do seu trabalho nessas duas etapas. Desde o início de sua graduação na UFSJ, Raimundo demonstrou não só empenho em alcançar excelência em seus estudos, mas também uma escrita forte e bem elaborada. Fato que me levou, sendo na época coordenadora do Curso de Letras daquela instituição, a fazer uma publicação doméstica, em cópias xerox, de sua coletânea de textos e poemas, logo que iniciou seu curso, para distribuição entre os pares e os outros professores.

Raimundo entendeu muito cedo o valor da leitura sistemática de textos bem elaborados para a criação de textos próprios. A experiência dele foi a mesma minha, pois, tendo tido sempre a vontade de escrever, percebi o quanto a leitura me ajudou a criar, burilar e melhorar minha escrita. Afinal, somos a soma do que experienciamos, do que observamos e do que lemos. Sempre escrevi muito, como Raimundo o faz, mas só me atrevi a entrar no mercado da publicação muito recentemente, em 2017, quando lancei meu primeiro livro de crônicas memorialísticas (*O desenrolar do fio – vivências e sonhanças*). Desde

¹ Doutora em Estudos Literários. Professora aposentada dos respectivos departamentos de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

então, já tive publicado o livro *Música e cultura na Irlanda de James Joyce*, publicado em 2019 e baseado em minha tese de doutorado, defendida vinte anos antes. E em breve lançarei a coletânea de contos denominada *Fatias* (no prelo). O caminho nem sempre é fácil, mas compensador quando trilhamos aquele que escolhemos. De acordo com Robert Frost, no poema “A estrada não trilhada” (*The road not taken*), “Duas estradas se separaram no bosque eu eu/ eu peguei aquela menos trilhada/ E isso fez toda a diferença”.²

Como afirmei anteriormente, escrever fez parte de minha vida desde estudante, e, em final de carreira, transformei essa atividade em minha primeira opção. Não falo dos inúmeros textos críticos que já publiquei em periódicos acadêmicos, pois neste momento estou investindo na escrita ficcional e memorialística, gêneros nos quais muitas das inquietações dos jovens que aqui se apresentam são tratadas.

Os textos de Raimundo têm beleza e apuro vocabular e me orgulho de testemunhar sua vontade de incentivar seus alunos a produzirem textos próprios – daí podemos esperar alguns escritores de sucesso e grandes defensores da nossa maravilhosa língua pátria. Como diz Raimundo em seu texto inaugural deste volume, “A seleção dos textos enfeitados nesta coletânea obedeceu ao preceito de revelarem a sensibilidade de seus autores para as coisas miúdas de que o escritor se serve como matéria-prima para uma escrita que, conquanto brotada de sua mina de inquietações pessoais, atinge dimensões universais e suas divagações raptam nossa atenção como se fôssemos prestigiados confidentes.”

Fico feliz, como ex-professora e ex-orientadora do organizador desta coletânea – que cita seus “verdes anos” como se esses estivessem já muito longe no tempo –, ao ver replicados em seus ideais os desejos de colocar em destaque a produção escrita de jovens tão longe do amadurecimento a que Paulo Mendes Campos

² Minha tradução do original em inglês: “Two roads diverged in a wood, and I – / I took the one less traveled by, / And that has made all the difference.”

(através do texto inicial do livro) se refere – e, no entanto, percebemos tanto amadurecimento emocional e vivencial no escrever desses alunos recém-chegados ao Ensino Médio.

Os jovens autores desta coletânea lidam com temas bem adultos, como utopias, narcisismos, o acelerar do tempo, as redes sociais, as questões de gênero, a cultura do ódio, os paradoxos da liberdade, os problemas sociais e as doenças que assolam nossa contemporaneidade. São moças e rapazes que se prenciam como os lutadores de amanhã por uma sociedade mais justa, mais igualitária em todos os sentidos, sem amarras de classes, gêneros, etnias. Com evidente apreço pelo saber, apresentam ao leitor textos que valorizam o aprendizado em qualquer idade, a cultura e as artes, dentre elas a literatura e o cinema. E trazem inúmeras indagações quanto ao futuro, que no momento se encontra em suspensão.

Que essa primeira incursão no universo da escrita continue influenciando esses jovens na busca de mais conhecimento, da ciência e da sabedoria, assim como seu orientador, Raimundo, que também na mocidade se embrenhou nesse universo da procura das grandes questões universais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: LER COM A CABEÇA ERGUIDA

Raimundo Expedito dos Santos Sousa

Ne vous est-il jamais arrivé, lisant un livre, de vous arrêter sans cesse dans votre lecture, non par désintérêt, mais au contraire par afflux d'idées, d'excitations, d'associations? En un mot, ne vous est-il pas arrivé de lire en levant la tête?

[Nunca vos aconteceu, ao ler um livro, interromper constantemente a vossa leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, de excitações, de associações? Numa palavra, não vos aconteceu ler erguendo a cabeça?]

Roland Barthes, Écrire la lecture

Nos meus verdes anos, tanto me impactou certa crônica de Paulo Mendes Campos que a transcrevi nalgum lugar, como de resto fazia com tudo quanto me impressionava. Decerto me sensibilizou, à época, o misto de desalento e resignação do escritor em face de um decantado patamar de maturidade que se lhe figurava intangível ao homem médio. Naquela altura – idos de 1968 – se revestia a maturidade daquela aura sublime que distinguiria o sábio e o prudente do ingênuo e do incauto. A essa posição distinta não se chegaria, dizia-se, senão com o correr dos anos e com a experiência aí acumulada; donde a autopiedade do cronista por ter atingido certa idade e não se sentir de todo maduro:

Não, não sei, jamais saberei o que é a maturidade. Mas sei perfeitamente reconhecer a imaturidade, quando ela se manifesta. Reconheço-a antes de tudo em mim, que cheguei esperançoso à idade de merecê-la sem que se operasse o milagre. Por vezes tive a boba e grata ilusão de estar chegando lá. Controlei alguns demônios menores; outros espontaneamente

SUMÁRIO

me deixaram; senti valorizar-se em mim o sentido da justiça e da fraternidade; meu egoísmo se reduziu, dando mais espaço à compreensão do outro, abri os olhos às minhas complacências indevidas e os fechei aos rigores de juízo enraizados no ressentimento. Demissões, mutações, aquisições se operavam em mim, que esperava, deliciado, a maturidade.

Mas a maturidade não veio. Esvaziei-me no desengano; a princípio com uma tristeza; depois com uma espécie de contentamento venal; depois com uma quase indiferença, seca e sem gosto como a poeira.

Há em mim grandes partes deterioradas; há em mim umas poucas fibras já atingidas pela doçura do outono; e há em mim – o que é irreparável – grandes estrias verdes que não querem morrer. (CAMPOS, 1968, p. 43)

Com alguma voltagem de ironia, o excerto se inscreve no contrafluxo de um regime de representação patriarcal em que a maturidade se daria a ver em atitudes que “separam os homens dos meninos” e distinguem aqueles que “honram as calças” dos quantos têm comportamentos “de moleque”. Passadas diversas décadas, essa acepção geracional de maturidade é peitada, em nossos dias, pela ascensão da juventude não apenas como ideal de beleza e vigor físico, tal qual outrora, mas também como fase da vida em que o intelecto, simpático ao novo, assimila com notável ligeireza as mutações vertiginosas do estar no mundo às quais os náufragos do século passado mal se aclimatam, seja por embaraço, seja por relutância. O apogeu da tecnologia lança uma pá de cal sobre a morrediça autoridade parental e o prestígio atrelado à “experiência de vida” se esvai na medida em que o *know-how* se sobrepõe à sabedoria numa cibercultura na qual o conhecimento acumulado com a vivência importa menos porque o clique num site de busca descortina uma rede de soluções para dada questão cuja resposta jazia, noutros tempos, na mente do professor mais antigo do departamento. Se, hoje, relações de poder intergeracionais inverteram-se tal que filhos ensinam aos pais desde como caminhar nos labirin-

SUMÁRIO

tos do espaço cibernético até como falar em determinadas situações recentes, o diploma de maturidade importa menos a cada geração.

Não é por outra razão que, ao revisitar a mesma crônica, não sou tomado de assalto pela antiga perplexidade. Das lições várias que o professorado me tem provido sobressai a ruptura de hierarquias estanques entre supostos mestre e discípulo como *conditio sine qua non* para a relação professor-aluno nestes novos tempos. Afinal, se mais aprendo que ensino enquanto professor, é porque abduco da confortável posição de autoridade professoral em favor de um ensino-aprendizagem bilateral, em que se aprende ensinando e se ensina aprendendo. Tal postura me parece forçosa em face dos eixos cronológicos díspares que, em desalinho, hoje coabitam o espaço escolar; afinal, nossos jovens são produtos do século XXI; nós, docentes, somos filhos do século XX; e os processos didático-pedagógicos que balizaram nossa formação foram medrados no século XIX. Frente a esse cisma entre dimensões temporais, cumpre ao professor reconhecer que as mutações vertiginosas por que passa a sociedade, sob influxo de fatores como a revolução tecnológica, a falência de hierarquias geracionais e o desprestígio do saber livresco, adentram os muros das instituições de ensino e desmantelam pedagogias centradas solipsisticamente na figura do professor.

À guisa de deferência a estudantes que muito me têm ensinado, este livro apresenta ao leitor registros escriturais de alguns dos jovens mais promissores que conheci como docente no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), *campus* Belo Horizonte. Precisamente porque não foram, em princípio, escritos para publicação, os textos compreendem uma plethora de gêneros textuais/literários e questões postas na ordem do dia num assombroso 2020. Do cárcere privado a que durante meses fomos submetidos, como que numa distopia, por um inimigo invisível decorre a recursividade do tempo como eixo temático, mais precisamente as percepções de vazio e/ou aceleração e a decorrente crise da “experiência vivida”, conceito antropológico que

SUMÁRIO

soa passadista frente à fugacidade dos lapsos espaço-temporais que se sucedem vertiginosamente. Também merece nota, entre os temas aqui visitados, o problema do narcisismo – primário ou secundário, das pequenas ou das grandes diferenças – como catalisador do que se convencionou denominar “discursos de ódio” nas redes sociais, manifesto sobretudo nos embates inflamados que se travam em espaços virtuais como o *Twitter*, esse sucedâneo da *ágora* (ἀγορά) que os gregos nos legaram. Uma vez que a língua é um componente estruturante das relações de poder, tem-se ensaiado, aqui e ali, o polêmico emprego de “linguagem neutra” para contemplar pessoas de gênero “fluido” ou “não binário” numa língua portuguesa centrada no masculino e no feminino como respectivas regra e exceção. O dilema entre, de um lado, a necessidade de adequação da língua, como fenômeno social, às mudanças socioculturais em nossa comunidade linguística, e, de outro, a observância ao sistema de regras que distinguem todo idioma também recebeu atenção de alguns dos textos que se vai ler.

A essas querelas se somam outros itens de um largo repertório temático na medida em que os textos constituem, no mais das vezes, escritos de circunstância elaborados em situações específicas para atender a tarefas pertinentes à disciplina Língua Portuguesa, Literatura e Cultura, que tenho ministrado a estudantes recém-chegados ao Ensino Médio. A seleção dos textos enfiados nesta coletânea obedeceu ao preceito de revelarem a sensibilidade de seus autores para as coisas miúdas de que o escritor se serve como matéria-prima para uma escrita que, conquanto brotada de sua mina de inquietações pessoais, atinge dimensões universais e suas divagações raptam nossa atenção como se fôssemos prestigiados confidentes. Com efeito, nas páginas seguintes se lerão escrevinhações esparsas, que escritores de tempos idos denominavam, com suspeita modéstia, “bagatelas” ou “mil nadas”. Mas essas miuçalhas, como que lançadas a esmo num pot-pourri, revelam a bifrontalidade centrífuga e centrípeta de moças e rapazes que, à maneira de Jano, têm dois olhares bem

apurados: aquele que vê seu entorno e aquele que observa seu próprio interior. Eis o porquê de minha fé na rapaziada, em cuja lente, tão mais nova quanto mais apurada que a minha, fio-me para reparar a vida, no duplo sentido da contemplação e do ajustamento.

REFERÊNCIA

CAMPOS, Paulo Mendes. Maturidade. *Manchete*, n. 824, Rio de Janeiro, 3 fev. 1968, p. 43.

SUMÁRIO



1

**ALEXANDRE
AUGUSTO
DE OLIVEIRA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Nascido em Belo Horizonte, Alexandre Augusto de Oliveira é um jovem de 16 anos, que estuda Eletrônica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Alexandre adora aprender sobre novos assuntos, sobretudo em relação aos universos da tecnologia e da educação. Quanto ao temperamento, ele é uma pessoa muito alegre, perseverante e paciente. Ainda um pouco indeciso sobre seus sonhos, pretende cursar Engenharia Eletrônica no Instituto Tecnológico de Aeronáutica.



SUMÁRIO

A TOMADA DE DECISÕES E SUA INFLUÊNCIA EM QUEM SOMOS

Toda decisão acertada é proveniente de experiência. E toda experiência é proveniente de uma decisão não acertada.

Albert Einstein

Algumas das situações mais embaraçosas que vivenciamos no cotidiano ocorrem quando temos incertezas sobre as decisões que precisamos tomar. A indecidibilidade nos deixa cada vez mais apreensivos sobre o que fazer e se agrava, sobretudo, quando as escolhas que devem ser feitas acarretam grandes consequências. Em processos decisórios, comumente pedimos conselhos a outrem para resolvermos a situação e, em tais casos, é sempre muito provável que, na nossa idade, as primeiras pessoas que consultemos sejam nossos pais.

Se bem que, como já dito, essa seja uma situação muito comum, muitas das decisões que tomamos, mesmo sozinhos, são próximas das que nossos pais indicariam que tomássemos. Essa similitude me faz recordar a “Alegoria da Caverna de Platão”, proposta pelo filósofo grego, na qual se faz uma reflexão sobre o que acreditamos a partir da projeção do mundo em que vivemos. Disso, podemos deduzir sobre o quanto somos influenciados pelo que vemos e pelo que as pessoas ao nosso redor fazem. Todavia, se aqueles que mais vemos tomar decisões por nós são responsáveis pela formação do nosso caráter, então me questiono, na esteira do que fizera Belchior em célebre canção sobre o enfrentamento da ditadura militar, se ainda não somos os mesmos e vivemos como nossos pais.

Antes de analisar a questão, devo salientar que muitas das decisões que definiram nossa vida não foram tomadas por

nós mesmos, e isso nos tornou, em certa medida, alienados em relação aos rumos da nossa vida. Com efeito, principalmente na contemporaneidade, essa alienação se tornou um problema mais comprometedor, já que, graças a adventos como o da internet, que promove interações com mais facilidade, os indivíduos são mais cobrados a tomarem decisões cada vez mais precocemente e, desta sorte, alienam-se de algumas delas. Além disso, percebo que esses indivíduos alheios às suas decisões são ainda menos reflexivos a respeito do mundo e, muitas das vezes, ignoram problemas que, em princípio, não lhes dizem respeito ou não lhes assiste resolver. E isso se torna ainda mais comprometedor quando levo em considerações a noção de *habitus*, postulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para designar um sistema de tendências viciosas incorporadas pelos sujeitos, ou seja, um ciclo de paradigmas que regem o que devemos fazer e, dessa forma, fazem-nos colaboradores para a manutenção dessas ideias. Em outros termos, determinadas ideologias, uma vez internalizadas pelas pessoas, exercem sobre estas um poder ainda mais contundente do que a coerção física, pois operam no campo do imaginário: reproduzimos um *habitus* porque fomos “convencidos” de que são benéficos e não porque alguém nos obrigou a fazê-lo. Assim, para usarmos a terminologia do filósofo marxista Antonio Gramsci, contribuimos voluntariamente para que uma ideia se legitime e alcance a “hegemonia”.

Assim, não pairam dúvidas sobre a importância de tomarmos nossas próprias decisões, de forma crítica e consciente. Caso contrário, seremos cativos do que ocorre na crônica “Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia”, em que Marina Colasanti faz uma reflexão sobre como nossas ações são regidas por costumes tão introjetados que não nos questionamos sobre o porquê de realizá-las. Nesse cenário, vemos de forma cristalina os efeitos do processo de alienação, no qual somos regidos por uma ideologia da eficiência que nos torna, a um só tempo, vítimas e algozes de vidas esvaziadas de

SUMÁRIO

sentido. Somem-se a isso as relações interpessoais marcadas pela fugacidade e pela rápida obsolescência, conforme o ritmo vertiginoso da vida citadina, como vemos na canção “Sinal Fechado”, cantada por Paulinho da viola, em que se estabelece, em meio à azáfama de uma metrópole, um encontro, superficial e rápido como a duração de um sinal vermelho, no qual dois amigos que há muito não se veem comentam suas preocupações sobre a busca por um futuro genérico.

Com base em tudo isso, volto ao questionamento de sermos como nossos pais. Vejo como seria problemático se isso ocorresse, e o deduzo ao pensar que necessitamos de gerações cada vez mais preparadas para enfrentar problemas. Dessa forma, é necessário que deixemos de nos anularmos em favor do que nos foi pré-determinado, como indica a canção de Belchior numa espécie de manifesto por uma juventude que não seja estática, que tome decisões assertivamente e tenha coragem para mudar os rumos do Brasil.

EM TORNO DO DISCURSO DE ÓDIO

No Brasil, assuntos relacionados ao discurso de ódio nas redes sociais vêm se tornando cada vez mais debatidos. Nesse contexto, torna-se crucial associar a essas discussões a teoria da ação comunicativa postulada pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, em que se percebe a comunicação como um mecanismo que, em consenso com a ética, busca uma sociedade democrática e deliberativa. Todavia, fora da teoria, compreende-se que um dos óbices à comunicação na contemporaneidade é o discurso de ódio, mediante falas que discriminam e inferiorizam outrem. Por isso a necessidade da tomada de medidas públicas para mitigação do problema.

Em primeiro plano, deve-se grifar como esse tipo de discurso se consolida nas redes sociais. Por certo, o advento da internet responsabilizou-se por criar ambientes de relações sociais que



SUMÁRIO

possibilitaram a formação de grupos de pessoas com mesmos interesses. Diante disso, torna-se essencial destacar a ideia de narcisismo das pequenas diferenças, proposta por Sigmund Freud. Para o pai da psicanálise, as relações de ódio e rivalidade são mais comumente estabelecidas entre pessoas semelhantes do que entre indivíduos diferentes. Assim, percebe-se como as redes sociais se tornam intermediadoras desse discurso.

Ademais, necessita-se entender o papel da liberdade de expressão nesse contexto. A Constituição de 1988 prevê que todos os cidadãos detêm o direito de livre manifestação. Destarte, há indivíduos que promovem o discurso de ódio e justificam suas ações com base nesse direito à liberdade. Todavia, o alicerce desse conceito está pautado em outro, a ética, como formulado ainda na Grécia Antiga por filósofos como Aristóteles. Práticas éticas são aquelas que visam ao bem da pólis, ou seja, o bem comum.

Todavia, nota-se como os discursos de ódio são antiéticos e até mesmo ilegais. Diante disso, medidas devem ser tomadas com o intuito de dirimir o discurso de ódio nas redes sociais. Cabe à esfera executiva, por exemplo, vigorar um sistema de denúncias e promover a criação de propagandas que mostrem a ilegalidade dessa ação e a importância de um discurso saudável. Somente assim seria viabilizada a comunicação como ferramenta de democratização deliberativa, como Habermas a idealizou.

A DEMOCRACIA EM QUESTÃO

LEVITSKY, Stevan; ZIBLATT, Daniel. Alianças fatídicas. *In*: LEVITSKY, Stevan; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 23-40.

O dia 6 de janeiro de 2021 foi marcado por um dos eventos mais inusitados da história estadunidense, a invasão do Capitólio.

Em um cenário no qual militantes republicanos protestavam contra os resultados da eleição presidencial, colocava-se em pauta a democracia, esse regime político que surgira em Atenas com as reformas de Clístenes a partir de 510 a.C. e que garantia aos cidadãos atenienses não só o direito, mas também o dever da participação direta na política. Nesse âmbito, todos os cidadãos livres participavam do processo da tomada de decisões viabilizada por um conjunto de intuições vinculadas ao Estado, como a *Eclésia* e a *Bulé*.

Ao longo do tempo, percebe-se uma mudança no exercício do poder dentro desse mesmo regime político, atualmente confinado a um conjunto de representantes escolhidos pelo povo. Por consequência disso, quando se cria uma massa social extremamente polarizada, ascendem-se movimentos como o ocorrido no governo estadunidense e que colocam em risco a manutenção desse sistema. É justamente sobre isso que o livro *Como as democracias morrem*, dos cientistas políticos Levitsky e Ziblatt, atém-se a analisar. O livro constitui-se de nove capítulos, dentre os quais esta resenha tem como alvo o primeiro, no qual os autores investigam o surgimento dos regimes autoritários.

Levitsky e Ziblatt dão início ao capítulo por meio de uma epígrafe que ganha suma importância com o decorrer do texto, a fábula “O javali, o cavalo e o caçador”, do escritor grego Esopo. De forma sucinta, retrata a história de um cavalo que, em competição com um javali, pede ajuda a um caçador para alcançar a vitória; no entanto, para isso, o caçador impõe algumas condições: exige que sejam postas no cavalo rédeas para guiá-lo e uma sela para que se mantenha firme até que juntos alcancem seu objetivo. O cavalo, instigado pela vitória, logo aceita as exigências e, unidos, conquistam o objetivo. Já após a vitória, o animal pede que o caçador imediatamente retire dele aqueles objetos, mas o caçador, satisfeito com a situação, diz que agora que o tem sob controle e prefere mantê-lo assim.

De forma análoga ao ocorrido com o cavalo, o capítulo inicialmente ilustra como o totalitarismo usufruiu da democracia em

situações socioeconômicas conturbadas. Isso se torna ainda mais evidente quando Levitsky e Ziblatt explicitam a ascensão dos regimes autoritários de Benito Mussolini na Itália, Adolf Hitler na Alemanha e Hugo Chávez na Venezuela. Todos esses regimes surgiram da viabilização de *outsiders* políticos no poder, termo que representa empresários, burocratas ou intelectuais sem vínculo apriorístico com a atividade político-partidária. Essas personalidades conseguem chegar ao comando por meio de alianças fatídicas, que surgem primordialmente com o intuito de que o político novato consiga conter a situação do país. Porém, a política já consolidada ao longo do tempo logo conteria esse *outsider*, levando a uma restauração do poder.

Por outro lado, em sequência a essas narrativas de como se ascendeu o autoritarismo, os cientistas políticos argumentam que nem todas as democracias foram atingidas pelos eventos ditatoriais em cenários de instabilidade semelhantes. Usando como exemplos países como Bélgica, Grã-Bretanha, Costa-Rica e Finlândia, questionam se os responsáveis pela segurança da democracia são os cidadãos, como evidenciam no trecho: “Como elas fizeram? É tentador pensar que essa sobrevivência esteja enraizada na sensatez coletiva dos eleitores. Talvez belgas e costa-riquenhos fossem simplesmente mais democráticos que alemães e italianos” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 30). Apesar disso, contrapõem esse pensamento leigo a partir do raciocínio de que, mesmo nos países que sucumbiram ao totalitarismo, é difícil encontrar evidências que marquem o apoio a esse regime na Alemanha e na Itália durante a década de 20 do século XX. Assim, chegam à conclusão de que todas as democracias estão sujeitas a esses eventos e entendem que a efervescência desses movimentos é que vibra a sensibilidade pública. Portanto, destacam o papel dos partidos políticos como viabilizadores da segurança, de modo que agem como filtros para garantir que esses políticos não ingressem no poder.

De forma clara, os autores dão continuidade à temática, abordando quais evidências permitem identificar os políticos de caráter

totalitário. A dificuldade desse processo se mantém, ao mesmo tempo que políticos podem manifestar de forma cristalina seus objetivos por meio dos seus antecedentes – como Hitler, que liderou um golpe de estado fracassado. Há políticos que somente demonstram seus reais interesses durante o mandato, como o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbin. Desse modo, o processo de análise por características prévias se torna ainda mais distante da realidade.

Nesse cenário de questionamentos, Levitsky e Ziblatt introduzem gradativamente as conclusões do cientista político alemão Juan Linz, registradas no livro *The Breakdown of Democratic Regimes*, dedicado a estudar o papel dos detentores da decisão e examinar como as ações destes poderiam interferir no regime democrático. Assim, os autores apresentam quatro características, que denominam “sinais de alerta” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 32) que permitiriam distinguir um autoritário, quais sejam: i) rejeitam, por meio de palavras ou ações, as regras democráticas do jogo; ii) tendem a negar a legitimidade de oponentes; iii) toleram e encorajam a violência; e iv) dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia. Para os autores, qualquer um desses sinais já marca um forte indício de que ali exista um possível problema.

No entanto, todo esse raciocínio sobre como discernir um candidato de caráter ditatorial estava sujeito ao funcionamento da democracia, o que nos remete ao pensamento do filósofo iluminista francês Voltaire, que ilustra o ideal da liberdade postulado já no contexto do Século das Luzes: “Discordo do que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo”. Em continuidade a esse pensamento, como levantam os autores, “Democracias, afinal, não devem banir partidos ou proibir candidatos de concorrer em eleições – e nós não advogamos medidas desse tipo.” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 34). É nesse contexto que se torna imprescindível o funcionamento dos partidos eleitorais, que servem como filtro e, assim, agem, de acordo com os autores, como guardiões da democracia.

No encadeamento dessa concepção, Levitsky e Ziblatt finalizam o capítulo evidenciando um conjunto de comportamentos partidários que, no decorrer da história, foram fundamentais para garantir a conservação da democracia. Um exemplo nítido ocorreu nos Estados Unidos, que, mesmo lidando com extremistas, conseguiram estabelecer a democracia – isso, na visão dos autores, até 2016, quando se colocava em questão a democracia sob o mandato de Donald John Trump.

Na análise do capítulo, percebe-se a ótima estruturação e linha de raciocínio que os escritores demonstram ao leitor. O livro se fundamenta a partir de um conjunto de análises de movimentos ditatoriais quem dão alicerce ao texto e consegue trabalhar de forma objetiva o processo até as conclusões, que no capítulo em exame envolvem desde os sinais de alerta a até mesmo os comportamentos partidários em prol da democracia.

Contudo, um contraponto muito evidente no decorrer do texto é o uso de linguagem específica, como quando os autores usam os termos *outsider*, *establishment* e diversos outros jargões que nos remetem tanto a linguagens políticas quanto a movimentos históricos. Além disso, embora os autores tratem de forma global o assunto, percebe-se como a intenção é direcionar o tema para o contexto estadunidense. Apesar de tudo isso, o capítulo cumpre com excelência a proposta no que tange uma análise a respeito do autoritarismo. Dessa forma, esse texto é recomendado para qualquer pessoa que deseje compreender mais sobre política, principalmente no que se refere ao funcionamento da democracia, e sobretudo para acadêmicos que desejem se aprofundar ainda mais a respeito da política na atualidade.

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O AMOR

BRIEF encounter. David Lean. Londres: Cineguild Productions, 1945. 86 min, p&b.

Na contemporaneidade, as relações sociais se tornaram cada vez mais superficiais, motivadas pelo soerguimento de sistemas como a internet. Ao mesmo tempo em que as pessoas podem interagir com mais facilidade, o contato progressivamente diminui. Em vista disso, torna-se imprescindível associar essa discussão à ideia de modernidade líquida, postulada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que tem como alvo analisar a transição da sociedade até uma modernidade em que as constantes incertezas colocam as relações tradicionais em xeque. Todavia, anteriormente a essa liquidez, haveria uma modernidade sólida, em que as relações tinham como matriz a certeza e na qual cada indivíduo tinha um papel e uma função social.

Nesse contexto, as vivências eram burocratizadas, isto é, um conjunto de regras e deveres era responsável por ditar os papéis sociais, levando à construção de um cotidiano muitas vezes repetitivo e enfadonho. E é justamente isso que o filme *Brief Encounter* (em português, *Desencanto*), do cineasta britânico David Lean, atém-se a abordar. Lançado em 1945 e considerado o melhor romance de todos os tempos segundo a revista britânica *Time Out*, o filme introduz ao público um momento da vida de Laura Jesson. De forma análoga à de filmes de romance da modernice, como *Me before you* e *Kimi no Na Wa*, a obra cinematográfica, já naquele período, explora um relacionamento inovador. Uma mãe, imersa a uma rotina muitas vezes monótona e desgastante, acaba se envolvendo em uma paixão extraconjugal.

Assim, o ganhador de dois óscares desafia-se a lidar com o conservadorismo da primeira metade do século XX, a partir da existência de um novo amor na vida da protagonista. Diferentemente de outros grandes títulos de Lean, como *Ponte do Rio Kwai* e *Lawrance of Arabia*, em que o diretor trabalha contextos de grande ação e reviravoltas, este filme aborda uma temática muito mais corriqueira. Concentra-se na

vida convencional de uma mulher inglesa de classe social média, do início do século XX, que não sabe como lidar com um novo romance; afinal, sua vida e família já estavam consolidadas naquele momento.

Com início em um café em uma estação ferroviária, o filme se inicia com uma estranha e breve despedida entre Alec Harvey, um clínico geral que acabava de ser chamado a trabalho em Joanesburgo, e Laura Jesson. Todavia, essa despedida é interrompida por Dolly Missiter, uma conhecida de Laura que estava de passagem e, ao ver a amiga passando por um mal-estar, resolve acompanhá-la de volta a caminho de casa. Nesse momento, o público é apresentado aos constantes pensamentos de Laura, que, naquele momento, via-se aflita, pois havia feito algo, mas não podia contar a ninguém. De volta à sua casa, a mulher, ao se deparar com os filhos e marido, apresenta-se ainda mais abalada. Quando a protagonista se senta em frente ao marido, descobrimos a causa, em meio aos seus pensamentos conturbados e repreensores, de ela trair seu marido. É justamente por meio das reminiscências da personagem que temos acesso a como a indesejada relação veio a acontecer.

A história, de fato, começa novamente naquele mesmo café, aonde Laura ia todas as quintas-feiras fazer as compras e se distrair no cinema. Na volta a casa, após um almoço no café, a mulher é atingida por um cisco no olho e, com a visão parcialmente comprometida, volta à lanchonete para resolver o problema. Lá, conhece o doutor Alec, que gentilmente tira de seu olho um pequeno fragmento de areia. Agradecida, a mulher volta para casa normalmente.

Inusitadamente, a dona de casa acaba reencontrando o gentil rapaz na semana seguinte, durante sua ida às compras. Novamente, também de forma inesperada, os dois acabam almoçando juntos e se conhecem melhor e vão ao cinema juntos. Ironicamente, as propagandas que antecedem consistem na publicidade do filme *Flames of Passion* (*Chamas da Paixão*), uma sensual história de amor, seguida da propaganda de um carrinho de bebê, de modo a lembrá-los de suas respectivas famílias e reforçar ao espectador como o peso do adultério os persegue nas mais diversas situações.

SUMÁRIO

De volta a caminho de casa, os dois conversam sobre suas famílias e percebem, já nesse instante, que um não podia ficar sem o outro, mas não poderiam simplesmente deixar-se levar pelas emoções. Torna-se importantíssimo ressaltar que o filme se passa na década de 40 do século XX, contexto no qual o melodrama se pautava em amores intensos e sofridos, sob a perspectiva da mulher. Vale, a propósito, lembrar a ideia de desencantamento do mundo, desenvolvida por Max Weber em relação ao processo de racionalização da vida. À medida que esta se torna mais objetiva, a ciência acaba substituindo os pensamentos místicos e levando à regulamentação das relações sociais. Tudo isso consolida um cotidiano muitas vezes acelerado e enfadonho. Dessa forma, quando os personagens, às voltas com o enfado de suas vidas demasiadamente pacatas e, pois, carentes de viço, deparam-se com essas novas emoções e logo começam a sentir algo um pelo outro.

Nesse prazer das pequenas infrações, em que o adultério, aparentemente, mal se consuma em união carnal, ambos se encontram. Combinando de se encontrar novamente, mais vezes, todas as quintas-feiras. Porém, Laura é tomada de assalto pela culpa quando, ao chegar a casa após um encontro, depara-se com a notícia de que seu filho havia sido atropelado. Mesmo assim, a protagonista aparece mais uma vez no local combinado, com o pensamento de que essa seria a última vez, pois haviam prometido um ao outro. Movida por sentimentos contrapostos, a dona de casa se sente compelida aos encontros furtivos com seu amigo, porém, lembrada o tempo todo de sua condição de mãe e esposa, sucumbe ao sentimento de culpa. Uma vez que não temos acesso aos conflitos psíquicos de Alec senão pela mediação de seu par romântico, somos impelidos, por vezes, a considerarmos o sentimento de Laura mais intenso e genuíno, mas de fato os dois se apaixonam mutuamente, ainda que relutem ao máximo, e na estação de trem ocorre o primeiro beijo.

Sempre que retorna ao seu confortável e pacífico lar, a personagem é sondada por um misto de remorso e compaixão por

SUMÁRIO

seu marido, cuja postura afável reforça ao espectador o quão valiosa é a família da qual Laura teria de abrir mão se quisesse manter o romance. Em contrapartida, a construção do marido como um homem dessexualizado e sem atrativos parece justificar, também ao espectador, a inevitável atração da mulher por um charmoso estranho.

De fato, a culpa se torna um dos fatores determinantes para a trama, mas a esta altura eles não conseguem mais se evitar. Apesar do sentimento recíproco, os dois não podem deixar que o romance se torne ainda mais profundo, já que são comprometidos com as respectivas famílias. Ademais, surge um novo empecilho quando o médico é chamado para trabalhar em Joanesburgo.

Na análise do filme, percebe-se a perfeita estruturação que o diretor consegue criar. Uma história que consegue, durante toda a trama, fazer o leitor se envolver com muita facilidade, principalmente por causa da simplicidade do seu enredo. Ao representar um convencional cotidiano, Lean faz com que pequenos acontecimentos rotineiros coloquem em pauta a sociedade que ele tenta representar. E, dessa forma, consegue criar um filme que, mesmo em preto e branco, consegue atrair telespectadores do século XXI.

Ousado para seu contexto de produção, o filme não hesita em abordar o tema do adultério em uma época na qual o casamento era tido como o apogeu na vida de uma mulher. *Desencanto* mostra como o amor extraconjugal, tema aparentemente frívolo, é muito mais complexo do que pode parecer à primeira vista. Diante de tudo exposto, o filme é certamente recomendado, sobretudo, para um público mais adulto, pois assim consegue envolver mais os telespectadores, que se veem na trama da história. Por fim, esse filme é recomendado para o público que, além de gostar de histórias de romance com um enredo inovador, busque entender um pouco mais sobre os relacionamentos com um dos mais belos filmes de romance da história da sétima arte.

SUMÁRIO

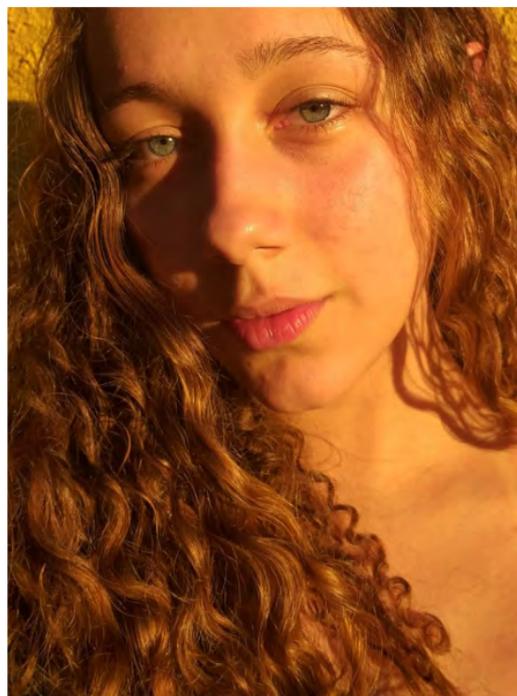


2

**ANA CLARA
GONÇALVES
ARMANELLI**

PERFIL BIOGRÁFICO

Ana Clara Gonçalves Armanelli, ou apenas Ana, como prefere ser chamada, é uma virginiana de 16 anos que, apaixonada pela leitura, aprendeu a observar o mundo de forma díspar e crítica. Desde criança, teve preferência por livros de distopia, mas, com o passar dos anos e com o amadurecimento da vida estudantil, aprendeu a apreciar a literatura brasileira, e seu livro predileto é o romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.



Ingressar no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG) foi a realização de um sonho e um importante e decisivo passo para seu futuro. Optou pelo curso técnico integrado em Equipamentos Biomédicos, por conta de seu grande apreço pela área da saúde,

SUMÁRIO

e agora está mais certa do que nunca que pretende segui-la. Ana aprendeu, sozinha, aos nove anos de idade, a tocar piano e é uma amante particular da música clássica e seu músico favorito é Tchaikovsky. Apesar de prezar pela calmaria de um piano, sempre esteve muito ligada aos esportes, tendo já praticado, desde os cinco anos, ginástica olímpica, *ballet* clássico, *jazz*, *ballet* contemporâneo e natação. Um de seus maiores sonhos é viajar pelo mundo e conhecer novas pessoas e culturas, seja como turista, seja como voluntária de ONG's como a “Cruz Vermelha”, que também é um de seus sonhos.

VIVA!

Quando, em meados do século XIX, Victor Hugo escreveu sua obra-prima, *Les Misérables*, a ansiedade em relação ao processo de editoração o legou a escreveu, a seu editor, a carta mais curta da história: “?”. A resposta, igualmente breve, foi: “!”. Ambos se entenderam e o livro foi um sucesso. Mal sabia o escritor francês que, séculos mais tarde, seu “?” se tornaria lugar-comum em correspondências apressadas que trocamos pelo *WhatsApp* ou pelo *Direct* do *Instagram*. A excepcionalidade do romancista se tornou regra sob o fluxo vertiginoso das tecnologias de informação e comunicação.

Com efeito, a tecnologia tem sido a chave para a evolução de toda a humanidade, e por evolução não me remeto necessariamente a melhorias, mas, antes, a transformações – afinal, a bomba atômica foi resultado da evolução da indústria bélica. Essa evolução está supostamente reverbera em um padrão de vida muito melhor do que o de décadas passadas, uma vez que dispomos de aparatos tecnológicos sem os quais não nos imaginamos mais. Na medicina, temos micropartículas robotizadas capazes de monitorar internamente um organismo e, com satélites artificiais espalhados por toda a exosfera, a comunicação se tornou mais fácil e o acesso a informações sobre toda sorte de assuntos disponível com um simples toque na tela.

SUMÁRIO

Ainda assim, aqueles, entre nós, que já contaram muitas primaveras são testemunhas vivas de um tempo em que nem tudo isso era possível, quando milhares de pessoas morriam sem sequer saber o diagnóstico de sua doença, ou quando ainda era necessário remeter cartas a um ente querido em vez de simplesmente enviar uma mensagem de texto via *WhatsApp*.

No presente, talvez sejamos considerados “sortudos” por termos tantas facilidades em mãos. Mas nem tudo são flores: em contrapartida aos incontáveis benefícios, o desenvolvimento da tecnologia também nos trouxe alguns males oriundos não da tecnologia em si, mas da forma como as utilizamos e do quanto temos ficado cada vez mais dependentes. A cada dia nos escondemos mais e mais atrás de telas de celulares, *sites* de relacionamentos e redes sociais, em que tudo quanto vemos é uma extensa vitrine de pessoas belas, felizes e saudáveis, como se vivessem numa eterna Ilha de Caras. Conforme a jornalista Sydney Harris, “[o] perigo de verdade não é que computadores passem a pensar como humanos, mas sim que humanos passem a pensar como computadores”. Não me tomem por pessimista, mas é exatamente isto que está acontecendo: estamos nos tornando pessoas alienadas.

Se te perguntassem a última vez que apreciou a calma de um pôr do sol ou as estrelas brilhantes pela noite, você saberia responder? Bem, talvez não seja tão simples assim lembrar momentos como esses. Temos andado muito ocupados nos últimos tempos, com nossos trabalhos estressantes e boletos a pagar, em busca de uma casa maior ou de um carro mais novo, dando o melhor de nós mesmo para conseguir o melhor emprego e, quando sobra um curto espaço de tempo, entretemo-nos com nossos mundos virtuais. Em um passado não tão distante, nossos avós acordavam com o galo cantando e assistiam ao sol nascer bem devagar no horizonte. Aquilo era nada menos que uma rotina ou nossos pais que faziam de uma rua vazia e alguns amigos alegria garantida pro resto do dia? Os pequenos

SUMÁRIO

brincavam de corre-cotia até que não lhes restasse mais energia, pois não havia tantos veículos à espreita, tampouco videogames.

Hoje, crianças de cinco anos não pedem mais carrinhos ou bonecas aos seus pais no natal; pedem um *tablet* novo, um videogame mais divertido...nem sequer sabem o que é brincar com os amigos ao lusco-fusco. Valores ensinados a elas pelos próprios pais são delegados a outrem, já que, sem tempo disponível para os filhos, acabam optando por mantê-los entretidos em jogos virtuais de cunho, por vezes, nada pueril. Será que daqui alguns anos ainda jantaremos todos à mesa, conversando sobre o dia que se findava? Ainda saberemos qual é a cor do céu no crepúsculo vespertino? Ou estaremos ainda ocupados demais com nossos trabalhos e redes sociais? Talvez já saibamos a resposta.

Estamos aos poucos perdendo o significado do que é viver e, pior, estamos tirando isso uns dos outros. A falácia da felicidade através do esforço do trabalho é mais pesada e profunda com o passar dos anos. Isso, associado à interação tecnológica que temos hoje, faz com que nos esqueçamos de algumas coisas simples, mas que enchem a alma, como admirar a imensidão de uma noite estrelada ou apenas tomar um chá ao ler um livro.

E a cada dia o mundo tem mais pessoas que existem e deixam de viver.

CARTA AO MEU EU FUTURO...

Belo Horizonte, 2020.

Querida Ana Clara,

Aqui, em 2020, as coisas andam difíceis! São tempos incertos.... Talvez você ainda se lembre de como é estar em quarentena – pois é, não muito legal. Bem, Ana do futuro, quero que você não esqueça a sua origem, e por isso lhe escrevo.



SUMÁRIO

Hoje sonho em viajar o mundo, conhecer novas culturas, pessoas, ideologias e pensamentos. Quero experiências para serem lembradas pelo resto da vida. Torço para que você não tenha se esquecido disso, nem se deixado levar pelo mundo frenético e ocupado em que vivemos ou pela falácia da felicidade comprada pelo trabalho e pelo dinheiro.

Meu desejo é que você não se perca em tentativas amargas e não se torne pequena diante das dificuldades. A dor, às vezes, é necessária: nem sempre as coisas vão se mostrar simples ou as circunstâncias favoráveis, e acredito que saiba disso melhor do que eu, já que, com os anos, também vêm as experiências – mas de qualquer forma é bom lembrar!

Espero que você tenha mudado! Não podemos ser os mesmos para sempre; a mudança é inevitável e constante, mas não deixe que essa mudança roube de você aquela menina que hoje lhe escreve.

Aqui, deixo toda a minha essência plena de esperanças e desejos: meu desejo de continuar, de seguir aprendendo, de ensinar, e minha esperança de um mundo melhor...

Ah! Antes que eu me esqueça, espero que você pare de planejar tudo nos mínimos detalhes; afinal, a vida é tão confusa e incerta quanto uma declaração de amor aos dezesseis....

O futuro me assusta, para ser sincera. Pensar que um dia me tornarei você é apavorante e... desafiador! Acredito que esse sentimento faça parte do processo, mas hoje eu não quero ser ninguém além de mim mesma. E quero que você, Ana, não esqueça a sua origem. Por mais que as coisas mudem, nunca se esqueça de quem é, de onde veio e para onde você quer ir.

“A mudança é a lei da vida. E aqueles que olham somente para o passado ou para o presente estão destinados a perder o futuro.” – John F. Kennedy



3

**ANA LUIZA
RIBAS
PONCIANO**

PERFIL BIOGRÁFICO

Ana Luiza Ribas Ponciano é uma jovem nascida em 2003. Desde os cinco anos, ainda antes de ingressar no Ensino Fundamental, já cultivava o hábito da leitura de forma autônoma, inserindo a literatura em sua vida profundamente. Ao longo de sua infância, manteve constante busca pela introdução a novas culturas e idiomas, hábito que perdura até os dias de hoje. Atualmente, estudar línguas estrangeiras de forma autodidata é seu principal *hobby*, assim como consumir diferentes tipos de conteúdo provenientes destas.



Desenhar, mais especificamente imagens realistas, é outra atividade ressaltante em seu envolvimento com a área de linguagens. A aprovação no processo seletivo do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) se deu, igualmente, por meio de estudos autodidatas. Optou pelo curso de Eletrônica por se tratar de um âmbito

SUMÁRIO

estritamente ligado à área de Exatas, que sempre fora seu maior interesse profissional. Ao se aprofundar nesse campo, descobriu ser este seu verdadeiro desejo, que se difere enormemente de Psiquiatria, sua área de interesse desde a infância. No que tange ao seu futuro, pensa em se formar em Engenharia Eletrônica. A habilidade e, conseqüentemente, a paixão por ambos os domínios de Linguagens e Exatas é um traço demasiadamente forte de sua personalidade. Ficção científica é seu tipo favorito de conteúdo audiovisual e rock clássico seu gênero musical predileto.

UTOPIA

No inferno os lugares mais quentes são reservados àqueles que escolheram a neutralidade em tempo de crise.

Dante Alighieri

A canção “Como Nossos Pais”, gravada por Elis Regina em 1976, retrata uma realidade na qual o tempo é incapaz de progredir de forma similar. É fato que todos os aspectos de nossa sociedade atual estão estabelecidos de acordo com as decisões tomadas por figuras influentes no nosso passado, sejam estas uma massa ou um indivíduo. Acentua-se também o aspecto da incapacidade de evolução pontuado na obra, em que o Eu lírico designa as configurações de distintas gerações como similares.

Na primeira parte da canção, percebemos como o eu lírico busca se afastar de sua herança histórica mais próxima, visando a uma experiência de vida única e independente das que antes ali eram vividas. No mundo contemporâneo, muitas ideologias, ações e justificativas para tais são tidas como uma forma de nos mantermos na zona de conforto, visto que, para que possamos evoluir e mudar aspectos

já tão entranhados em nossos conceitos, temos de nos desvencilhar destes. Vale, a propósito, citar Sócrates: “Se todos os nossos infortúnios fossem colocados juntos e, posteriormente, repartidos em partes iguais por cada um de nós, ficaríamos muito felizes se pudéssemos ter apenas, de novo, só os nossos”. Nessa citação, podemos perceber como o filósofo explicita o egoísmo em nós mesmos, que, comumente, buscamos sempre analisar nossos impactos de forma individual, sem ponderar que pertencemos a uma sociedade como um todo.

Adicionalmente, é importante notarmos que, mesmo que tenhamos evoluído significativamente, nossa sociedade ainda encontra diversos problemas, explicitados na segunda parte da canção de Elis Regina. A causa LGBTQ+ no mundo é uma forma de exemplificar tais dilemas, uma vez que, para que os integrantes da comunidade tivessem os direitos que possuem hoje, figuras do passado tiveram que lutar para isso. No dia 28 de junho de 1969, começou-se a Revolta de Stonewall, movimento deveras importante para uma visão cada vez menos marginalizadora. Contudo, pessoas LGBTQ+ ainda são vistas como inferiores e não alcançaram os direitos mínimos de um ser humano e cidadão atualmente.

Cabe também discutirmos sobre nosso futuro, esse desconhecido, mas ao mesmo tempo assustadoramente previsível. Como já pontuado previamente, sabemos que, para que mudemos nossos paradigmas e criemos novos padrões visando a uma sociedade melhor e também mais inclusiva, temos de mudar nossos pensamentos de forma individual, de modo que então abranjamos tais configurações e possamos incluí-las em nossos conceitos enquanto sociedade. Muitos criticam os aspectos ruins de nosso conjunto como cidadãos, mas não buscam aprimorar sua própria concepção da vida como um ser individual, realizando, assim, uma mudança interior.

“Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo”, lecionou Platão no período clássico da Grécia Antiga (V a IV a.C.). Mesmo após mais de 2.500 anos, sua lição se aplica de

SUMÁRIO

forma exata ao mundo em que vivemos hoje. Tem-se então, mais uma exemplificação do quanto, apesar do transcurso do tempo, pouco se mudou quanto à visão do homem sobre seu mundo.

Construir uma sociedade igualitária é o maior objetivo que deveríamos ter inicialmente. Conceder a todos os indivíduos igualdade completa e absoluta é apenas o primeiro passo para que tenhamos a nossa utopia tão almejada. Tomando de empréstimo as palavras de Raul Seixas em *Ouro de Tolo*, podemos visualizar perfeitamente a crítica sobre esse tópico: “Eu é que não me sento no trono de um apartamento, com a boca escancarada, cheia de dentes, esperando a morte chegar”. Clamar por direitos, poderes e mudanças é o feito principal do ser humano desde os primórdios da vida. Todavia, mover-se e mudar-se, objetivando a realização efetiva de tais quereres, é completamente inabitual para nós. Raul então nos diz que ele, almejando a metamorfose de si como sujeito e da sociedade como conjunto, intervirá em tudo que estiver ao seu alcance, para que, ao fim de sua vida, tenha sido a diferença que tanto pedia.

Podemos perceber como somos, de fato, demasiadamente similares aos nossos pais, assim como estes são similares aos seus. A evolução da sociedade é algo que sempre deixará vários descontentes e estes, então, devem fazer suas mudanças singulares, para que possam sempre caminhar de forma sucessiva em direção à utopia almejada.

Pois todos somos, fomos e seremos como um só e como todos simultaneamente.

SOBRE O NARCISISMO

Nos dias de hoje, o narcisismo presente na essência de todo ser humano vem sendo cada vez mais disseminado, ultrapassando, por diversas vezes, a linha tênue entre a liberdade de expressão e o discurso

de ódio. No que tange ao ponto da expressão notória do narcisismo humano atualmente, é possível relacioná-lo aos diversos pronunciamentos feitos em redes sociais, nos quais é evidente a similaridade entre o locutor e o ouvinte, no que se refere ao tema a ser criticado.

O ensejo desmedidamente aproveitado pelos narcisos atualmente: a internet. Com a ampliação em demasia das facilidades em nos expressarmos nos dias de hoje, veio em conjunto a liberdade ilusória de poder disseminarmos nossa opinião de modo a retalhar aqueles que nos gerem desgosto ou incômodo. A necessidade exorbitante de fazer-se superior a outro traz ao ser humano a carência de sobressaltar os quesitos negativos de outrem, para que, assim, possa vangloriar suas próprias qualidades. Todavia, é perceptível a uniformidade entre aqueles que fazem sua – inexistente – superioridade sobre o Outro e aqueles que sofrem com a dada represália.

Cabe mencionar, sequencialmente, a designação criada por Sigmund Freud no que diz respeito à similaridade entre o narciso e seu alvo: “o narcisismo das pequenas diferenças”. De modo similar, Oscar Wilde, em sua versão de *Narciso e o Lago*, apresenta um personagem homônimo que se olhava no lago incessantemente. Contudo, um dia vai-se embora, deixando o outro a lastimar. Quando questionado sobre os motivos de seu pranto copioso, o lago nega que seja a falta de Narciso, mas, sim, a falta de apreciar-se no reflexo dos olhos deste. Com esta interpretação de Wilde, podemos constituir de forma simples o conceito de narcisismo, no qual, mesmo olhando intimamente para o Outro, tudo o que podemos ver é nos mesmos. Com isso, é possível perceber o porquê de serem atacados aqueles mais parecidos conosco, uma vez que a integridade narcísica do Eu é ameaçada quando nos sentimos julgados ou diminuídos por aqueles com pensamentos similares aos nossos. Somos narcisos entre nós, em uma determinada sociedade embasada em conceitos semelhantes, entre iguais.

Além disso, o narcisismo presente em nós nos faz crer que o Outro, aquele que compartilha de ideias diferentes das nossas, é

ignorante e incoerente em seus julgamentos, o que nos faz considerar inválida sua percepção de nós mesmos. Entretanto, julgamentos daqueles que dividem do mesmo juízo que o nosso acabam por ferir nosso narciso interior, uma vez que vemos nesses o reflexo de nós mesmos. Visando a desviar-se da injúria sofrida ao se sentir praticamente criticado por si próprio, o ser humano busca formas de contra-atacar. Daí os demasiados discursos de ódio disseminados pela via de mais fácil anonimidade, a internet. Julgar o próximo de forma a fingir não ser tão parecido com este é, decididamente, a única via possível, visto que julgar estes é julgar nós mesmos, e o narciso existente em nosso Eu desde os primórdios da humanidade nos impede de cometer tal ato. Dessa maneira, a disseminação de discursos de ódio que, atualmente, ultrapassam exorbitantemente o limite entre este e a liberdade de expressão, é algo que está impregnado âmagos de todos nós.

Contudo, é absolutamente inaceitável a injúria contra o próximo para que satisfaçamos nossas próprias necessidades supérfluas. Por isso, de modo a cessar propagação de desacatos virtuais, as plataformas responsáveis devem gerenciar de forma mais específica o que pode ou não ser publicado ou enviado para outros. A fim de conter as injúrias verbais realizadas de modo presencial, deve-se aperfeiçoar as vigilâncias e audiências, bem como posteriores julgamentos, no que diz respeito ao aspecto de desacato ao próximo. Assim, os direitos de liberdade de expressão não serão afetados, mas os limites para que não haja discursos de ódio serão estabelecidos.

SUMÁRIO



4

**BÁRBARA
CRISTINA
NUNES PEREIRA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Bárbara Cristina Nunes Pereira nasceu em 2004. Desde muito jovem, sempre foi criativa, observadora, detalhista e sonhadora – jamais desistiu de alcançar seus objetivos. Sempre residiu em Brumadinho, no interior de Minas Gerais, cidade pela qual tem muito carinho. Ao pensar no futuro, Bárbara almeja ingressar em uma faculdade para cursar odontologia, medicina ou música, três dos cursos que mais lhe interessam.



SUMÁRIO

Ingressar no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), para cursar eletrônica, foi uma conquista que ratificou sua capacidade de realizar seus sonhos. Bárbara acredita que, independentemente da profissão que escolha, fará seu melhor para ajudar pessoas a mudar suas vidas para melhor. Para Bárbara, a arte, especialmente a música, tem um papel mais do que importante para uma vida de qualidade. Aos dez anos começou a cantar e aos 12 iniciou os estudos de violão e de música em geral. Também gosta de desenhar e de escrever seus próprios textos. Um de seus pensadores favoritos é Gilbert Keith Chesterton e, atualmente, suas principais referências musicais são Fábio Lima, Francisco Tárrega, Frank Sinatra, Banda Queen, Guilherme de Sá e a banda Rosa de Saron.

A METÁFORA E SEU ESTIGMA NO TRATAMENTO SOCIAL DE DOENÇAS GRAVES

SONTAG, Susan. Capítulo 8. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 38-45.

A metáfora consiste numa figura de linguagem utilizada para atribuir a uma palavra sentido figurado, isto é, diferente do literal. Tal artifício é comumente empregado tanto no meio artístico (em textos líricos, narrativos e dramáticos) quanto no dia a dia. Muitas vezes, pode trazer sentidos negativos, como no caso do tratamento social de pessoas com doenças graves.

Diante de tal perspectiva, a escritora e ativista estadunidense Susan Sontag (1933-2004) explana em seu livro *A doença como metáfora* (do original em inglês *Illness as Metaphor*, de 1978) o emprego de metáforas para representar doenças como a tuberculose, a sífilis e o câncer. O livro se divide em nove capítulos, dos quais o oitavo, em que Sontag apresenta o emprego negativo e malévolo do câncer e da tuberculose no cotidiano, é objeto de exame nesta resenha.

Na introdução ao tema, Sontag utiliza uma linguagem culta, mas de fácil entendimento, fazendo uma analogia entre o câncer e uma luta, na qual o câncer é estereotipado como uma doença “assassina”, da qual as pessoas são “vítimas”. Porém, apesar de, supostamente, a doença ser o réu, o doente também é culpado, tanto por ter sucumbido à moléstia quanto por não se recuperar.

Partindo da pestilência (peste bubônica), a ensaísta apresenta uma série de doenças endêmicas comumente utilizadas ao longo da história como qualificativas de uma desordem social. Assim, “pestilento” designava alguém injurioso à religião, à moral ou à tranquilidade pública; e pestilencial era uma denominação direcionada a algo ou alguém moralmente nocivo e pernicioso. A ensaísta ainda apresenta outras doenças utilizadas metaforicamente nos tempos modernos, como sífilis, tuberculose e câncer, mostrando como sentimentos sádicos são projetados sobre as doenças e como elas, investidas de mais significados, são projetadas no mundo.

A respeito da sífilis, uma doença sexualmente transmissível e conhecida por ser um mal silencioso, Sontag detalha seu tratamento como “um mal horrível, vulgar e aviltante”, adjetivos que a tornam passível de uso na evocação de sacrilégios por parte dos antidemocratas, bem como das polêmicas antissemitas dos séculos XIX e XX. Observa-se, então, que a colocação maléfica sobre as doenças pode extravasar o âmbito hospitalar, partindo para outras áreas de conhecimento, como a economia, a política e as diversas relações sociais, firmando um solo ainda mais seguro para uma vasta gama de significados e abordagens de palavras relacionadas a doenças. O caso da sífilis se complicava ainda mais, haja vista a maneira pela qual era contraída, trazendo ao doente um sentimento de repulsa, pois, conforme a autora, “a sífilis era o mais repugnante dos presentes, ‘transmitido’ ou ‘transportado’ por um portador, as vezes ignorante, ao destinatário que de nada suspeitava”.

No capítulo, a tuberculose, por sua vez, é relatada como uma desgraça misteriosa e de muitas causas, tornando-se uma metáfora ambígua entre um símbolo sofrimento e de refinamento. Ao contrário do câncer, a tuberculose estaria associada a um doente altamente vulnerável e com falta de energia, sabendo-se que tal sentimento não partiria do não desejo de ser produtivo e trabalhar. A tuberculose refletiria, assim como a sífilis, atitudes relacionadas à política e à economia – neste caso, a ações primitivas de acumulação capitalista, uma espécie de presunção da limitação dos desejos e prazeres.

Quanto ao câncer, Sontag cita uma das frases mais comuns a seu respeito: “o tratamento é pior do que a doença”, pois o corpo do doente está sob o ataque de um inimigo satânico e o tratamento agressivo seria a única forma disponível de contra-ataque. Desta forma, é possível perceber a semelhança talvez proposital entre a linguagem médica e a linguagem militar, pois ambas utilizam terminologias como matar, bombardear, explorar, invadir, vencer e muitas outras relativas à guerra. Outra metaforização da doença se encontra em uma visão de mundo simplista, como sinônimo de problemas sociais, políticos e econômicos em geral, como afirmou Albert Einstein a respeito do câncer da humanidade: “No entanto, creio profundamente na humanidade. Sei que este câncer de há muito deveria ter sido extirpado. Mas o bom senso dos homens é sistematicamente corrompido. E os culpados são: escola, imprensa, mundo dos negócios, mundo político”. A autora finaliza o capítulo assimilando a forma com a qual as doenças modernas trazem novamente à tona muitas metáforas relacionadas a doenças endêmicas que atingiram a comunidade antiga.

Tais metáforas e ressignificações para doenças são capazes de gerar estigmas, ou seja, marcas em geral sociais a respeito destas mesmas, fazendo com que percam sua real definição e sejam então entendidas, nessa ressignificação, como problemas e conjecturas a serem abolidas. Tal tratamento, associado a todas as dificuldades

SUMÁRIO

enfrentadas pelo doente, pode fazer com que este se veja cada vez mais exilado de sua comunidade, vendo a si próprio como um problema ou alguém que precisa de reparos para se encaixar, se sentindo ofendido pelo significado que sua doença possui.

O capítulo, portanto, promove uma reflexão a respeito do uso de doenças no cotidiano para se referir a problemas e situações ruins, o que muitas vezes pode deixar os doentes frustrados e culpáveis da conjuntura que enfrentam. A partir de uma variedade de exemplos instigantes, Sontag apresenta seu posicionamento social e político de forma simples e coerente. Por conseguinte, o texto é muito interessante e de fácil compreensão, tanto para profissionais quanto para entusiastas do assunto tratado, sendo desnecessários conhecimentos prévios específicos para um bom entendimento do capítulo.

A CADA DIA BASTA O SEU CUIDADO

*Não faças da tua vida um rascunho.
Poderás não ter tempo de passá-la a limpo.*

Mário Quintana

SUMÁRIO

Declarações como “Estou com pressa, agora não vai dar”, “Perdoe, não tenho tempo”, “Tenho mais o que fazer” e “Tenho que trabalhar” se tornaram corriqueiras no nosso vocabulário. Os pais já não falam mais com os filhos, os vizinhos não se juntam mais na rua para conversar, as crianças já não ficam até tarde brincando e nem mesmo os melhores amigos se veem mais. Já não se vive como outrora, quando, mesmo com todo o trabalho pesado e pouco recompensado, os adultos se cumprimentavam, papeavam e contemplavam a natureza. Já as crianças brincavam na rua sem se

preocupar se já era tarde ou não e, mesmo com toda a dificuldade que enfrentavam, eram possivelmente mais felizes.

No nosso tempo não se abraça mais, não se cuida um do outro. Algumas famílias não se sentam mais à mesa e não se reúnem em completo. Nós não visitamos pessoas queridas, salvo quando se vão deste mundo, e então percebemos que já é tarde demais. Muitos de nós não sabem se vivem a vida ou apenas esperam que ela acabe, pois abandonam suas dádivas mais caras: a família, os amigos, a natureza, os sorrisos, os abraços, as alegrias de assistir ao que gostamos e realizar o trabalho com amor e dedicação.

Assim, esquecemos que a vida é um sopro, que em menos de um segundo tudo muda, para melhor ou pior. Estamos com o papel e caneta em mãos para escrevermos nossa trajetória e, ainda mais, vivê-la de fato. O presente aguarda nossa decisão em fazer dele o melhor momento de nossas vidas, já que, com efeito, ele é o único que somos capazes de alterar. É preciso viver a intensidade de cada experiência, realizar cada atividade como se fosse a mais importante e se fazer presente naquele momento em vez de simplesmente fazer por fazer. O esquecimento de que somos meros instantes, de que o passado é imutável, de que o presente é o que há e de que o futuro ainda não foi construído faz com que usemos máscaras de bem-estar. A mudança de vida só ocorre quando saímos do comodismo de levar uma vida sem sentido e de murmuração, na qual o único resultado é a frustração de não possuir a felicidade construída dia após dia. Desligar-se um pouco para viver o que realmente importa não implica ser retrógrado nem segregado do mundo; é, antes, ser alguém capaz de viver e não simplesmente de existir. A canção “As pequenas coisas”, de Guilherme Sá, tange-nos à reflexão sobre estar em cada instante, em presenciar cada segundo: “Volta/ E aproveita a vida/ Já é mais tarde do que você pensa/ Lembre as boas memórias/ Cultive as pequenas coisas/ O bem sempre vence o mal/ Que tal ver que o motivo da felicidade/ Não é ter, é ser?/ Deixe acontecer/ Comece onde você está/ Faça o que puder/ Use o que tem/ Aos erros, o perdão/ Ao tempo, outra chance/ O melhor

SUMÁRIO

está por vir/ Tenha fé/ *Carpe diem/ Quam minimum credula postero*". A expressão latina que finaliza a canção significa "aproveite o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã" e foi escrita por Horácio Flaco (65 a.C.- 8 a.C.), um poeta e filósofo da Roma Antiga, no livro *Odes*, uma das obras mais importantes da literatura universal.

A canção "Tempo perdido", da banda brasileira Legião Urbana, também itera essa perspectiva e nos leva à percepção de que o tempo passado não pode retornar, mas que ainda temos algum tempo, o qual não podemos desassistir: "Todos os dias quando acordo/ Não tenho mais o tempo que passou/ Mas tenho muito tempo/ Temos todo o tempo do mundo/ Todos os dias antes de dormir/ Lembro e esqueço como foi o dia/ Sempre em frente/ Não temos tempo a perder". De fato, nossa construção de presente determina se somos melancólicos em relação a nosso passado e aflitos quanto ao futuro. Quando se descobre que a cada dia basta o seu cuidado, percebe-se que vale a pena viver todas as oportunidades e ocasiões, alegrias e tristezas, abraços e cuidados e tudo o que a experiência deixa como espólio.

Se somos em cada instante, acabamos por deduzir que, mesmo com todo o trabalho, angústia, tristeza e dificuldade, temos muito tempo para aquilo que julgávamos desnecessário. Escrevemos, assim, nossa história, não mais com lápis e borracha, mas, antes, com papel e caneta, pois entendemos que já é mais tarde do que imaginávamos e que cada instante é uma chance de ser aquilo que nunca pensávamos em nos tornar.

UM ANO PARA LEMBRAR

Daquele tempo me lembro
Da solidão, da quietude
De uma mente bagunçada
Do que senti em minha juventude

A calçada sempre vazia,
Os automóveis compunham a canção
Que preenchia nossos dias
Junto aos problemas na televisão

“Bomba atinge o Irã
Ameaça a 3ª guerra
Um intruso surge em Wuhan
Um novo vírus se revela”

Do auxílio corríamos atrás
Na saúde sem ministro
Buscando melhorias, um novo ar
Seguimos com medo, com riscos

Cores vivas perderam sua vida
Pela repulsa de ignorantes
Protestos giram pelo mundo inteiro
Gafanhotos avançam adiante

O presidente está doente
A cédula do guará já está no mercado
Os memes correram à solta
E o Líbano com uma explosão foi marcado

As lives já estavam no ar
Muito sertanejo, rock e samba
No pantanal o fogo queima
E Notre-Dame um luto ganha

SUMÁRIO

Joe Biden é eleito nos EUA
No Amapá a escuridão domina
Maradona termina sua história
E a alegria surge com as primeiras vacinas

O Natal daquele ano
Foi muito mais que especial
Pois, apesar da distância entre nós,
Vivemos todo ar celestial

No presépio a esperança
Nas luzes, um novo olhar
De pessoas que sofreram muito
Mas que tinham razões para sonhar

2020 foi um ano
Difícil para cada um de nós
Muitos problemas, dificuldades
Perdemos primos, amigos, avós

Daquele ano me lembro:
Apesar de triste, com muita alegria
Pois aprendemos como nunca antes
O valor que se tem a companhia.



SUMÁRIO



5

**BERNARDO
MACHADO
SILVANO CRUZ**

PERFIL BIOGRÁFICO

Bernardo Machado é um jovem nascido em 2005. Sempre apresentou apreço pelo aprendizado e curiosidade quanto ao mundo. Além disso, sempre se esforçou para alcançar os objetivos estabelecidos por ele mesmo. Nascido em Salvador, viveu em variados locais até que chegasse em Betim, Minas Gerais.



Tem o sonho de cursar medicina na UFMG e se especializar no ramo da ortopedia. Um de seus sonhos já alcançados foi o ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica, no curso de Eletrotécnica.

SUMÁRIO

Mesmo que não apresentasse muito interesse pela leitura, Bernardo desenvolveu grande admiração pelos artistas modernistas do século XX.

QUANTO TEMPO TEMOS

Creio que se pode concordar que algumas das melhores sensações que um ser humano poderia sentir em sua vida seria rir até sentir inexplicáveis dores abdominais e ter um relaxamento após uma semana corrida; enfim, os sentimentos do dia a dia são, incomparavelmente, os melhores. Quem pode se manter indiferente ao sentir o doce aroma exalado pela padaria ao lado de sua casa? Ninguém é capaz, pois o lugar onde essas pequenas coisas agem de forma inacreditável no nosso cérebro tem possivelmente uma avenida que se liga diretamente ao coração.

Há não muito tempo, em um dia comum, em um encontro rotineiro com conhecidos, repleto de momentos tão pequenos e ao mesmo tempo tão incríveis que mesmo que não memoráveis, me marcavam de sua própria maneira, pego-me pensando no fim daquilo. Qual seria o motivo? Quem se despediria primeiro? Mas a questão que mais chegou até minha mente foi “Quando?” O fim é uma certeza, mas quando? Quando teremos o nosso último encontro? Quando riremos até à exaustão pela última vez? Até quando teremos o tempo ao nosso lado e em que ponto o veremos como uma simples contagem regressiva?

Não conheço muito sobre a consciência das aves, mas sei que elas não são capazes de entender o tempo, nem sua passagem, seu envelhecimento ou assuntos que os seres humanos dizem – erroneamente – compreender; não sei dizer se o desconhecimento daquelas aves é uma maldição ou uma benção. Obviamente, a ignorância não é uma vantagem, mas até que ponto? Saber do fim e se sentir impotente quanto a ele... não me refiro necessariamente à morte, mas, sim, à passagem do tempo, a saber que o acaso irá decidir

quantos momentos pequenos e grandes você terá... ficar navegando na aleatoriedade do universo; qual o motivo de sabermos disso? Por que eu deveria dizer que “O fim é uma certeza, mas quando?” Infelizmente, meu caro leitor, eu realmente não sei.

Assim como um canário, não tenho ideia de quando vou morrer, quando irei experienciar alguns sentimentos pela última vez e não faço a menor ideia de quanto tempo temos.

O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS

De acordo com o conceito freudiano “narcisismo das pequenas diferenças”, há uma tendência, por parte do ser humano, em se envolver em conflitos com aqueles que se encontram em condições semelhantes à dele próprio, principalmente devido à projeção que o indivíduo faz, de si mesmo, em outrem, identificando mais facilmente as divergências e discordâncias. A partir disso, é possível explicar o porquê de a sociedade da informação e da globalização ampliarem a disseminação de ideais separatistas, intolerantes e antiéticos.

Com a crescente facilidade de comunicação e divulgação em larga escala dos mais variados tipos de assunto, cresceu também a expressão de ideias agressivas a grupos sociais ou a pessoas específicas. Mesclado ao conceito freudiano, pode-se concluir que, na sociedade da informação, as “pequenas diferenças” são, além de facilmente noticiadas, rapidamente divulgadas, ressaltadas e atacadas nas redes sociais. Basta fazer uma simples relação com o recente crescimento de imigrantes na América latina e em países europeus: imigrantes de origem extremamente similar ao país a que se destinam são extremamente marginalizados por, exatamente, pequenas diferenças.

Portanto, a rápida disseminação de ataques nas redes sociais, somada à falta de curiosidade do leitor para pesquisar sobre o assunto abordado, além da sensação de impunidade autor devido à sua dis-

SUMÁRIO

tância física em relação ao atacado, geram uma onda de agressões diretas ou indiretas (ataques a um grupo ao qual o interlocutor pertence), sem uma perspectiva de punição ou resposta pelos atos. Todas essas agressões ocorrem em nome da liberdade de expressão; porém, deve-se considerar, também, os direitos do atacado, como cidadão.

Empresas responsáveis por mídias sociais, principalmente o Twitter, devem adotar políticas mais restritivas em relação a ofensas e posicionamentos excludentes (como os homofóbicos, por exemplo), tomando como principal forma de contenção o banimento permanente da conta que teve envolvimento na disseminação de discursos de ódio. Para que tal moderação seja executada, deve haver administradores, por região, do uso da rede social. Assim, é possível proceder a uma análise mais específica de precisa de cada caso, diferentemente dos banimentos gerais e esporádicos feitos pela rede atualmente.

FILME RUIM É BOM PRA CARAMBA

Não sei dizer corretamente o que seria uma música boa ou ruim. Isso depende apenas de sua qualidade sonora? Da complexidade do instrumental? Do número de ligados que existem nas faixas de guitarra? Ou apenas do gosto e da vivência de cada um? Talvez a pergunta não seja tão complexa para pessoas com gostos mais bem definidos, justamente o meu oposto; soteropolitano, filho de pais roqueiros, forjado no axé e nos Rolling Stones, consigo simpatizar com qualquer música nessa gigantesca paleta.

Certa vez, em um dos meus longos deslocamentos de ônibus, ouvindo algumas canções, minha *playlist* chega a um dos meus gêneros favoritos, o *trap* mineiro. Todo o meu tempo em Minas e todas as minhas relações sociais me fizeram ter apreço por tal tipo de música. No entanto, nesse dia específico, meu senso crítico começou a perceber toda a pobreza melódica e simplicidade da letra daquela música que eu tanto

SUMÁRIO

amo; mesmo assim, optei por não a pular. Gostar de algo não significa, necessariamente, apreciar a qualidade técnica ou a revolução feita pela obra no seu cenário; afinal, apenas as memórias que a música traz à tona são o suficiente para curtir a simplicidade sem se preocupar em analisar cada trecho. O amor por algo é puramente irracional.

Há alguns anos, comprei um filme (de qualidade e originalidade extremamente duvidosas) em uma banca de minha cidade. Como era de se esperar, a obra era tão ruim que aquilo que deveria ser uma ação ou aventura gerava risadas; mas há algo de que eu nunca me esqueço: numa nota de observação nas legendas ao fim do filme, deixada pelo tradutor, lia-se “Filme ruim é bom pra caramba”. Realmente. O tradutor estava corretíssimo: mesmo sem qualidade alguma, a sensação de assistir àquele filme foi impagável à sua própria maneira.

Nada é puramente ruim, ainda que não seja nada grandioso ou complexo, como um filme ruim ou uma música fraca. Mas, bem, não devemos procurar padrões lógicos ou perfeições técnicas. Podemos, no meio das confusões do mundo, deixar-nos levar pelo irracional e entender que filme ruim é bom pra caramba.

SUMÁRIO

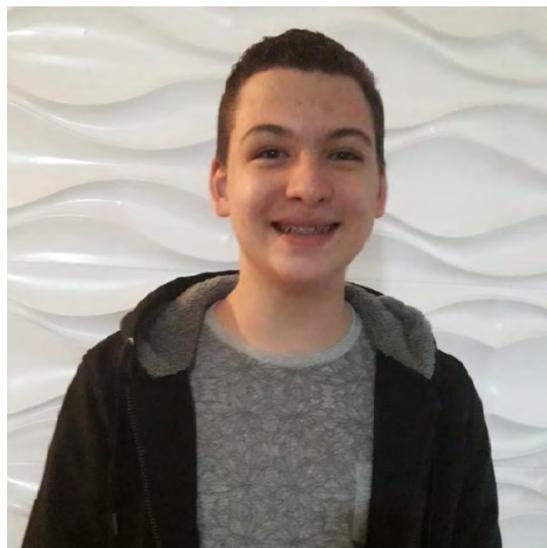


6

**FHILIP
HENRIQUE
COLHADO**

PERFIL BIOGRÁFICO

Fhilip Henrique Colhado nasceu no ano 2005. Desde cedo, o funcionamento de tudo a seu redor o fascinava. Possuía, quando menor, apreço especial pelas matérias de matemática e ciências. Com o passar do tempo, cultivaria um encanto pelas engenharias.



O ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG) como estudante do curso técnico integrado de Eletrônica foi um evento que mudou sua vida para sempre. Afinal, nessa instituição ele pode estudar mais profundamente dois assuntos que são de grande interesse: a eletrônica, à qual se dedica por meio do ensino técnico provido pela instituição, e a engenharia aeroespacial, que estuda como participante do projeto Cefast aerodesign. Tem interesse em algumas outras áreas de estudo que considera muito fascinantes, como economia, ciência política e programação. Dentre seus *hobbies* estão ler, construir aeromodelos, programar e estudar economia casualmente. As pessoas em que mais se inspira são Warren Buffett, William Ackman e Marcos Pontes.

O APRENDIZADO NÃO TEM IDADE

Eu e meu avô, que reside no interior e vende ovos, tínhamos um ritual: quando eu era mais novo, toda vez que o visitava ele me mostrava seu caderno de anotações das finanças dele e de minha vó; além disso, contávamos e separávamos o dinheiro proveniente da venda dos ovos. E lembro, como se fosse agora, sua instrução:

- Separa tudo direitinho, em montinhos de dez notas.
- Tá bom, vô.
- Não coloca a mão no olho e nem na boca, ein?

E ali ficávamos a tarde toda, separando notas e moedas, até que chegava a hora mais esperada do dia: o momento de separar o que era do meu vô e o que ele deveria pagar à granja.

Toda vez que chegava essa hora eu fazia a mesma pergunta:

– Mas, vô, por que isso tudo é para eles e tão pouco para o senhor?

Com um olhar desanimado, ele respondia:

- É assim mesmo, meu filho. Esse é o combinado.
- Mas o senhor trabalhou tanto, vô!

E ele sempre respondia:

– Estude, para no futuro você conseguir uma profissão muito melhor.

– Eu vou, vô! Eu prometo.

– Quando eu tinha sua idade, não tive essa oportunidade. Mas estude, porque o conhecimento é a única coisa que ninguém pode te roubar.

– Eu vou estudar, sim, vô. Mas por que o senhor não estudou?

– Meu filho, na minha época não tive oportunidade. Tive que começar a trabalhar cedo para ajudar em casa, a vida era difícil, mas graças a Deus eu nunca passei fome.

– Entendi. Mas o senhor voltou a estudar?

– Sim, sua vó me incentivou, depois de velho, a completar o segundo grau.

Enquanto ele falava, sorrindo, minha vó ouvia a conversa de longe e comentou:

– Depois que eu convenci seu vô a voltar para acabar o segundo grau, ele até gostou da ideia. Seu vô foi um ótimo aluno e ia feliz para o EJA. Eu acho que no fundo ele até gosta de estudar.

E todos nós rimos.

– É verdade, confirmou ele, eu gostava de estudar mesmo e me sentia realizado a cada aula que eu assistia.

– Que legal, vô! Que bom que você teve a chance de se formar e concluir essa etapa na sua vida.

– Graças a Deus, meu filho, aprendi muita coisa que uso até hoje. Realmente valeu a pena.

Foi assim que o questionamento sobre quando é tarde demais para aprender surgiu em mim. Se meu avô, mesmo depois de todos aqueles anos que viveu normalmente sem estudos achou valor nos conhecimentos que adquiriu quando voltou a estudar, então dificilmente existirá uma idade ou estado em que não seja preciso aprender. Pois o conhecimento é a única coisa que ninguém pode te tirar.

TEMPO

Tempo é aquele que se mede
Mas também é o que se sente
É aquele que sempre se pede
Para que mais Deus nos acrescente.

Tempo é dinheiro e liberdade
Tempo também é amor e família
É o que há de mais raro na cidade
E o que queremos a mais no fim do dia.

SUMÁRIO



7

**JULIANO
FERRONE
CAETANO SOARES**

PERFIL BIOGRÁFICO

Juliano Ferrone Caetano Soares é filho caçula de uma família de três irmãos. Desde a infância, sua marca tem sido a alegria de viver. A família é seu porto seguro. Cristão, baseia seu proceder nos ensinamentos de Jesus. O CEFET-MG, onde cursa Eletrônica, foi um grande divisor de águas, pois lhe permitiu alçar voos mais altos em seus objetivos acadêmicos.



Dedicado, tem se destacado nos estudos e logrado vitórias. Atualmente realiza cursos de capacitação em programação, área que poderá ser uma das estradas a ser percorrida na sua jornada profissional. Seu futuro é uma construção feita um dia por vez, de modo sólido. Ciente de que viver é um desafio, busca todos os dias

SUMÁRIO

enaltecer as qualidades em todas as pessoas, pois entende que nada é feito sozinho. Uma vez que a música faz parte de cada momento de sua existência, seu violão está sempre ao alcance das mãos por acreditar que o diapasão da vida é o que nos leva à chegada.

ENTRE BERLINDES E SMARTPHONES

Em uma tarde de primavera, o menino Quinzin pergunta à sua mãe a origem do nome dele. Em todos os seus nove anos não conheceu o avô materno, cujo nome ele tinha herdado. Homem recluso, do interior, firmado em seus costumes e tradições, não quis saber dessas tecnologias inovadoras de que tantos hoje dependem.

– Quinzin, você quer ir conhecer seu avô?

– Mas, mãe, eu já conheço o vovô.

– Não, meu filho, seu avô, meu pai. Esse você ainda não conhece.

Ao cair da noite, a mãe deixa Quinzin na fazenda do avô. O menino desce do carro grudado ao celular de sua mãe, pois, apesar de muito jovem, estava sempre com o aparelho junto a si. Ao ver o filho indo embora com seu celular, Dona Fátima, na mesma hora, o impede de levá-lo e, para sua surpresa, presencia o maior chilique que já vira na vida.

– Nossa! Esse menino está viciado em tecnologia, disse a mãe, entregando as malas de Quinzin ao avô da criança.

Sr. Joaquim, com todo o cuidado de quem há tempos não segurava as mãos de uma criança, levou o menino para dentro. Como já fosse tarde, ofereceu-lhe um copo de leite morno, como era costumeiro na fazenda, para que o neto se acalmasse e fosse dormir.

Eram cinco horas da manhã quando o galo cantou, confirmando, assim, o início de um novo dia. Quinzin se levanta, finalmente, da cama após um longo tempo de insistência do avô e logo começa a procura

SUMÁRIO

desesperada por um *smartphone*. Era perceptível no rosto da criança a falta que aquele dispositivo tão amado fazia.

– Vô, o senhor não tem nenhum celular aqui na fazenda, não?

– Tem não, meu filho. Aqui na fazenda só precisa do relógio, do rádio e do trator.

– Mas... O que o senhor faz quando não tem nada para fazer?

– Quinzin, vou te falar o que eu fazia na sua idade quando eu já tinha acabado de fazer minhas tarefas, disse o avô enquanto andava rumo ao sofá da sala de estar: – Minha mãe, que Deus a tenha, me deu um saquinho de berlindes, cada uma de uma cor.

– Berlindes? O que é isso?

– Na minha época, as crianças chamavam de berlinde, mas também podemos chamar de bolinha de gude. Quando eu for à feira amanhã vou procurar; talvez ainda vendam nos dias de hoje.

Bem cedo, no dia seguinte, Joaquim vai à feira antes de seu neto acordar. Lá, encontra só um saquinho de bolinhas, muito parecidas com as que sua mãe lhe dera quando era mais novo.

Ao chegar a casa, o avô encontra Quinzin dormindo no sofá da sala e o barulho logo acorda o menino, que, ao ver o saco de berlindes, abre um largo sorriso, que se transforma num brilho nunca antes visto em seus olhos. Como eram lindas as bolinhas! Cada uma de uma cor, reluzentes na mão enrugada do avô. Sentaram-se então os dois, neto e avô, duas gerações tão opostas, mas tão próximas naquele momento, no tapete de juta, e Joaquim ensina o jogo de sua infância.

– Primeiro, você tem que colocar a bolinha entre os dedos polegar e indicador..., disse ao neto, mostrando o movimento com as mãos.

A criança, apesar de parecer um tanto desajeitada no começo, aprendeu com diligência de aprendiz e, em poucas horas, já dava gargalhadas ao ver o avô falar que o tinha deixado vencer propositadamente. Mas, tão logo o jogo acabou, toda a diversão se desvaniu num segundo e, logo, o garoto se entristeceu novamente.

SUMÁRIO

– Vovô, como o senhor sobrevive sem tecnologia?

Joaquim tentou lhe ensinar uma lição importante:

– Sou eu que devo perguntar a você, meu neto, como essa nova geração sobrevive sem tratar o próximo com respeito, sem conversar cara a cara com os amigos, sem brincar na rua, sem ir à igreja aos domingos... Era perceptível a tristeza no olhar daquele senhor que por tanto já havia passado: – Como puderam deixar os bons costumes para se aventurarem em um mundo de trevas, sem previsão de melhoria? Como será a próxima geração? Seus filhos e netos, Quinzin, estarão completamente dependentes? Não andarão mais porque existirão cadeiras motorizadas para isso?

Sr. Joaquim, claramente, não achava que seu neto era daquela maneira exagerada, mas sabia que aquelas palavras, com certeza, ficariam na mente de Quinzin.

Na manhã seguinte, o menino, com vistas a surpreender seu avô, montou todo o jogo de bolinha de gudes.

– Meu filho, o que é isso? Indagou, surpreso, Joaquim.

Quinzin estava ali, parado no meio da sala, com um sorriso de orelha a orelha. Quando o avô viu aquela cena, desceu mais celeremente os degraus da escada. O menino correu em direção a ele e o abraçou como nunca antes. Sem reação, aquele senhor só pôde sorrir e perceber que seus ensinamentos realmente serviram para algo. Assim, avô e neto brincaram até o anoitecer, quando Fátima retornou à casa do pai.

A criança se despediu incessantemente do avô, e era óbvia sua tristeza ao ter que ir embora. Já em casa, a mãe logo entregou ao menino, rendida, o celular, certa de que o menino estaria desesperado para acessar todos os jogos *online*. Porém, para sua surpresa, Quinzin declinou da oferta, mostrando com alegria o saco de berlindes que havia ganhado de Joaquim, e contou tudo o que ele tinha aprendido na fazenda, inclusive a conversa que tivera com o avô.

A mãe, como se estivesse vendo tudo com clareza, abraçou-lhe e começou a chorar, conscientizando-se da responsabilidade que

SUMÁRIO

eles, adultos, tinham em guiar a próxima geração. Ambos, então, sentam-se no chão para brincar desse jogo que, com certeza, voltaria a passar de geração a geração.

A REDE SOCIAL

A chamada Rede Social, criada em 1995, é uma estrutura interrelacional, ou seja, um ambiente para o convívio entre pessoas, conectadas pelas mais diversas relações. Por outro lado, o discurso de ódio, enraizado na criação do homem, é caracterizado como qualquer forma de comunicação que inferiorize ou incite aversão contra uma pessoa ou grupo. A corrupção da ética humana cresce exponencialmente, tendo em vista o aumento da propagação de ideias que ferem os direitos humanos, através da terra inóspita, também chamada Rede Social, donde a urgência de colocar tal assunto em pauta.

No célebre ensaio *A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica*, Walter Benjamin reflete sobre a dominação técnica imposta pela indústria cultural e pela massificação do conhecimento. A seu ver, o surgimento dos jornais e dos meios de comunicação representou uma transformação radical no comportamento humano: o abandono repentino das estruturas éticas e morais para acompanhar as oscilações sociais. Hodiernamente, as redes sociais, em um âmbito geral, estão se desprendendo do seu propósito imperioso, uma vez acrescidas de juízos desprovidos de rigidez e argumentação válida. Assim, propiciam discussões escassas de embasamento, bem como a difusão de pensamentos discriminativos.

A estrutura instantânea e sem mediador prévio, que caracteriza as mídias sociais, fomenta um ambiente hostilizado. Inseridos nesse meio estão opinadores e detentores de supostas “verdades”. Segundo o escritor Mário Sergio Cortella, na internet todos têm uma opinião, mas poucos têm fundamentos para tal. De acordo com pesquisas realizadas

pela App Annie, o Brasil ocupa o quinto lugar no *ranking* mundial do uso dos *smartphones*. Essa expansão foi muito importante, pois deu lugar de fala a muitos grupos e pessoas que não tinham oportunidade de se expressar. Em paralelo a isso, como tratado pelo escritor e filósofo Umberto Eco, as redes sociais deram voz a “imbecis” antes contidos em redutos como bares esquinas, sem afetar amplamente a coletividade.

Assim, cabe ao poder público destinar mais investimentos e esforços para combater repudiáveis atos dentro das redes, sem eximir de responsabilidade individual o usuário que não faz uso adequado de seu direito à interação no ambiente virtual. A corrupção do ser humano dentro desses meios é cristalina aos olhos de um espectador externo e, portanto, desrespeita o direito das massas. Por isso, tal intervenção é de suma importância para que a internet não seja mais chamada de “terra sem dono”.

SUMÁRIO



88

**LETÍCIA
ALVES
DA SILVA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Letícia Alves da Silva é uma jovem nascida em março de 2005. Dividida, desde criança, entre as áreas de Humanas e Exatas, não é capaz de escolher uma delas. Seu apreço por matemática e literatura sempre pairou acima das outras matérias escolares. Todavia, após pesquisas e leitura de inúmeros livros, descobriu sua paixão e fascínio: a ciência comportamental.



O ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG) como estudante do curso técnico integrado de Equipamentos Biomédicos foi de grande contentamento. Ciente da notoriedade dessa instituição, não poderia vivenciar experiência melhor para o início de sua longa jornada pelo conhecimento. Tem interesse em algumas

SUMÁRIO

outras áreas de estudo, como física quântica e música. Entre seus *hobbies* estão ler, tocar piano, analisar grandes obras da psicologia e estudar por uma vaga na universidade, onde possa realizar o sonho de ser psicóloga. As pessoas em que mais se inspira são Nise da Silveira, Anna Freud, Lau Reis e, sem dúvidas, os professores do CEFET.

O PÊNDULO DA VIDA

Não se passara muito tempo desde as 18 horas e a noite já caía, acompanhada pelo tédio e por uma enorme xícara de chá mal feito, daqueles em que é necessário esforço para não emburrar a cara logo ao sentir o gosto. Quando a sexta se torna monótona, como diria meu sobrinho, “não sextou”; é como um alerta vermelho-sangue de que a tão dura velhice chegou. Para confirmar essa afirmação, basta apenas se ater ao meu objeto de divertimento e reflexão: um pêndulo.

Para lá e para cá, ritmado e constante, como a vida, conforme Schopenhauer. Todavia, esta oscila entre seus componentes básicos: o sofrimento e o tédio; já a felicidade aparece como um lampejo entre os dois. O martírio, primeiramente, é sofrido por não termos o desejado e vivermos acreditando que, quando o alcançarmos, seremos completos, pois finalmente teremos conseguido o amor dos sonhos, o emprego há muito desejado ou a casa com piscina. Todavia, o que ocorre é o tédio, porque, agora que há, tão logo temos o objeto de desejo, não desejamos mais e já buscamos outra coisa. A felicidade está nesse curto espaço de tempo em que conquistamos sonhos até que caiam, como a noite, no tédio.

É do ser humano, há algum tempo a busca constante por esse lampejo de alegria. Arrisco-me a localizar suas raízes no contexto histórico da Revolução Industrial, quando o consumo se tornou a base do nosso sistema econômico e o tempo, mesmo sem ser compreendido de todo, passa a valer dinheiro. Velho que sou, posso contar que outrora

meus desejos pareciam sempre distantes, quase inalcançáveis, até meu trabalho árduo se materializar, sempre inconstante entre saber se amanhã haverá um dia pelo qual lutarei por um sonho distante ou se sequer terei o agora. Porém, ao olhar meu sobrinho sentado ao meu lado, vejo a transformação da geração contemporânea.

O desejo na falta constrói a contemporaneidade. A impossibilidade de se criar algo do nada nos remete a uma célebre citação de Lavoisier: “Nada se cria, tudo se transforma”. Se deslocarmos essa máxima do campo da física para a análise das dinâmicas intergeracionais, veremos que a geração atual é uma transformação da anterior, pois surge dos respingos de vivências anteriores. O jovem próximo a mim é resultado da mudança dos valores defendidos por minha geração.

A transformação sofrida pela nossa conjuntura social é espelhada na rapidez com a qual o pêndulo se movimenta – e nunca esteve tão rápido! Quando se deseja algo, bastam apenas alguns cliques na tela do celular para consegui-lo. Impressionei-me ao acessar o aplicativo para pedidos de comida e me deparar com preparos do mundo inteiro. Seleciono uma iguaria, aguardo cerca de meia hora e tenho diante de mim um prato tailandês! Eu, um brasileiro que nem sequer saíra de seu país uma única vez. Rápido e instantâneo.

No departamento amoroso, essa ideia me aterroriza ao se materializar facilmente no aplicativo “Tinder”, uma engenhoca em que, ao deslizar dos dedos, passa diante de si uma espécie de cardápio de pessoas disponíveis. Caso não funcione uma relação, relaxe: há uma vitrine de opções à sua escolha, com apenas um clique. Insuflada pelos avanços tecnológicos, a conquista é cada vez mais rápida. O tempo de espera da gratificação dos desejos fugazes, quando rápido, chama-se felicidade, e, quando lento, sofrimento. Ambos, contudo, confluem para o tédio pós-experiência, pois esta última não foi plenamente vivida, porque efêmera. Fernando, meu sobrinho, confidenciou-me alegremente que sairia nesta noite com um rapazinho chamado Felipe. A praticinha onde se conheceram? O Tinder! E nenhum dos dois precisou mandar

SUMÁRIO

uma cartinha apaixonada nem nada do tipo. O mais próximo disso foi o já insosso “match”. Aparentemente, quando alguém se lhe agrada, tenta-se a sorte de ambos se “curtirem” mutuamente ou então optar pelo “Super Like”, uma espécie de atalho a que se recorre quando se tem pressa e dinheiro para comprar um “pacote” extra de likes.

Enquanto eu redigia essa passagem do texto, em particular sobre como as relações se tornam cada vez mais líquidas, Fernando veio se despedir para ir ao encontro com Lucas. Não... não estou redigindo o nome errado nem me confundi: em poucas horas seu interesse amoroso mudou; aparentemente, Lucas era mais interessante e o outro pobre moço se tornou apenas mais um “chat” inacabado, uma história não vivida – mas provavelmente eu, saudoso de tempos idos, fui o único a pensar nisso. É previsível que meu sobrinho entenda Lucas na mesma proporção em que entende a vida: vazio de experiência, porém cheio de certezas e decidido a buscar, com o menor esforço, algo que lhe faltava para se sentir inteiro.

A insatisfação com o que já se possui, vivenciada simultaneamente ao sofrimento e ao desejo por tudo que ainda não foi conquistado – e que caracteriza, pois, o desejo na falta –, é o que diferencia as duas gerações. Embora estejam ambas em incessante busca pelo suprimento da falta que nos constitui. Afinal, como eu seria feliz se eu fosse feliz?

ELA, ELE E ELU

O RPG *indie* “Undertale” conta a história de Frisk, uma criança humana que desperta em uma caverna de monstros e é controlada pelo jogador, cujo objetivo é levá-la à superfície humana novamente. Toda decisão tomada em prol disso gera uma consequência e leva a um dos inúmeros finais. Frisk é não-binário, ou seja, sua expressão de gênero não se limita ao binarismo masculino/feminino; por

consequente, os diálogos sempre utilizam o pronome neutro. Se no universo de “Undertale” o indivíduo não-binário é respeitado tanto na compreensão de sua pluralidade quanto no uso de uma linguagem inclusiva, na realidade contemporânea isso não passa de idealização.

“Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”, escreveu Ludwig Wittgenstein em sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. Não se pode esperar que o indivíduo se expresse utilizando algo distante de sua realidade. De forma análoga, não é cabível esperar que uma pessoa, sem o conhecimento mínimo sobre gênero, seja capaz de empregar o pronome neutro. É primordial apenas postular o respeito, independentemente da base teórica sobre o assunto.

Para saudar uma sala com 29 alunas e um aluno, segundo as regras gramaticais da língua portuguesa, um professor poderia expressar-se mediante um “Bom dia, alunos”; no entanto, ao formular a mesma saudação no feminino – “Bom dia, alunas” –, ele estaria fora da norma padrão, mesmo o número de indivíduos do gênero feminino seja absoluta maioria. O fato de ser necessário apenas um homem para que o pronome se refira ao masculino em uma frase reforça a estrutura social de base patriarcal que eleva o homem e, por conseguinte, anula a mulher.

Para a realidade se tornar semelhante a “Undertale” em relação ao tratamento respeitoso a sujeitos não-binários por meio do uso de pronome neutro, é necessária a união entre o Ministério da Educação e as instituições escolares. Assim, o Ministério da Educação incluiria na base nacional comum curricular o estudo sobre a neutralidade da língua, de forma didática. A partir disso, as escolas abordariam o tema por meio de palestras, minicursos e rodas de conversa, para que os alunos sejam capazes não só de utilizar pronomes neutros, mas, primordialmente, de compreender mais sobre gênero e, assim, tornar esse assunto mais presente no cotidiano brasileiro.

SUMÁRIO

O PÚBLICO E A MANIFESTAÇÃO DO GÊNERO

PRECIADO, Paul B. Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102.

A determinação de gênero é baseada em paradigmas sobre o comportamento social esperado para um determinado grupo, como o feminino. Assim, o gênero representa não um indivíduo, mas, sim, uma relação, uma ligação entre o sujeito e as expectativas sociais a respeito do seu grupo. O banheiro público, proveniente do camarim do teatro social, aliado arquitetonicamente ao binarismo – um para homens e outro para mulheres –, constitui um dispositivo de inspeção do comportamento social e, como tal, chancela determinadas expressões de gênero e inibe outras.

Paul B. Preciado, um dos principais pensadores contemporâneos, além de ativista LGBTQ+, explana, no ensaio “lixo e gênero, mijar/cagar, masculino/feminino” (PRECIADO, 2019), a respeito de ações, majoritariamente discretas, cujo intuito consiste em conservar códigos disciplinares femininos e masculinos. Apesar de considerar que todas as relações sociais são marcadas por expressões de gênero, Preciado delimita como espaço de análise o banheiro público, a exemplo dos banheiros do aeroporto Charles de Gaulle, de Paris. Breve, porém densa, sua reflexão ocupa nada mais que cinco parágrafos, nos quais um leitor brasileiro, por exemplo, é levado a concluir que desde banheiros parisienses aos brasileiros os padrões de gênero são naturalizados, de forma semelhante, tanto em um aeroporto parisiense quanto em um belo-horizontino, alterando-se talvez o grau de higiene em determinados centros. O porquê disso se faz pela forma analítica geral de Preciado, pois sua visão, longe de monocentral, tem dimensão universal na medida em que perscruta a estruturação heterocêntrica comum, em maior ou menor grau, às diferentes sociedades ocidentais.

SUMÁRIO

No início de sua discussão, o ensaísta realiza uma contextualização histórica sobre a arquitetura dos banheiros em relação aos paradigmas de gênero. Os banheiros coletivos foram generalizados na Europa durante o século XIX, quando sua configuração visava apenas aos homens, uma vez que mulheres eram segregadas de ambientes públicos. Cabe mencionar, como exemplo brasileiro que ratifica esse falocentrismo observado por Preciado, que o prédio do Congresso Nacional em Brasília recebeu um banheiro feminino apenas no ano 2016, ou seja, a validação feminina no ambiente político citado só ocorreu 55 anos após sua criação.

Em sequência à dissecação do século XIX, o autor comenta a mudança de estatuto dos banheiros. Se antes a urbanização e o crescente fluxo de pessoas incumbiam os banheiros públicos somente de recolher dejetos nos espaços urbanos, ao longo do século XX, com a inserção de mulheres na esfera pública e a consequente diversificação da paisagem citadina, esses recintos configuram espaços de reafirmação de paradigmas de gênero. Mediante comparação das placas de cada banheiro, Preciado observa que, mesmo a partir de signos como uma florzinha ou um bigode, o usuário é interpelado à adequação corporal aos padrões heteronormativos de feminilidade ou masculinidade – em uma sentença, “ninguém se interessa nem pela cor nem pelo tamanho da merda. A única coisa que importa é o GÊNERO” (PRECIADO, 2019).

O ensaio segue como um *tour* pelo espaço público, adentrando inicialmente o banheiro feminino, onde a confirmação da feminilidade não se limita apenas à escolha da florzinha, pois se estende também ao olhar das mulheres esteticamente femininas. Caso a observação, *per se*, não cumpra seu papel de verificação, surge a fala como complemento: “Você sabe que esse é o banheiro feminino?” ou “Ei. Você se equivocou de banheiro, o masculino está à direita”. Conforme Preciado, esses dizeres se misturam ao cheiro de merda e mijo no ar. Como enfatizado pelo escritor, cabelo curto, falta de maquiagem e

SUMÁRIO

traços fortes são apresentações estéticas excludentes, não somente do banheiro feminino, mas também da classe.

O banheiro, em princípio, está entrelaçado à ideia de excrementos, um lugar de alívio e liberação de restos, ou seja, às noções antagônicas de sujeira e limpeza. Em sequência aos processos citados anteriormente, finalmente se chega à cápsula evacuatória, fora da visão do público, onde a mulher deve liberar sua sujeira em uma única posição (sentada). Como observa o autor, a feminilidade se mantém no ato de conservar como íntimo seu corpo e seus dejetos, mesmo em um ambiente público. Deve sobrar apenas, para uma possível plateia, “o som dos jatos de chuva dourada e o cheiro das merdas que deslizam nos sanitários contíguos” (PRECIADO, 2019). É necessário destacar a capacidade admirável do escritor de manusear um tema tão repellido e teorizar sobre algo aparentemente tão alheio ao sofisticado ambiente acadêmico, de maneira nada chula ou que cause repulção, como se pode observar na citação anterior.

Prosseguindo com o *tour*, Preciado nos conduz ao banheiro masculino, onde a descrição da arquitetura mostra diferenças chamativas quando comparada ao banheiro anterior, principalmente pela presença dos mictórios, lei arquitetônica à construção, responsável por desmembrar as funções excretoras: mijar-de-pé-mictório/cagar-sentado-cabine. A relação do uso do mictório à masculinidade, como analisado no texto em tela, manifesta-se além da excreção de toxinas pela urina, pois abrange intrincados protocolos de gênero que à primeira vista nos parecem imperceptíveis, porque naturalizados em nosso imaginário social.

Assim, conforme o autor, a posição na qual se urina (em pé) demonstra virilidade, pois “atua como uma prótese da masculinidade facilitando a postura vertical para mijar sem receber respingos” (PRECIADO, 2019). O fato de a criação dos mictórios envolver a anulação de respingos é extremamente irônico, uma vez que a péssima pontaria demarca domínio, ou seja, a limpeza do espaço (ou, melhor,

SUMÁRIO

não sujar o ambiente) não é um fator preocupante, desde que o corpo do indivíduo não seja respingado; afinal, mijar em pé publicamente é uma forma de reafirmar masculinidade heteronormativa, mas esse processo, como forma de exposição pública, possui regras. Basta conversar por cinco minutos com um grupo de homens para tomar conhecimento da regra do mictório que se baseia em sempre saltar um, tal que, caso um homem esteja no primeiro mictório, a escolha confortável é utilizar o terceiro. Em determinados fóruns online, nos quais a masculinidade heteronormativa se impõe, são facilmente encontrados comentários como “Não quero correr risco de bichinhas³ olhando meu pau”. A partir disso, é seguro afirmar que a regra do mictório não passa de mais um produto da masculinidade frágil e da patologização da homossexualidade como antítese determinante para sustentar, pelo contraste, esse delicado construto, o macho alfa.

Ainda na mesma perspectiva da abominação da homossexualidade, o autor analisa a arquitetura das cabines masculinas com vasos, nas quais algo da simbologia feminina – sentar-se – contraditoriamente deve assegurar o status de masculinidade ao resguardar a abertura anal, nos momentos de defecação, dos olhares públicos. Preciado se reporta ao estudo de Lee Edelman, *Stud: Architectures of Masculinity*, ao se referir ao ânus masculino, cuja abertura remete à penetração. Ora, essa posição temporariamente vulnerável, em um lugar aberto e suscetível ao olhar de outros homens (ato chamado popularmente de “manjação”) poderia expor o dono do orifício ao risco de práticas homossexuais. Além disso, a ação arquitetônica das cabines leva a relação homoafetiva para o privado, escondendo-as com o mesmo afincamento que exalta a performance de exposição do corpo masculino ao público com o uso dos mictórios e priva as mulheres domesticamente de exporem seus corpos.

O autor finaliza magnificamente sua linha de pensamento e cada relação feita guia o leitor a uma sequência de reflexões.

³ Nomenclatura ofensiva para se referir a homens homossexuais.

Efetivamente, a arquitetura cria barreiras entre os gêneros e reforça o código comportamental esperado para cada um deles; dizer o contrário após um estudo sobre esse artigo é ignorar as relações sociais. Paul B Preciado, como filósofo e homem trans, é decerto uma referência ideal para esse estudo, uma vez que sua teoria assertiva é referendada pelo lugar de enunciação de quem certamente teve de lidar com ambas as pressões comportamentais de gênero e com os espaços sociais destinados a cada um.

Uma vez que o ensaio mescla conceitos acadêmicos com linguagem popular, o que é dito realmente se enlaça com os atos humanos em sua essência. Os exemplos, por sua vez, são detalhistas e precisos, permitindo quase um vislumbre dos cenários construídos, além da contextualização histórica interligada precisamente aos seus apontamentos. Todavia, a leitura não é recomendada a leitores sem conhecimento prévio sobre gênero. A estes, sugere-se, como base para uma melhor percepção das ideias e problemáticas de Preciado, estudos como os artigos “Genderism and the Bathroom Problem: (re)materialising sexed sites, (re)creating sexed bodies”, de Kath. Browne; e “O banheiro público como dispositivo de gênero”, de Thales de Almeida Nogueira Cervi, Richard Miskolci, Magnus R. Dias da Silva e Pedro Paulo Gomes Pereira.

A TECNOLOGIA DO ÓDIO

Em “Odiados pela Nação”, episódio da terceira temporada da série britânica “Black Mirror”, o cenário é Londres futurista, onde duas detetives trabalham para desvendar assassinatos diretamente ligados ao discurso de ódio *online*. Na narrativa, aqueles julgados por sua alteridade – seja pela aparência, seja por ideias defendidas – tinham sua morte sentenciada após usuários subirem a hashtag “#mortepara”. Hodiernamente, fora do âmbito ficcional e distópico, o linchamento se

SUMÁRIO

faz presente nas redes sociais como um veneno do qual não se sabe o antídoto, e inúmeras vezes nem ao menos quem o injetara. Isso pode ser visto claramente na cultura do “cancelamento” – prática na qual um indivíduo é condenado como errado e torna-se alvo de ofensas.

Na Constituição brasileira de 1988, o artigo 5º apresenta diversos incisos que franqueiam manifestações da liberdade de expressão. Acerca desses direitos, é preciso reconhecer o panorama supracitado a respeito do linchamento *online* como um ataque direto a esses direitos, uma vez que usuários reprimem suas ideias temendo ser bombardeados com injúrias. Sob o mesmo pressuposto, os ofensores deveriam, similantemente às vítimas, ter a faculdade de exteriorização (mesmo que negativa). Todavia, isso não é verídico, uma vez que a liberdade de expressão não é um direito absoluto, ou seja, atrela-se a deveres. De tal forma, não se torna um subterfúgio para manifestação de opiniões desrespeitosas e disseminação de ideologias discriminatórias, uma vez que o código penal restringe a propagação de ódio.

A literatura etnográfica sobre confrontos sociais sugere que o nível de violência é proporcional à proximidade dos indivíduos envolvidos: isto é, entre tribos, entre vizinhos, entre pessoas de mesmo clube, entre amigos ou parentes – em resumo, entre pessoas que compartilham traços sociais e culturais. Essa realidade torna evidente o narcisismo das pequenas diferenças, conceito freudiano explorado, sobretudo, no ensaio “Moisés e o Monoteísmo” e que se manifesta na acentuação de distinções tênues vis-à-vis outros com quem há muitas semelhanças.

Os mecanismos da internet tendem à aproximação de pessoas com interesses comuns. Por exemplo: quando se “curte” uma publicação sobre algo e logo após são sugeridos grupos e páginas sobre o mesmo assunto, surge, como efeito, o narcisismo das pequenas diferenças em plano globalizado. Ora, a união pela semelhança ocorre em uma interação rápida e capaz de atingir usuários de diversos países. Mas, após o crescimento da interação, qualquer mínima alteridade gera, conseqüentemente, manifestações de hostilidade.

SUMÁRIO

Como antídoto para o linchamento *online* é necessário parceria entre as instituições escolares e o Estado. Assim, as instituições proporcionariam a educação digital e a emancipação de seus alunos, com o intuito de deixá-los cientes dos mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Simultaneamente, o poder público procederia à criação de órgão capaz de averiguar denúncias e punir os agressores das redes sociais. Dessa forma, seria possível, primeiramente, identificar uma ameaça online e, em seguida, levá-la até as autoridades competentes. Somente assim se garantiria que a liberdade e a segurança citadas na constituição fossem mutualmente aplicadas ao âmbito virtual.

A INOCÊNCIA NA TRAPAÇA

LUA de papel; Direção: Peter Bogdanovich. New York: Paramount Pictures, 1973. 105 min, p&b.

A teoria do Apego foi inicialmente explorada em um cenário pós Segunda Guerra Mundial, em razão das inúmeras crianças órfãs, forçadas ao abandono em meio ao terror da guerra. Precursor nesse campo, John Bowlby defendia que uma criança, mesmo rodeada de cuidadores, escolheria sempre a criação de elo com o indivíduo mais propenso a permiti-la sobreviver. Conforme observado pelo psiquiatra britânico em seus estudos baseados em crianças negligenciadas, a proteção cedida é diretamente proporcional à influência comportamental da figura cuidadora sobre a criança, cuja ligação com o adulto que lhe propicia agrado e afeto visa a reduzir as chances de um segundo abandono.

Addie Loggins, personagem do filme *Lua de Papel*, poderia ser facilmente definida como uma dessas crianças. Todavia, no decorrer de 103 minutos da esplêndida direção de Peter Bogdanovich e da magnífica atuação de Tatum O'Neal aos nove anos, pode-se notar que

SUMÁRIO

a complexidade da garotinha se expande para além do abandono e do apego, alcançando a traquinagem aliada à inocência de uma criança, mesmo em momentos nos quais supera um adulto em esperteza.

Um simples caixão é a faixa de entrada para a história, na medida em que a morte da mãe de Addie desencadeia todos os acontecimentos do filme. Pela quantidade de pessoas durante o enterro, pode-se concluir que não se tratava de uma pessoa com quem muitos se importavam, talvez, em larga medida, pela vida mundana que levava. O fato de Addie não ter um pai para consolá-la dimensiona o estado de orfandade da menina, cuja única parente era uma tia distante, com a qual não tinha proximidade nem afetiva nem espacial, já que a senhora vivia em outro estado. A pressa das pessoas ali presentes em se “livrarem” da menina se coaduna perfeitamente com o métier do vigarista Moses Pray, que faz da tarefa de levar a garota uma oportunidade de lucrar.

Para o espectador, ainda na primeira cena, Moses demonstra um caráter questionável, tal que em menos de dez minutos de filme consegue roubar flores de uma sepultura e elogiar a derrièrre de uma mulher morta. Não bastasse, declara-se amigo da falecida, porém, conforme observado por uma das mulheres no cemitério, Addie tem o seu queixo. Daí o inevitável questionamento que nos acompanha ao longo da trama: “Seria ele o pai da menina?”.

Antes de sair da cidade, Moses visita o irmão de um motorista alcoolizado, responsável pela morte da senhorita Loggins e, após uma negociação não muito pacífica, duzentos dólares são pagos em prol de que nenhuma denúncia sobre o acidente seja feita. Escondida atrás da porta, Addie ouve cada palavra do acordo e, dali adiante, não hesita em cobrar cada dólar. A cobrança, aliás, constitui o primeiro fio do laço entre eles, pois, enquanto a dívida não fosse quitada, Moses não poderia deixá-la.

No curso da viagem, a suspeita sobre o caráter pouco virtuoso de Moses se confirma quando seu esquema para ganhar dinheiro é

SUMÁRIO

exposto: o conto do vigário aplicado por ele consiste na venda de bíblias a senhoras recém-viúvas, sob alegação de que seus respectivos maridos haviam encomendado o livro para elas. Neste contexto, a parceria entre Addie e o trapaceiro é certa, pois a face angelical da garota, somada à semelhança física entre os dois, forma o combo perfeito para que as senhoras paguem de bom grado o livro com escrituras douradas, sem se aperceberem do preço desproporcional ao valor real do produto.

Desde o primeiro golpe, a menina demonstra “talento” para a trapaça, porém não há maldade em seus atos; pelo contrário, seu coração é puro, haja vista que a condição paupérrima de uma das potenciais vítimas, rodeada de filhos, sensibiliza Addie, que lhe entrega a bíblia gratuitamente. Todavia, quando, em outra casa, são atendidos por uma mulher barrocada de colares, a garotinha, ao notar a cara “de rica” da senhora e o luxo de sua casa, cobra ainda mais caro pelo livro. O paralelo entre esses dois episódios evidencia a sublimidade na construção da personagem, uma vez que, pela ordem em que as cenas aparecem, nosso julgamento do que é certo ou errado fica extremamente abalado, como se Eddie conferisse ao negócio de seu comparsa um *modus operandi* à maneira de Robin Hood. Porém, falta a Moses a mesma estatura moral: no contexto da Grande Depressão, não faz sentido que um miserável, em ligeiro instante de boa fortuna, ajude outro indivíduo tão miserável quanto ele. De todo modo, esse filme abre brechas para o consentimento sobre trapaça e outros atos não completamente morais, uma vez que o desejo de um final feliz é mais intenso.

Na altura da metade do filme, entra em cena a personagem Trixie, de nome familiar para quem já assistiu à série *Lúcifer*, na qual se assiste à seguinte passagem:

- Meu nome é Lúcifer
- Como o diabo?
- Exatamente.
- Meu nome é Beatrice, mas me chamam de Trixie.
- Nome de prostituta

SUMÁRIO

-O que é prostituta?
-Pergunte à sua mãe.
(LÚCIFER, 2016, ep. 1).

Trixie, em *Lua de Papel*, trata-se realmente de uma mulher com péssima índole. A própria aproximação dessa personagem com Moses é baseada no dinheiro, em situação irônica na qual o trapaceador se torna alvo fácil de uma aproveitadora. Essa nova dinâmica relacional desperta ciúmes em Addie, expondo mais nitidamente o seu apego a Moses, como se o deleite oferecido por Trixie (o sobrenome Delight não é casual) deslocasse sua atenção da menina. Vemos, pois, que a ligação dela havia ultrapassado a mera parceria nos golpes. Assim, a tão dita frase “Você ainda me deve duzentos dólares” se torna quase um código para “Eu te amo”, como se a menina buscasse assegurar, sob o pretexto da parceria nos negócios, o elo que prendia Moses a ela.

Como esperado de sua mente genial, a garotinha arma um plano para desmascarar Trixie e afastá-la de seu companheiro de artimanhas, com a ajuda comprada de Imogene, criada da dançarina de cabaré. De fato, no decorrer da história em análise, a garotinha em algumas cenas adota uma postura adulta, como ao fumar. Porém, todas as suas atitudes convergem para chamar atenção de Moses, como que para conquistar seu amor paterno. O fato de seu comportamento adultificado não ser ensinado pelo comparsa, mas, antes, resultar de observação do que poderia agradá-lo, exemplifica a teoria do Apego citada anteriormente.

Em suma, o filme, embora já antigo, resistiu bem ao curso do tempo, graças, em parte, ao perfeito equilíbrio na dúplice capacidade de provocar crises de risos ou de lágrimas. Ademais, não se trata de uma película de difícil interpretação e tampouco exigente de conhecimento prévio. Um dos poucos requisitos para a construção de pacto ficcional consiste, talvez, no desapego a códigos morais que impediriam qualquer condescendência em relação aos protagonistas e, por conseguinte, comprometeriam nossa identificação com Moses e Addie.

SUMÁRIO

CARTA

Capelinha, aos 15 de dezembro de 2020.

Olá, querido eu, que, em sua plenitude de ser, não se trata de mim.

2035. Neste ano, espero que você tenha seus olhos atentos sobre essa escritura, assim como tenho os meus agora. Todavia, seus olhos viram 15 anos passando, e os meus nem sequer podem vislumbrar essas paisagens. Seus olhos se encheram de quê? Seria eu capaz de reconhecer esse sentimento? Amor? Ou algo complexo demais para ser definido por um ser de 15 anos?

Em minha mente, há tantos planos para você que, caso fosse escrevê-los, não haveria ser no universo capaz de ler esta carta até o fim sem uma imensa cara de tédio e exasperação por uma próxima leitura. Mas não acredito que outra pessoa lerá (por favor, não mostre aos seus filhos, eu não quero servir de chacota em um momento de nostalgia). Você ainda deseja muito sobre tudo? Pois eu, sim, principalmente sobre os próximos anos. Devo ter causado um estouro de decisões, conquistas e medo em relação a mudanças sobre sua vida, e perdoe-me se o tempo pré-vestibular foi caótico; ainda não há segurança e habilidade para enfrentar frustrações por aqui. Seria aconchegante saber agora se você conseguiu, porém seria um spoiler gigantesco e você abomina isso tanto quanto eu, acho.

Bem, minha intuição alerta sobre você ser psicóloga agora, mas estamos rodeados pela vontade de História e pela vontade de mamãe sobre Medicina. Em qualquer profissão na qual você se sinta importante todos os dias, e com a animação de uma criança pelo menos em 90% do tempo, eu estarei feliz por você. Confesso adorar pensar sobre você em êxtase pós conclusões e teorias sobre a psique humana, mas tudo bem se passar, como sonhos outrora vividos e de que agora mal nos lembramos – haja vista o início do aprendizado de flauta (caso não se lembre mais, apenas agradeça).

SUMÁRIO

Segundo mamãe, sua maior guia agora, uma de suas transformações de ideias mais drásticas durante o momento jovem-adulto foi sobre filhos. Sinceramente, filmes de terror, qualquer um deles, não se aproxima do acovardamento a mim causado pelo parto. Já a adoção parece perfeito, não? Agradeceria muito se você não mudasse de ideia em relação a isso e adotasse o Dante. Para caso sua memória esteja inconstante sobre o porquê de Dante, permita-me lembra-te sobre uma de suas ações filantrópicas mais emotivas, organizadas pelo Interact: o dia no orfanato Cosme e Damião. Você passou a manhã inteira brincando com as crianças e distribuindo balas; para elas tais ações pareciam tão grandiosas que foi até incompreensível, e, ao final, o garotinho Dante preferiu acerca do quanto seria feliz se tivesse uma irmã como eu, e acredito que como você também. Com 13 anos você queria tanto que sua mãe adotasse aquele Dante, mesmo sabendo das chances mínimas, e espero que aos 30 você tenha feito ou pense em estontear alegremente a vida de algum Dante com a adoção.

É estranho escrever sobre um eu alternativo, principalmente usando a segunda pessoa indireta – uma grandiosa ironia a parte do “indireta”, uma vez que diretamente te afetei e provavelmente ainda ecoo em muito do falado por você. De coração, espero que você seja o melhor possível de quem escreve esta carta, eu.

Um abraço (que decerto não será entregue).

Letícia Alves da Silva

PS: Viva!



SUMÁRIO



9

**MARCO
TÚLIO
PINHEIRO DIAS**

PERFIL BIOGRÁFICO

Marco Túlio Pinheiro Dias, ou, meramente, Marco Dias, é um idealista nascido em 2004. Desde muito jovem, sempre foi observador, visionário e empático. Ao longo dos anos, residiu em diversos lugares, e isso permitiu que ampliasse sua visão do mundo em que vivemos. Como todo grande sonhador, Marco sonha em cursar medicina na USP e se tornar cirurgião oncologista pediátrico.



A entrada no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG) foi uma prova de que seu esforço é capaz de levá-lo a alcançar todos os seus objetivos. Optou pelo curso técnico integrado de Equipamentos Biomédicos, pois, deste modo, poderia ter ciência de todas as múltiplas facetas do contexto hospitalar. Quando pensa em

SUMÁRIO

seu futuro, acredita que se tornar cirurgião oncologista pediátrico é só uma pequena parcela de tudo o que conquistará. Marco almeja realizar diversas pesquisas na área da saúde, em concomitância com a alegria de salvar vidas de pequenas crianças todos os dias. Em outra vertente, a arte sempre esteve muito presente em sua vida. Aos seis anos aprendeu a tocar piano; aos oito, flauta doce, além de pintar e até escrever seus próprios livros. Thomas More é seu pensador favorito e, atualmente, Dimash Kudaibergen é seu cantor lírico predileto.

ATÉ AONDE VAI NOSSA LIBERDADE

Atribui-se ao inglês Herbert Spencer a máxima segundo a qual “a liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro”. Todavia, isso não se configura na realidade brasileira hodierna, uma vez que a responsabilidade ética encontra obstáculos em se tornar o véu entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio nas redes sociais. Esse pensamento antagônico ao de Spencer é fruto tanto do precário letramento digital brasileiro quanto da formação de “bolhas sociais” que regem a uma supremacia totalitária. Em tal caso, faz-se primordial o debate desses aspectos, em prol da plena funcionalidade social.

Em primeiro plano, evidencia-se a ampla influência da exiguidade do letramento digital brasileiro sobre a incapacidade de se barrar o discurso de ódio nas redes sociais por meio da responsabilidade ética. Tal fato pode ser comprovado consoante o pensamento da escritora Helen Keller, que definia a tolerância como fruto exclusivo da educação. Logo, não será possível minorar a propagação de ojeriza nas redes sociais sem antes solucionarmos as mazelas da educação brasileira.

De mesmo modo, destaca-se a formação de bolhas intransigentes nas redes sociais como propulsoras do problema. De acordo com Karl Marx, “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes”. Portanto, a atual sociedade não escapa a esse cenário, uma vez que os grupos intolerantes das redes

sociais seguem um padrão difundido pelas classes dominantes, no qual repudiam toda e qualquer vertente que escape aos seus padrões de normalidade. De fato, deixam de lado a responsabilidade ética uma vez cegados por uma insana aversão. Tudo isso retarda a resolução de conflitos, já que essas bolhas contribuem para a perpetuação desse quadro deletério.

Diante dos fatos supracitados, são urgentes ações para resolver o impasse. Para promover a responsabilidade ética como barreira entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio nas redes sociais, necessita-se, de forma inadiável, que o Tribunal de Contas da União direcione capital que, por intermédio do Ministério da Educação, seja revertido em projetos de ensino com enfoque no desenvolvimento de letramento digital e senso crítico, por meio do implemento desses em todas as instituições de ensino em âmbito nacional. Desse modo, atenuar-se-ão os discursos de ódio nas redes sociais com o reestabelecimento da responsabilidade ética.

A CONTROVÉRSIA DA LINGUAGEM NEUTRA

Na canção “Born This Way”, a cantora Lady Gaga defende que, independentemente de nossa identidade de gênero, sexualidade ou etnia, devemos nos amar do jeito que somos e respeitar a todos como são. Todavia, a realidade do Brasil vigente não é essa, uma vez que os benefícios não são iguais para todos e a língua portuguesa brasileira é usada de forma excludente. Assim, faz-se fulcral a discussão de tais aspectos, a fim de propiciar um ordenamento social com mais equidade.

Em primeiro plano, vale ressaltar que os privilégios dos homens cisgêneros – sobretudo os heterossexuais, brancos e abastados – não se resumem somente a questões salariais e oportunidades de estudo e emprego, mas também estão inseridos em nossa língua. Tal fato pode ser comprovado pelo fato de substantivos usados para se

SUMÁRIO

referir a mais de um indivíduo serem, em geral, masculinos, tais como humanos, alunos, cidadãos.

Ademais, aqueles que não se identificam com os gêneros cis são excluídos de nossa língua, em constante repressão à identidade desses indivíduos. Todavia, há aqueles que, apesar de se definirem como adeptos da causa LGBTQIA+, são contra a vertente que busca utilizar nossa língua de forma inclusiva. Um exemplo é a página “Desfavor”, para a qual essa nova linguagem não seria benéfica, mas, sim, dispensável. Isso demonstra que o preconceito dentro da comunidade LGBTQIA+ contribui para esse quadro deletério.

Destarte, é fundamental a elaboração de medidas exequíveis que resolvam esse impasse. Com o intuito de mitigar o problema, o Ministério da Educação deve implementar a substituição de palavras exclusivistas (como alunos) por termos inclusivos (como estudantes) e promover o estudo das identidades de gênero nas instituições de ensino. Para isso, o Tribunal de Contas da União deve financiar o processo de qualificação dos profissionais de língua portuguesa, a fim de tornar a sociedade mais inclusiva. Somente assim estaremos mais próximos da sociedade idealizada por Lady Gaga.

FRAGILIDADE SOCIAL

A mente é o objeto de maior poder humano. Se aberta, constrói reinos; mas, ao se fechar, alui universos.

Marco Dias

Os dias haviam passado e, finalmente, chegara o tão esperado fim de semana. Acordei bem tarde, pois é sábado e, bem sabemos, nesse hiato de dois dias devemos saborear cada pequena migalha de tempo livre quase tão escassa quanto tem sido meu sono. Tomei meu

café preto bem forte, que é para me tirar do modo zumbi logo cedo. Ingeri minhas pílulas – atualmente, quem não as consome? Estava inerte e, para matar meu ócio, fui em busca de um livro que me chamasse atenção. Avistei um, olhei para sua capa – belo envoltório, letras grandes, bonitas, chamativas – e logo me interessei. *Sociedade do Espetáculo*, lia-se na capa. Acomodei-me no sofá e dei início à leitura.

Após algumas boas horas de deleite literário o finalizei. Obra pitoresca. Retrata a vida de indivíduos a performar uma vida perfeita, para, assim, enquadrar-se nos padrões cada vez mais seletos da bolha em que estão inseridos. Achei essa história muito familiar. Talvez tenha lido algum livro parecido... não sei ao certo, mas essa familiaridade me deixou curiosa. Movida por tamanha abelhudice, fui em busca de respostas, ou seja, pesquisei no Google. Atraiu minha atenção o texto de um tal Marco Dias, que analisava a obra de Guy Debord. Dissertava sobre a forma em que o livro nos leva a uma reflexão em torno de como, cada vez mais, temos de nos adaptar a padrões que nos são impostos, pois estes estão sempre em constante metamorfose. Mais: comentava sobre como os moldes de nossa geração se diferem daqueles da época de nossos pais. Mas, sinceramente, não estou certa sobre minha conformidade com tal pensamento.

“Precipuamente, é fulcral pontuarmos que a pressão hoje exercida sobre os indivíduos da geração Z, já chegou a um nível mais elevado do que aquele existente na época dos boomers”. Achei essa passagem impactante, bela, um estrondo. Mas estou em dúvida... o que, afinal, são boomers? O que é essa tal geração Z? “Tal fato, é acompanhado pela mudança de objetivos que ocorrera. Se antes o pensamento era em torno de conseguir se sustentar e formar uma família, hoje já somos criados para que tenhamos êxito em atingir a ascensão social, antes mesmo de termos a capacidade necessária para a compreensão de seu significado”. Elegante trecho. Concordo com o autor; todos temos de admitir que nós, diferentemente de nossos pais, só estudamos e por isso não é mais do que nossa obrigação atingirmos resultados satisfatórios.

SUMÁRIO

“Ademais”, continua o autor, “é importante ressaltar que essa imposição tende a se elevar conforme amadurecemos e envelhecemos. Se antes obtínhamos nossa ‘liberdade’ ao nos aposentarmos, hoje só a encontraremos quando não mais existirmos”. Aposentadoria, palavra engraçada. Na minha idade, pelo menos metade dos meus tios já se haviam aposentado e, quanto a mim, só Deus sabe se um dia poderei disfrutar desse direito convertido em privilégio. Mais adiante, continua: “A produtividade tóxica tomou grande espaço em nosso cotidiano, não devemos viver como humanos, mas sim nos tornarmos máquinas incansáveis que não param de produzir. Logo, não há espaço para que descansemos, ou para que tenhamos a chance de viver no sentido literal da palavra. Nós não mais vivemos, simplesmente existimos”. Esse trecho me deixou reflexiva e, após pensar um pouco, cheguei a uma conclusão: discordo do escritor nesse ponto. Ora, trabalhar duro por seus objetivos não te impede de viver. Eu mesma trabalho dez horas diárias, saio do trabalho e vou direto para a academia; chego em casa, tomo um banho e vou trabalhar um pouco mais. Ah, descanso é para os fracos e dormir é coisa de desocupados. Não ter tempo para séries, filmes, relacionamentos e amizades é simplesmente um preço insignificante a se pagar pelo sucesso.

Não bastasse isso, solta o autor, logo adiante, esta pérola: “Em síntese, é importante que nossa sociedade repense e altere verdadeiramente o caminho que está a escolher. Tal atitude poderia ocorrer por meio de campanhas e instituições criadas para repensar os verdadeiros bens de uma vida humana. Elas poderiam se assentar nos recursos de ciências sociais – como a antropologia, por exemplo –, que muito nos ensinam, confeccionando um plano que nos leve a uma sociedade menos opressora”. Sociedade opressora? As pessoas realmente se tornaram muito frescas. Na época de meus pais, os indivíduos tinham o que fazer, não ficavam vadiando e espalhando essas ideias marxistas, como aquela, que me tira o sono, de taxar grandes fortunas. Eu fiz por merecer meu salário de quatro mil reais e não acho justo dividir. “Para que as gerações futuras possam

reaprender os valores da vida. Valores estes que a nossa geração não teve tempo de aprender, pois estava demasiadamente ocupada tentando evadir-se da mediocridade”. Conta outra! Será que esse tal Marco realmente acredita que algo tenha maior valor que o dinheiro? Aposto que é mais um desses “doutores” que se dizem estudiosos, mas que na realidade não passam de enormes charlatões frustrados. Quem me dera poder voltar no tempo e não gastar meu tão precioso sábado com tamanho besteiro. Deus me livre ter de assistir ao tipo de espetáculo que essa nova sociedade vai apresentar.

O mundo está de ponta-cabeça. Homem com homem, mulher com mulher... meu estômago chega a embrulhar quando tomo meu café da manhã e na tv, em vez de desenho animado, passa debate sobre crianças transexuais! Basta, ideologia de gênero! Não que eu seja preconceituosa, longe disso. Só não aceito. Ora, Deus criou Adão e Eva, um casal normal. Tenho dó das crianças que serão “criadas” por dois pais ou duas mães, sem referências corretas e com risco de sofrer abusos, porque a causa da pedofilia é o homossexualismo. Que tipo de mundo é este que estamos criando? Isso sem falar naquela “espécie” de homem-mulher ou até mesmo mulher-homem, que eu prefiro nem comentar, pois acho que só em refletir sobre abominações como essa já estarei pecando. E, pior, as aberrações do circo não acabam por aí. Há poucos dias eu soube que o desrespeito à criação divina de nossos pais primordiais, o homem e a mulher, chegou ao ponto de inventarem um grupo – acho que de Whatsapp, não lembro direito – que se diz “não-binário”. Mongoloides que dizem não se enquadrar no sexo masculino nem no feminino. Não se enquadram é na civilização, porque falam de intolerância, mas intolerantes são eles que não aceitam o chamo isso de falta que Deus criou como normal.

Além disso, ainda tenho de pensar sobre o tanto de “direitos” que os empregados estão tentando exigir dos patrões. Minha diarista cobra passagem de ônibus e ainda almoça aqui em casa. E repete, que eu sei. E ainda leva sobras às vezes. Eu fiquei chateada porque não recebi minhas férias? Fiquei. Mas trabalho em empresa. É muito

mais responsabilidade! Esse bando de folgados tem de se colocar em devido lugar, aprender que empregado, antes de exigir algo de seus patrões, deve agradecer a oportunidade que lhes deram. Até porque, se o trabalhador não está feliz com sua atual situação, basta estudar para ter um emprego melhor, é simples. Estou na classe A porque sou estudada. Fiz dois anos de faculdade à distância! Agora, quem não quer batalhar para conseguir seu lugar ao sol tem de levantar as mãos ao Céu e dar glória ao Pai por ter comida na mesa. Mas, não: dizem que o mundo é injusto, que nem todos têm as mesmas oportunidades, que a meritocracia não passa de um mito e blá blá blá. Quanta inveja, meu Deus! Quem está no topo é porque batalhou para garantir o seu lugar.

Você acha que terminou? Não, mesmo! O pandemônio nunca acaba. São todos ateus, isso mesmo! Ousam desafiar a existência do nosso Criador, que fez o Céu e a Terra, o dia e a noite, o homem e a mulher. Ah, mas ele é implacável ao separar nós, que estamos salvos e subiremos as escadas do Paraíso, e quem arderá nas chamas do tormento eterno. A imbecilidade humana não conhece o significado da palavra limite. Enfim, espero, do fundo do meu ser, que nossa sociedade perceba que trilha um caminho errado – não à toa se chama esquerda –, que fará o bom Pastor despejar sua ira contra as ovelhas desgarradas. Aí, sim, verão a tal sociedade do espetáculo. Que Deus tenha misericórdia desta nação!

A QUASE VIDA

Você iria me amar,
levar-me para passear,
tomaríamos muito sorvete.
Quando eu estivesse doente cuidaria de mim
e um dia eu cuidaria de você.



SUMÁRIO

Teríamos uma relação especial:
mais do que amigos,
seríamos família.
Poderíamos ser muito felizes!
Mas o papai foi mal com você,
ele te agrediu, te violou
e por isso você decidiu que eu não deveria nascer!

Se tenho ressentimentos?
Tenho, não posso negar.
Gostaria de ter tido a chance de brincar,
de estudar, namorar...
Mas, apesar disso, não a julgo.
Sei o que minha existência simbolizaria em sua vida.
E esse fardo esse eu nunca poderia suportar.
Então, quando pensar em mim – pois sei que vai pensar –,
Não se sinta culpada. Não, isso não me alegraria.
Sinta-se feliz, pois você me deu uma chance,
a chance de viver verdadeiramente.
Não como aquele que veio como uma obrigação,
mas, sim, como a luz de uma nova família.

O MONSTRO

Acordei com muita dor. Mais uma vez, aquele terrível monstro veio me visitar, do mesmo modo com que sempre aparecera e no mesmo horário, à noite, quando eu já estava dormindo. Levantei-me, com um pouco de dificuldade, mas, depois de tantos encontros, acredito que já tenha me acostumado. Fui ao banheiro, tomei um banho e, como sempre,

SUMÁRIO

procurei por marcas. Mas, como já era de se esperar, não encontrei nada que pudesse me ajudar a convencer alguém de que tal monstro não era um resultado de “tanta televisão”, como todos afirmavam.

Desci as escadas. Sentei-me à mesa para tomar meu café. Era um dia muito agradável e, para me alegrar, minha avó viera me visitar. Mamãe fez várias panquecas; estavam deliciosas, como tudo que ela fazia. Após o café, contei à mamãe, mais uma vez, sobre a visita do terrível monstro e, como já era de se esperar, ela não acreditou em mim. Perguntara-me como era o “tal monstro”, porém eu não teria como contar, pois eu mesma nunca havia visto meu monstro de frente – só sabia que tinha mãos grandes e fortes. Para minha surpresa, vovó, que já conhecia a “velha história desse tal monstro” e estava ouvindo toda a conversa, fez-me uma proposta:

– Por que não fazemos assim: hoje durmo aqui em sua casa no quarto em frente ao seu e fico à espreita para ver esse tal monstro aparecer. Mas, caso ele não apareça, você tem que me prometer que nunca mais irá ficar contando essa história. O que me diz?

Parei para refletir um pouco... seria um bom plano, pois aquele quarto já estava em desuso havia muito tempo, tanto que mamãe nunca se atreveria a ficar naquele cômodo esperando pelo monstro. Apesar de não admitir, ela tinha muito medo de insetos e acreditava que o tal quarto era cheio deles. Papai, por sua vez, sempre chegava muito tarde do pesado trabalho na fábrica. Eu mesma quase não o via e mamãe sempre me dizia que ele chegava tão cansado que mal comia e já caminhava direto para o quarto, deitava-se na cama e só acordava no outro dia bem cedo para voltar ao trabalho. Depois de refletir, cheguei à conclusão de que essa poderia ser minha única chance de acabar com esse tormento. Então, resolvi aceitar.

– Tudo bem, eu aceito o seu acordo e prometo que se ele não aparecer nunca mais vou falar dele.

Como era sábado, não tive aulas e, por conta de minhas dores, decidi ficar a tarde inteira deitada, lendo um livro. Às 17 h, desci para tomar

o chá da tarde com minha avó e aproveitei para verificar se o plano ainda estava de acordo. E, como esperado, o plano ainda estava de pé. Terminei meu chá, lavei as louças e arrumei a cozinha, como de costume.

Às 20 h já estava a me banhar para que meia hora depois jantasse com minha mãe e minha avó, pois, apesar de ser sábado, meu pai tivera que ir trabalhar e não chegaria a tempo para a refeição. Mas, como eu quase nunca me encontrava com ele, não me importei. Já devo ter me acostumado! Às exatas 20h30 estávamos nós três sentadas à mesa, comendo deliciosas vieiras com um leve purê de batatas e, para minha surpresa, minha mãe havia feito panna cotta com calda de ruibarbo. Meu favorito! Depois de tanto comer, ofereci-me para mais uma vez lavar as louças e arrumar a cozinha.

Não muito depois das 21h30, tanto eu quanto minha avó já estávamos posicionadas, cada uma em seu respectivo cômodo. Após ter me deitado, comecei a pensar se o plano realmente funcionaria. Estava confiante, porém apavorada... e se minha avó não visse o monstro? E se ele machucasse não só a mim, mas também a minha avó? Após muito refletir, cheguei à conclusão de que o melhor seria ir dormir e ver o que aconteceria.

Para a minha surpresa, acordei muito bem, sentia poucas dores. Assim que desci as escadas, avistei minha mãe e minha avó e rapidamente senti uma sensação de alívio, pois vovó também aparentava estar bem. Fui até minha mãe e, logo quando me viu, ela me pediu desculpas por não terem acreditado em mim aquele tempo todo e contou que a polícia havia levado o monstro. Acrescentou que eu não teria mais de me preocupar com ele.

Fiquei super feliz! Minha avó e minha mãe estavam bem e eu não teria de me preocupar mais com o tal monstro. Minha tormenta acabara. Contudo, vovó estava muito calada e, quando olhei bem para seu rosto, percebi que ela estava chorando. Quando perguntei onde estava meu pai, minha mãe começou a chorar junto e o ritmo das lágrimas de minha avó aumentaram. Não entendi o que estava acontecendo.

SUMÁRIO

The background is a vibrant collage of illustrations. At the top left, a man in a white t-shirt with 'XALAPA' on it is singing into a microphone. To his right, a woman in a red and yellow outfit is taking a photo with a camera. Below the man, there's a stylized red creature with a crown. To the right of the woman with the camera, a woman with long dark hair is wearing a red shirt with a white bunny logo. At the bottom, a city skyline with various skyscrapers is visible under a dark sky.

10

**MARINA
LOPES
RODRIGUES**

PERFIL BIOGRÁFICO

A autora dos textos que se seguem é Marina Lopes Rodrigues, nascida em 2004. Desde muito jovem, sempre foi apreciadora da leitura, observadora, curiosa e detalhista. Jamais desistiu de alcançar seus objetivos.



Sempre residiu em Belo Horizonte, Minas Gerais, e desenvolveu sentimentos profundos pela cidade. Ao pensar no futuro, Marina almeja ingressar em uma faculdade para cursar medicina, psicologia ou biomedicina – três dos cursos que mais lhe cativam. O ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) foi, para ela, uma grande conquista e a confirmação de que

SUMÁRIO

seus sonhos podem ser alcançados com empenho e perseverança. Optou pelo curso técnico integrado de Equipamentos Biomédicos, no qual teria mais contato com o ambiente hospitalar. Quando imagina o que está por vir, acredita que, independentemente da profissão que escolha, realizará seu sonho de criança: salvar e transformar vidas. Apreciadora das mais variadas vertentes das artes, dentre elas a literatura, Marina já coleciona desde a infância diversos títulos literários. Além do apreço pela leitura, cursou música durante o Ensino Fundamental e participou de concursos literários. Tem grande paixão pela vida e obra de Leonardo da Vinci e, desde a infância, suas principais referências musicais se encontram na MPB.

QUANDO?

Quando nos deitamos em nossa cama na falha tentativa de dormir o mais rapidamente possível para não fugirem de nós aquelas poucas horas de sono disponíveis, não é raro surgirem pensamentos sobre o que faríamos com a sobra de tempo ou sobre como e onde nos vemos em alguns anos. Assim, caímos na ilusão de que essa correria em que vivemos um dia desaparecerá. Com essa fantasia reconfortante, ignoramos que nossos pais já viviam o que para eles era falta de tempo e que, para nós, seria um ritmo lento demais, porém invejável e talvez o recurso de que nossa geração precisa para a melhora da saúde física e mental.

Quando, no trajeto entre nossa casa e nossos compromissos, vemos todo o mundo ao nosso redor seguindo um ritmo desgastante, que tem o aumento constante de sua velocidade disfarçado pelo propósito evolutivo, forçamo-nos meramente a aceitar essa agilidade, sofrendo, muitas vezes sem perceber, as consequências desse acordo. Como escrito por Marina Colasanti em sua célebre crônica: “Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia”. A aceitação dessa rotina por nós



SUMÁRIO

fará as próximas gerações aderirem de forma ainda mais natural ao fato de estarem sempre atrasadas para compromissos, a terem problemas de saúde causados pelo estresse e pela correria diária, a serem cada vez mais individualistas e a se esquecerem das questões ambientais.

Quando, ao vermos aquele *outdoor* na rua apresentando o mais recente aparelho celular que possui os mais inusitados recursos e ao desejar possuí-lo, não percebemos que as tecnologias já vitais em nosso cotidiano são uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que chegam até nós com o papel de facilitar e melhorar nossas rotinas, elas também são um grande mal para a sociedade. E não, não estou me referindo à “revolução tecnológica feita pelas próprias tecnologias”, tão aclamada por amantes de ficção científica, mas, sim, à banalização das interações pessoais que fazem com que, mesmo perto, as pessoas estejam distantes entre si.

Quando pensamos em um futuro longínquo, geralmente imaginamos aquilo que as pessoas do século passado esperavam para o atual: carros voadores, casas hipermodernas, cura de toda e qualquer doença, tempo de vida prolongado etc. – novamente caindo em uma ilusão reconfortante de que a humanidade está no caminho certo. Talvez, ao pensarmos sobre nosso futuro, deveríamos sair da zona de conforto imposta sobre nós. Talvez, deveríamos nos questionar quando revisaremos nosso conceito de evolução, quando perceberemos que não faz sentido uma sociedade tecnologicamente evoluída, mas com pessoas doentes e mentalmente instáveis, que agem como máquinas e são tratadas como tais.

Quando nos daremos conta de que, se não houver nenhuma mudança agora, nossos sonhos de um futuro melhor estarão cada vez mais distantes? Ou de que empatia é mais do que só uma palavra bonita? Quando perceberemos que as pessoas ao nosso redor estão adoecendo cada vez mais e que todos nós somos culpados por isso? Quando deixaremos de ver uns aos outros como meros números sem importância? Quando o padrão de ações mal pensadas será rompido? Francamente, quando?

O CÂNCER E A TUBERCULOSE COMO METÁFORAS

SONTAG, Susan. Capítulo 8. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 38-45.

Doença é uma alteração do estado normal de saúde, que se manifesta por sinais ou sintomas, perceptíveis ou não. Apesar de hodiernamente serem alvos de temor, o câncer, termo geral para diferentes doenças malignas que têm em comum o crescimento desordenado de células, e a tuberculose, doença infectocontagiosa causada por uma microbactéria que pode atingir diferentes órgãos, apresentavam-se nas décadas passadas como doenças tão importantes quanto apavorantes.

Nesse sentido, a ativista pelos direitos humanos e escritora estadunidense Susan Sontag (1933-2004), em seu livro *Illness as Metaphor*, publicado originalmente em 1978 e traduzido para o português como *A doença como metáfora*, promove uma discussão sobre a produção das representações do câncer e da tuberculose pela mídia e por diversos discursos, entre eles o médico e o psiquiátrico, que reforçam pavores e falsas crenças acerca de tais doenças. O livro se divide em nove capítulos, porém esta resenha se atém ao oitavo, no qual a autora trata sobre a acoplagem do câncer e da tuberculose ao vocabulário cotidiano como metáforas maléficas.

Para introduzir o tema nesse capítulo, Sontag utiliza uma linguagem clara e objetiva ao citar expressões comumente utilizadas no cotidiano sobre o câncer, apresentando o impacto dessas expressões e das ações interligadas a elas na forma como a enfermidade e o enfermo são vistos e tratados socialmente. Após essa apresentação, o passado é revisitado com menção à lepra, doença que causara horror na Idade Média e que antecederia o câncer e a tuberculose no seu uso como metáfora.

Partindo da lepra, a ensaísta apresenta uma ordem de acontecimentos para argumentar que qualquer moléstia cuja causa e

tratamento são desconhecidos acaba por receber significações que as inscrevem como representações do medo que transformam a própria doença em metáfora. Com essa transformação, o medo representado por ela a investe de adjetivações derogatórias que se sedimentam na cultura. São utilizados exemplos de palavras derivadas da própria lepra e da peste bubônica para reforçar a argumentação de que a doença é projetada no mundo a partir de significados negativos colados nela para traduzir toda sorte de sentimentos e sensações indesejáveis.

Em seguida, Sontag expõe que as doenças epidêmicas, antes mais utilizadas como metáforas, cedem lugar, nos séculos XVIII e XIX, à sífilis, à tuberculose e ao câncer. A autora então direciona seu foco para a sífilis, que possuía caráter vergonhoso, além de ter sido utilizada por antidemocratas “para evocar os sacrilégios de uma época igualitária” (SONTAG, 1984, p. 39). A seu ver, fobias sexuais e políticas estariam sendo projetadas na sífilis, mas que tal projeção não obteve reconhecimento quando ocorrida com o câncer.

Apesar de expor que a sífilis tendia a ser comumente empregada em sentido figurado nos fins do século XIX e princípios do XX por conta dos significados que carregava, a autora afirma que o câncer se encaixava melhor em tal emprego e argumenta que o mesmo, quando da sífilis, ocorreu de forma limitada porque a enfermidade era vista como terrível e não como misteriosa, já que sua causa seria clara e única. Compara-se então a sífilis, a tuberculose e o câncer, mediante paralelo entre a sífilis e a tuberculose, no qual se argumenta que, diferentemente da primeira enfermidade, a segunda possuía um caráter não apenas terrível, mas também tão misterioso quanto o câncer possui na época no contexto de produção do livro.

Supõe-se que, assim como a tuberculose teve seu caráter misterioso solucionado, o câncer pode ter o mesmo fim: o encontro de sua causa e de sua cura. A autora se reporta a Lewis Thomas e endossa sua observação de que a doença tem uma causa física e simples, além de dissertar sobre a noção de uma doença ter múltiplas causas contribuir para sua utilização como metáforas carregadas de maus significados.

Mais adiante, Sontag comenta acerca da utilização da tuberculose e do câncer para externar falsas crenças sobre contaminações e sintomas. É realizado outro paralelo, desta vez entre a tuberculose e o câncer, no qual se expõe que a primeira era vista tanto como uma desgraça quanto como um símbolo de elegância por produzir sentido metafórico de melancolia e sensibilidade, enquanto o segundo era visto exclusivamente como uma desgraça por produzir sentido metafórico de sentimentos relacionados ao terror e à miséria.

Ainda nessa linha comparativa, a escritora argumenta que, enquanto se considerava a sífilis algo involuntário, a tuberculose era vista no passado – tal como hoje (anos 1970) o câncer – como uma doença de certa forma voluntária, ligada a desequilíbrios de energia. Sontag tece ligeira crítica ao capitalismo, na medida em que ações relacionadas à acumulação primitiva do capital seriam responsáveis pela disseminação de fantasias acerca da tuberculose. Além disso, a autora identifica relação, no sistema capitalista, entre energia e economia, de modo que as energias, quando desreguladas, fariam o corpo “ruir”, levando à conclusão de que o mesmo aconteceria entre as economias e o sistema capitalista.

Após a comparação entre as doenças, Sontag retorna ao conceito de câncer sem abandonar a crítica ao sistema capitalista, pois vê uma relação entre a necessidade do mecanismo que impede o crescimento desregulado das células (o câncer) e a economia pressuposta pelo capitalismo primitivo que depende de um mecanismo de limitação racional dos desejos. Percebe-se, então, que a própria autora utiliza o câncer como metáfora para tecer sua crítica ao capitalismo primitivo na medida em que compara a causa do primeiro (a ruína do corpo) com a ruína do segundo e também utiliza a tuberculose para tecer sua crítica, porém comparando a enfermidade ao capitalismo avançado.

Em seguida, a autora retorna ao caráter histórico e fatídico de sua argumentação, apresentando que os pacientes tuberculosos eram tratados como doentes mentais, tendo as mesmas prescrições

SUMÁRIO

médicas que estes últimos. Em contraposição ao tratamento leve da tuberculose, o câncer recebe tratamentos extremamente brutais que se refletem em metáforas militares para se referir à enfermidade e ao seu combate. Às relações entre os tratamentos do câncer e a linguagem militar se soma a citação “os fins justificam os meios”, de Maquiavel, uma vez que todas as agressões ao corpo são justificadas se salvarem o paciente, mas isso nem sempre acontece.

Segundo a autora, a metáfora militar começara a ser utilizada na medicina com ampla aceitação a partir da identificação das bactérias como agentes patológicos, porém a utilização de metáforas militares, quando referentes ao câncer, adquire sentido literal e de autoridade, haja vista a analogia entre a “guerra contra o câncer” e as guerras coloniais. Novamente se realiza paralelo entre tuberculose e câncer, no qual a primeira é vista como uma espécie de mal necessário e o segundo como um mal absoluto. O cenário cancerígeno é também comparado ao cenário de filmes de ficção científica, na medida em que a invasão do corpo por células estranhas favorece analogias com a invasões da Terra por alienígenas. Nesse cenário distópico, o antigo medo da radiação por conta de possíveis deformações nas futuras gerações é substituído pelo medo do câncer causado pela radiação.

Em sua profusão de exemplos, Sontag também recorre a filmes, teorias e até mesmo leis que utilizaram o câncer como metáfora. Em certa passagem, chama atenção para analogias entre o câncer e a possessão demoníaca, pois os tumores são referidos como “benignos” ou “malignos”, tais quais as entidades, e há pacientes cancerosos que procuram curandeiros para exorcizá-los. Novamente a autora expõe seu posicionamento político ao apontar grupos de extrema direita como principal apoio para perigosas buscas por cura.

Após dissertar sobre as diferentes representações do câncer, Sontag menciona as diversas causas da doença e, ao citar a Revolução Industrial, complementa que o câncer já estava presente na humanidade antes de tal revolução e que tratar a mesma como culpada pela doença se encaixa na mesma classificação do apoio de

SUMÁRIO

grupos de extrema direita a perigosas possíveis curas, já que ambos os pensamentos tratam o câncer como uma doença da modernidade. Ainda em viés comparativo, Sontag faz uma comparação entre a peste bubônica, a tuberculose e o câncer para argumentar que, diferentemente da primeira, as outras duas doenças não são separadas do doente. A autora finaliza o capítulo comentando sobre a utilização das doenças como metáforas ser reforçada e normalizada pela modernidade e cita a relação metafórica do câncer com a poluição.

O capítulo, composto de um vocabulário erudito, mas de fácil entendimento, promove uma reflexão acerca da utilização das doenças como metáforas maléficas e seu impacto na forma como tais doenças e seus doentes são vistos pela sociedade. Para tal, a autora contextualiza sua argumentação através de exemplos e organiza o texto de forma coerente, tornando simples a compreensão de sua linha argumentativa. O capítulo não só atende aos objetivos propostos no seu início, mas também apresenta a opinião política da autora de forma perspicaz. Considerando os pontos apresentados e principalmente sua legibilidade, o texto é muito interessante e recomendado tanto para acadêmicos quanto para não acadêmicos que se interessem pelo assunto tratado.

SUMÁRIO

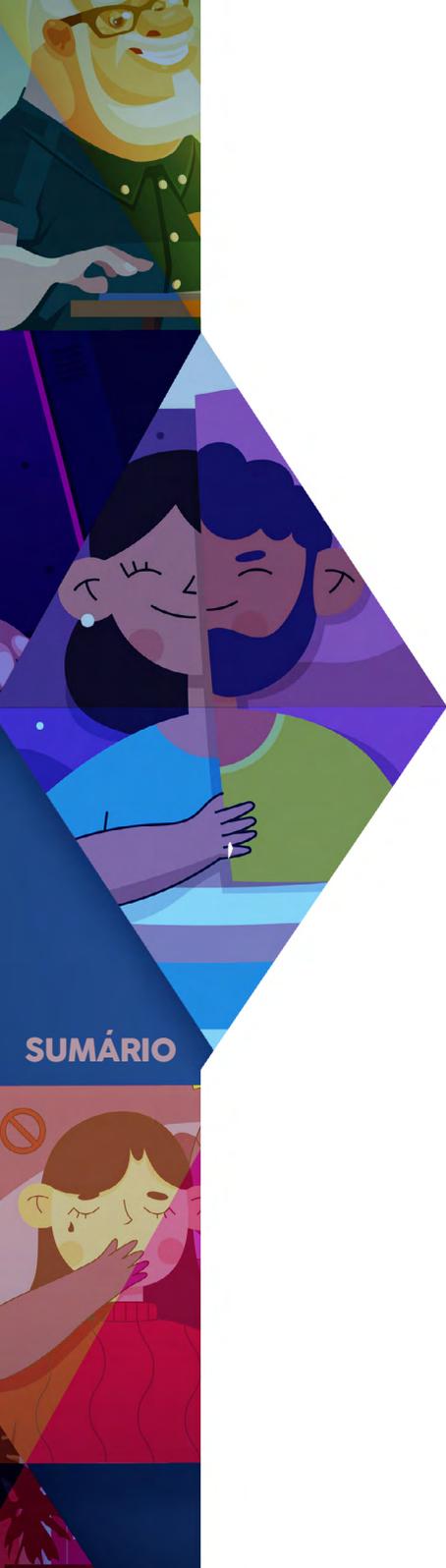
REENCONTRO

Alheia de que aquela seria a última vez
Que seu sorriso viria me socorrer
Do rio de estupidez
Onde meu barco voltaria a se perder

Desenhei um alvo no impossível
De ti abdiquei
Sem saber que havia um nó invisível
Entre você e a felicidade que tanto sonhei

O destino se demorou
Mas trajado de saudade veio me buscar
A realidade sobre mim despejou
E ao tempo me dispus a rechaçar

Meu mero reconhecimento tardio
Por pouco se fez irrelevante
E enfim desfrutaremos do arrepio
Disponível para os que se dizem amantes



SUMÁRIO



11

**OHANA MARTINS
MOREIRA
DE SOUZA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Ohana Martins Moreira de Souza, ou, simplesmente, Ohana Souza, é uma adolescente nascida em 2004. Desde pequena, sempre foi fascinada por matemática, biologia e literatura. Ao longo dos anos, cultivou o sonho – vívido até hoje – de se tornar médica. Ingressar no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG) mudou para sempre sua vida. Optou pelo curso técnico integrado de Equipamentos Biomédicos para que, assim, se aproximasse do contexto hospitalar. Só não contava que iria se apaixonar por Engenharia....



O que quer para o futuro? Em primeiro lugar, cursar Medicina, e, logo após, Engenharia Biomédica. Realizar pesquisas, debater sobre assuntos polêmicos, escrever livros a respeito de alguns dos

SUMÁRIO

seus inusitados pensamentos e conhecer o mundo... esses são outros de seus anseios. Possui grande apreço pela história da Arte, com destaque para as obras de Van Gogh. Seus *hobbies* incluem pintar e ler. Seus escritores favoritos são Clarisse Lispector e Charles Bukowski.

GERAÇÃO Z É A MELHOR?

Comparar o jovem de hoje com o de vinte anos atrás nos mostra a grande divergência da realidade a que cada geração foi submetida. Constantemente conectados através de dispositivos portáteis e preocupados com o meio ambiente, os adolescentes brasileiros são completamente diferentes de seus antecessores. Mas, será que a vida da juventude atual é melhor que a antiga?

As pessoas que nasceram entre 1995 e 2010 são pertencentes à Geração Z. Esse grupo já cresceu tendo contato com os meios digitais e, por isso, de acordo com pesquisadores, já apresentam algumas vantagens em relação aos mais velhos. Essa geração simplifica e antecipa muita coisa, o que é bastante apreciado no mercado de trabalho. Apresenta um raciocínio rápido e uma compreensão da tecnologia muito maior.

Entretanto, isso leva muitos ao tédio em empresas com sistemas burocráticos, por exemplo. Costumam ser autodidatas e multitarefas também. É um grupo extremamente inteligente e capacitado; contudo, está desenvolvendo uma série de transtornos psicológicos graves que eram comuns apenas em adultos. A “cabeça” dos jovens brasileiros e de outras nacionalidades está sofrendo bastante. Os casos de depressão, anorexia, bulimia, entre outros, não param de crescer entre os mais moços. Da causa disso já se ocupam estudos de muitos cientistas. À guisa de exemplo, a Associação Psicológica Americana (APA), no *Journal of Personality and Social Psychology*, publicou estudos que revelam que o nível de ansiedade diagnosticado em

SUMÁRIO

crianças e adolescentes em nível escolar é o mesmo que de pacientes psiquiátricos da década de 1950.

A geração Y e as anteriores, que incluem os adultos que nasceram antes dos anos 2000, não é tão habilidosa com os aparelhos eletrônicos nem tão “apta” para o mercado de trabalho desse mundo globalizado. A vida no passado, especificamente no Brasil, era difícil. Este sempre foi um país em desenvolvimento lento, com pouca infraestrutura e com educação fragilizada. Foram jovens que possuíam conforto inferior ao proporcionado nos dias de hoje. Nesses aspectos, “perdem pontos” na competição de superioridade genealógica. Porém, foi uma geração de jovens que não possuíam tantos transtornos mentais e, por conseguinte, eram mais felizes.

Definir qual foi a geração que melhor aproveitou a juventude é um debate complexo. O critério a ser avaliado (qualidade de vida, saúde, capacidade intelectual etc.) pode ajudar a selecionar qual o lado ganhador. No fim das contas, decidir se os brasileiros crianças e adolescentes são melhores que os boomers não passa de uma questão de perspectiva.

BRIEF ENCOUNTER ATRAVÉS DE UM OLHAR CRÍTICO

BRIEF encounter. David Lean. Reino Unido: Janus Films, 1945. 1 DVD (86 min.), p&b, som, legendado.

O filme de Romance/Drama *Brief Encounter* (*Desencanto*, na legendagem em português brasileiro) foi lançado em 1945. Dirigida por David Lean, a história se passa no contexto pós-Segunda Guerra e tem como protagonistas Laura Jesson (Celia Johnson) e Alec Harvey (Trevor Howard), que, embora sejam casados com respectivos cônjuges, acabam se apaixonando. Lara é casada com Fred e possui dois filhos. Ao chegar à estação em uma quinta-feira, seu dia de compras,

SUMÁRIO

encontra um médico que a auxilia a retirar um cisco do olho. Na semana seguinte, o acaso os une novamente. Conversam e se divertem, dando início a uma paixão curta, mas intensa, narrada em retrospectiva sob a ótica da mulher. Graças ao trabalho da direção e dos atores, o filme é considerado um dos mais românticos de todos os tempos.

Desde o princípio, enquanto, em sua mente, explica a Fred a história da traição, a mulher sofre a culpa de ter traído seu marido e o remorso por ter se sentido tão contente na presença de Alec. Em um dos monólogos, Laura diz: “Nos divertimos tanto, Fred. Sentia-me alegre, feliz e aliviada. Era o que me fazia sentir vergonha. Era isso que o magoaria, se você soubesse, que eu era capaz de sentir tão intensamente... longe de você, com um estranho.” Ela estava feliz, mas preocupava-se com os sentimentos do marido. Modelar para o contexto da época, o casamento de Laura deveria ser motivo de contentamento, pois, embora vazio de emoções, dava-lhe conforto, segurança e a oportunidade para cuidar do marido e dos filhos. Contudo, aqui reside o ponto alto do filme, capaz de questionar exatamente a felicidade conjugal num contexto histórico de culto ao casamento e à família.

Todas as quintas, os amantes se encontravam para atividades que poderiam ser vistas como simples cronogramas para amigos passarem o tempo. São trocados menos de uma dúzia de beijos e, em apenas seis encontros, ambos já se consideram amantes eternos. Mesmo Laura reconhece a banalidade do fato:

Alec: Já é tarde para sermos tão sensatos. É tarde para esquecermos o que dissemos. Mesmo que não tivéssemos dito, nós saberíamos a muito tempo.

Laura: Como pode dizer isso? Só nos conhecemos há quatro semanas! Falamos pela primeira vez na quinta passada.

Ainda que Laura tenha uma vida conjugal harmoniosa ou, nos seus próprios termos, “uma vida feliz”, seu casamento nunca lhe havia proporcionado essa paixão. Vale lembrar que tudo se passa pela perspectiva da personagem, que se apegou à ideia

de uma paixão recíproca e intensa que traria emoção à sua vida exageradamente pacata. Mesmo com um amor fervoroso dominando seus pensamentos, a idealização da fidelidade permanece na mulher, que tenta, por várias vezes, desvincular-se do amante:

Laura: Sim, aconteceu. Não quero enganar ninguém, mas agora tenho que fazê-lo. É isso que está errado, não vê? É isso que estraga tudo. Por isso temos que parar agora. Não somos livres para amar, temos responsabilidades. Ainda há tempo... se nos controlarmos, e nos comportamos com sensatez... ainda há tempo de... (choro)

A resposta de Alec era sempre a mesma: insistir que continuassem o romance. Alec, ainda que indiretamente, controla a amada e a manipula para que ela sempre retorne para ele. Tanto isso é verdade que o caso termina apenas quando o médico parte para a África a trabalho. A imprudência do primeiro amor na adolescência não serve como comparativo para essa história. Se o impulso amoroso juvenil é representado, de forma paradigmática, em *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, em que um casal se mata apenas uma semana após se conhecerem, aqui a situação é distinta: Laura pensa em sua família e em seu dever de mãe e esposa; logo, seu amor não pode ser classificado como imprudente. Todavia, os absurdos que a paixão leva os indivíduos a cometerem explicam a ilusão nutrida por esse romance e a justificativa para o exagero no modo como os episódios são narrados.

Apesar do sentimento amoroso ser aparentemente recíproco, Laura parece tão apaixonada que não repara os possíveis interesses secundários de Alec. Alguns indícios são perceptíveis em atitudes e falas do médico, mas o espectador cria um laço com a imagem idealizada que Laura atribui ao personagem. A despeito de arrojada para seu tempo, a película não romantiza a traição e, ao final, a família prevalece. Mas é a *amitié amoureuse* entre Laura e Alec, bem como a empatia pela angústia da primeira que tanto agradam aos cinéfilos afeitos a clichês. Talvez o crédito de “filme mais romântico do mundo”

seja exagerado, mas *Brief encounter* pode, sim, ser classificado como um dos melhores já criados, sobretudo devido à qualidade da produção e por ter sido um dos propulsores do gênero romance no mercado.

O TEMPO

*Estas alegrias violentas têm fins violentos
Falecendo no triunfo, como fogo e pólvora
Que num beijo se consomem.*

William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, Ato II, Cena IV

Meus parentes e primos todos reunidos. Conversa vai, conversa vem... todos descontraídos e sorridentes, degustando o já rotineiro churrasco de fim de semana. O tempo vai passando. Quando menos espero, já são 17 h. O momento mais temido para os adolescentes chegou... os adultos decidem, enfim, proclamar a tão polêmica frase: “Mas esses jovens de hoje em dia!”. O caos vem à tona! Isolada em um canto, apenas dedico os minutos seguintes de minha atenção aos diálogos acalorados que ocorrem em alto e bom som. Meu momento de análise e reflexão vai começar!

Primeiramente, vejo a metamorfose corporal e emocional de cada um que escuta o que fora dito. Nos olhos dos mais novos, o tédio e a calma são substituídos pela inconformação e fúria nas pupilas dilatadas. O semblante é de seriedade. Já nos mais experientes, há um princípio de sorriso. O sentimento de nostalgia se manifesta. Todas as memórias da juventude percorrem a mente e causam, por um milissegundo, uma espécie de paralisia. Esse instante, creio eu, age como uma homenagem aos tempos idos. Os assuntos que doravante se seguem versam sobre saúde mental, depressão, trabalho na adolescência, uso do celular e – o que particularmente mais intriga – as expectativas do adolescente. Todos os adultos (sem exceção)

SUMÁRIO

discorrem acerca dos horrores dos impulsos e erros cometidos. “Vocês [meus primos], ao crescerem, entenderão por que falamos isso, por que brigamos tanto com vocês e por que insistimos que sabemos o que é certo. Queremos apenas poupá-los da dor que o tempo traz e prover apenas felicidade”. Não é algo dito no intuito de magoar. São palavras soltas por quem se considera experiente. E são! Realmente, são vividos e cientes de como o mundo pode ser cruel, bem como o tempo. O tempo, sempre o tempo... Bem, em seguida ao que foi ouvido, como em toda boa competição, é a vez de o adversário revidar. Prefiro não citar o discurso adolescente por ser eivado de opiniões já muito conhecidas. Basicamente, expressam seu ódio à vida adulta, juntamente com a vontade de emancipação e a mais pura certeza de que “nunca serei como meus pais! Serei diferente!”. Todos os meus devaneios e conclusões partem dessas ideias. Procuro analisar cautelosamente o que cada um pensa. Em um dos vários fins de semana decifrando minha família, cheguei a uma conclusão.

O tempo. Só.

Horas, dias, meses, anos, décadas... Gerações novas surgem e as antigas partem. O mundo se transforma, os padrões se modificam, a arte transmuta, tudo se altera. O que ninguém realmente percebe é que nada mudou. Os jovens se apegam ao ideal de que, com o passar do tempo, serão diferentes dos seus pais. Mas não é isso que ocorre. *Touché!* Finalmente, eis o motivo que encaminha as reuniões de família para o conflito entre seus membros: “Os pais fazem dos filhos, involuntariamente, algo semelhante a eles”. A máxima atribuída ao filósofo Nietzsche condensa perfeitamente a linha de pensamento aqui retratada. A forma de ver o mundo, a vida e as coisas ao nosso entorno nada mais são do que um reflexo em um rio. Quem observa a água são nossos pais. Eles veem a própria imagem transfigurada na correnteza. Claro, ela não é perfeita como em um espelho onde cada imperfeição pode ser meticulosamente analisada; mas é uma imagem, com algumas características distintas e outras inusitadas, que surgiram

de acordo com a intensidade da matéria presente na água. Contudo, o geral é igual. Aonde quero chegar com esse assunto? Respire. Acalme-se. O tempo. Acostume-se com ele. Aprenda com ele.

Voltemos aos fins de semana. Um deles ficou gravado em minha memória e provavelmente tenha sido o estopim para meus devaneios sobre comportamento intergeracional. Na ocasião, um dos primos questionou o motivo pelo qual os adultos “odiavam” os adolescentes e ouviu a seguinte resposta: “Nós não odiamos vocês. Só queremos que sejam felizes”. A declaração revelou muito mais sobre a pessoa do que, creio, ela esperava. O pensamento da nossa juventude, a que tenho me reportado, baseia-se no ideal de não ser uma cópia da vida dos pais. Entretanto, algum adulto já pensou que talvez o problema não esteja nas gerações mais novas, mas, sim, nas antigas? Os mais velhos deveriam ser inspiração para os mais novos, que, por conseguinte, deveriam se inspirar em seus criadores. Mas não é o que ocorre. O tempo (mais uma vez aqui) parece corromper as pessoas. A alegria e a esperança da adolescência parecem ser extintas e, apenas em raros momentos de vulnerabilidade, um resíduo desse saudosismo emerge à superfície. A prova de que talvez o problema não esteja nos jovens, mas, antes, nos adultos vem à baila quando dizem, enquanto nos contemplam entre admirados e saudosos: “Essa é a melhor fase da vida!”. Agora, se você, leitor, é um adulto, quero lhe perguntar: por que se deixou afetar pelo tempo? Por que não pode ser feliz como na adolescência?... Talvez eu saiba a sua resposta. Trabalho, responsabilidades, desesperança... Você, adulto, deveria voltar no tempo. Não no conceito da física quântica, mas no tempo emocional. Buscar lembranças do que lhe fazia feliz quando jovem e resgatar suas raízes de alegria. Aqueles já maduros entendem que seus filhos não querem ser iguais a eles; contudo, nunca perguntam o porquê dessa atitude. O motivo é justamente essa infelicidade; o tédio; o ódio que demonstram em relação ao tempo.

SUMÁRIO



O tempo fere e cria cicatrizes. Sei que dói. Todavia, também cura e provê felicidade. É uma moeda de dois lados. Adolescentes geralmente alternam entre o “cara/coroa” na velocidade da luz. O diferencial é que sabem aproveitar ao máximo o lado bom do que é dado. Mesmo que apanhem sucessivamente, tendem a aproveitar o tempo de ouro. Ainda há perspectiva. Infelizmente, em algum momento por volta dos 25 a 30 anos, todo esse otimismo e expectativa se esvai. As pessoas ficam estagnadas no eixo ruim apenas para atingir o que a sociedade julga como “vida ideal”. Elas criam uma imagem de alegria plena, ao preço de abrirem mão do que mais amam. Elas perdem a esperança... Não digo que os experientes estão cem por cento errados. Não é isso. Gostaria apenas que entendessem a razão para um dos maiores conflitos entre gerações. Nesse caso, eu fico do lado dos jovens. Os adultos já passaram por essa fase. Sabem como é esse sentimento de confiança no que há de vir. Por infelicidade, cederam ao tempo e realizaram o pior medo da adolescência: ser reflexo dos pais.

A imagem turva não é possível de ser alterada. Quando se mexe na água, ela muda por alguns instantes, mas somente isso. A correnteza vem e novamente volta a refletir seu criador. A mudança tem que ocorrer no original para que seu reflexo se altere. Quem compartilha a ideia de prezar pela felicidade do jovem deve mudar a sua própria imagem. Seja você feliz e, assim, transmita esse sentimento aos mais novos. Não deixe que passem adiante essa visão errônea do “viver”, que já acompanha gerações a fio desde tempos imemoriais. Saiba apreciar o tempo e busque o lado bom da moeda. Algumas vezes, a estada no lado ruim pode perdurar um pouco, mas lembre-se de que sempre há o outro lado.



Aguardo, ansiosa, o próximo churrasco. Pegar um copo, sentar-me em um canto e, quem sabe, descobrir a razão pela qual os adultos odeiam que os jovens usem preto. Mais uma vez, creio que o tempo será um aliado nessa descoberta.

CONEXÃO DO UNIVERSO

Eu sempre acreditei em almas gêmeas. Alguém que, por algum motivo, parece te prender na Terra quando os pensamentos te levam ao céu (ou mesmo ao inferno). É como se você estivesse para sempre ligado a outra pessoa. Se o mundo surgiu de um pequeno átomo que explodiu e gerou o universo, creio que as almas gêmeas sejam fragmentos eletricamente conectados. Em um passado distante, esses fragmentos estavam juntos, auxiliando no perfeito equilíbrio químico e físico do átomo. Após o Big Bang, foram separados durante milhões de anos e agora, na forma humana, reencontram-se em perfeita harmonia. O universo te envia um sinal sobre quem são essas pessoas. Momentos simples ao lado desses indivíduos são eternizados na memória. Quando trazidas à tona, essas lembranças aquecem o coração e implantam um saudosismo.

Eu tenho a sorte de poucos. Encontrei, em meio a bilhões, uma alma gêmea. Tive o prazer de tê-la por muito tempo ao meu lado. Não falo de um amor romântico. Falo sobre um amor mais puro e sincero: a amizade. Reflito em minha mente a completa transparência a que nos submetemos e a confiança depositada ao longo de tantos anos. Ações tão raras quanto um diamante perfeitamente lapidado. Pode ser que minha atual alma gêmea não seja a mesma daqui um, dez ou 30 anos. Pode ser também que eu deixe de ser a dela e passe a ser apenas um pensamento que, vez ou outra, emerge lembrando tempos antigos. Eu só sei que por ti sou grata. Mesmo nos colocando à beira do precipício, você encarou meu pior lado e deu-me forças para amar, para crer e para sonhar mais um dia. Minha alma gêmea é quase um arcanjo. Não posso dizer que serve a Deus, já que não creio em divindades. Porém, arcanjos são responsáveis pela proteção dos homens. Tenho ela então como minha guardiã.

Falta pouco para o adeus à minha metade. Não sei ao certo quanto tempo, mas sei que ora ou outra encontraremos mais seres

para nos conectarmos. Outros merecem ter a oportunidade que eu tive de tê-la ao meu lado. O mundo é gigante e ainda há muitos caminhos a percorrermos. Nossa conexão, mesmo que fraca, se depender de mim, permanecerá pela eternidade intacta. Este é apenas um desabafo para o amor mais transparente e feliz que eu já mais imaginaria poder receber. Onde quer que esteja, se estiver feliz eu permanecerei em paz.

Obrigada por ser, há tanto tempo, meu Arcanjo Miguel. Te amo.

HISTÓRIAS

À minha mãe, Raquel. Obrigada por tudo. Te amo.

Não imagino o que ela pensou
Acredito que se animou
Não imagino como foi vê-la chorar
Mas a bebê tinha a mulher para se agarrar

Talvez a mulher estivesse preocupada
Havia agora um bebê em sua morada
Um novo ser totalmente dependente
E não imagino como estava sua mente

Ela tinha dedicação e muito amor
Talvez alguns fios grisalhos pra pintar
E mesmo com a garota sendo um pequeno terror
Sempre a chamou pra conversar

Estava ali pro que quer que acontecesse
Auxiliando a garota enquanto crescesse
Sendo paciente e insistente

SUMÁRIO

Para que ele se mantivesse contente
Já a garota crescia e enxergava
Naquela linda mulher uma heroína
E seu maior medo era o que a aguardava
Um futuro onde a linda mulher visse a garota em ruínas

A mulher coitada
Chegava em casa cansada
Mas ainda assim escutava com prazer
Tudo o que a pestinha tinha a dizer

Ainda hoje, mesmo exausta,
Quando a garota pede consolo
Ela faz cafuné na garota deitada
E lembra dos momentos que a segurava no colo
A garota já errou muito e se arrepende
Por toda a dor que fez a mulher sentir
E busca um meio de se redimir
Sendo alguém aprazente

A pequena está agora no passado
E busca ao mundo emanar
Um pouco daquele gigante amar
Que já é há 16 anos tão gentilmente doado

A mulher é uma rainha
Que pode não ter um reino para reinar
Mas no coração da princesa ainda bobinha
Irá para sempre governar

SUMÁRIO

A garota espera um dia retribuir
Tudo que a mulher sacrificou
Para que a pestinha não parasse de evoluir
E sempre dizendo o quanto a amou

As duas podem mudar
Mas algo é certo
A garota sempre precisará da rainha
Para as histórias de princesa lhe contar

O TAL DIONÍSIO

Durante anos, fiquei ao lado de um ser pouco emotivo. Raras vezes o vi chorar. Talvez assim ele busque demonstrar sua força. Mas eu sempre vi seu lado doce. Em nosso primeiro contato, já sentia seu desespero. Um ser minúsculo nos braços de um gigante. Ali, creio eu, sua mente estava um caos. Sua energia, porém, irradiava pelo quarto. A felicidade dele era simétrica à minha por, enfim, conhecer uma das pessoas mais importantes da minha vida.

Não concordamos muito... mas quem concorda em tudo, não é mesmo? Porém, o modo como enxergo o mundo e a busca por uma realidade minimamente utópica são influencias dele. "Entender o mundo de forma neutra e saber questionar o que acontece". Eu achava incrível quando ele fazia isso. Era aquilo que eu almejava ser. Forte, poderosa e inteligente para sobreviver ao mundo. O meu objetivo era absorver e reproduzir ao máximo o que ele me ensinasse. A personalidade forte, que muitos buscam, tenho hoje em decorrência de conselhos simples, mas memoráveis, que por ele me foram dados. Ele podia não perceber, mas eu o admirava. E ainda o faço.

SUMÁRIO

Sua personalidade é um tanto dionisíaca. Difícil de lidar. Porém, por mais que tente esconder, eu sinto seu lado frágil e amoroso em cada abraço, em cada frase boba que proclama. Hoje, sou quem sou graças a ele também. Não sou sua cópia, mas fico feliz por ter sido guiada e aconselhada para que os traços mais excepcionais de sua personalidade pudessem ser incorporados à minha. E, mesmo que não saiba, em cada ato aparentemente bruto transmite seu amor ao mundo. Transmite seu amor a mim. E a ele sou grata por tudo o que me fora ensinado ao longo de todos esses anos. Não me imaginaria tendo um pai melhor que ele.

Com todo o amor deste mundo, para o meu pai, Leonardo.

SUMÁRIO



12

**RAIMUNDO
EXPEDITO DOS
SANTOS SOUSA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Raimundo Expedito dos Santos Sousa é um jovem nascido em 1984. Desde a pré-escola, manifestava uma acentuada curiosidade pelo belo, donde seu fascínio, ainda na tenra idade, por quase tudo quanto o remetesse à estética, como botânica, paisagismo, decoração, desenho, pintura, fotografia, literatura, cinema e dramaturgia. Antes de alfabetizado, lia histórias por meio das imagens ilustrativas, às quais emprestava sentido por meio da imaginação.



O interesse pelas letras se acentuou a partir do Ginásio, quando, à mingua de amigos com que interagir, os livros lhe fariam companhia. Favorecido pela leitura e pela faculdade imaginativa, destaca-se nas tarefas de redação pela seleção lexical, pelas construções frasais

SUMÁRIO

elaboradas e pela engenhosidade de suas historietas. Sonhador, Raimundo se imagina autor de telenovelas, enquanto alguns professores o encorajam a prestar vestibular para Letras.

NASCIDOS PARA SOFRER⁴

Há algum tempo, no século XVIII, o Brasil era o maior exportador de açúcar do mundo para e atender às necessidades de mão-de-obra nos canaviais era constante a vinda de negros africanos, já que os índios não davam conta nem queriam ser forçados a trabalhar. Os negros eram forçados a largarem sua terra e virem para o Brasil, viajando através do chamado “navio negreiro”, de onde nem todos saíam vivos por causa do péssimo estado de higiene e alimentação. Quando chegavam na feira, muitas famílias se separavam, o que causava muita dor e tristeza.

Em Minas Gerais, a terra do ouro, que era assim chamada graças à grande quantidade de ouro e pedras preciosas aqui encontradas, havia uma fazenda onde suas terras eram destinadas ao cultivo da cana-de-açúcar. Esta fazenda se encontrava no norte de Minas Gerais e pertencia a um nobre português que vinha de vez em quando verificar o estágio da sua produção de açúcar.

Enquanto estava em Portugal, o senhor Almeida Prado deixava sua fazenda nas mãos do seu braço-direito, o capataz Ruindas.

Ao contrário do que pensava o Sr. Almeida, Venceslau Ruindas não era um homem fiel em quem poderia confiar; aliás, ele era um homem mau e que roubava na porcentagem dos lucros; diziam até

⁴ Texto datado de 1998, quando o autor tinha 14 anos e cursava a antiga sétima série do Ensino Fundamental. Em respeito às especificidades do texto original, que constitui amostra de uma fase de formação escolar, eventuais desvios gramaticais foram mantidos neste e noutros textos deste autor. Apenas incorreções de pontuação e grafia que dificultassem o entendimento do texto foram retificadas aqui e acolá.

que ele conservava um baú escondido em um buraco perfurado no solo do porão da casa grande, uma espécie de esconderijo secreto onde ninguém tinha acesso. Segundo os escravos, no baú estava todo o dinheiro que ele surrupiava de seu patrão.

Naquele dia, Ruindas estava mais nervoso do que nunca, pois recebera uma carta de seu patrão dizendo que o senhorzinho Ulisses se casara e viria logo com sua esposa viver na fazenda. Ruindas estava dominado pela ira, pois com a vinda do filho do patrão ele perderia sua autoridade e seria tratado como um simples feitor.

Enquanto pensava num meio de fugir com o baú de dinheiro, um escravo vinha chegando:

– Seu feitor, o companheiro Quirino cortou o pé bem fundo e tá sangrando.

– Só tomem cuidado para não sujar o canavial com esse sangue dessa raça ruim, ou melhor, deixe jorrar sangue e que o sangue negro amaldiçoe essa terra que estou disposto a abandonar!

Cheio de ódio, Venceslau Ruindas estalava a navalha e exigia rapidez no trabalho. Pouco a pouco os negros iam se cansando e alguns não aguentavam mais, o capataz batia nos escravos, que começavam a se revoltarem. Alguns corajosos avançavam contra o feitor que tirava do bolso uma garrucha.

O pânico era total e uma criança chorava no colo da mãe, de fome, sede e medo. O mutirão de negros estava furioso e eles tinham como arma apenas o corpo, mas unidos eles eram mais fortes e amedrontavam o capataz, que teve sua arma e seu chicote retirados pelos escravos.

No final da confusão todos os negros fogem rumo ao quilombo, onde teriam liberdade, deixando o feitor caído no chão. Quando se preparava para fugir com o ouro, Ruindas foi surpreendido pelos patrões e como castigo ele teria que trabalhar para sempre no quilombo e ser maltratado pelos negros. Como ele se recusara, lhe restou o castigo de viver no exílio até a morte, que não tardou muito.



SUMÁRIO

Os portugueses doaram a fazenda aos negros para a ampliação do quilombo; e quanto ao ouro, até hoje ninguém o encontrou.

UMA TEMPESTADE NA CIDADE⁵

Repentinamente, nuvens negras e assustadoras, carregadas de ódio e ressentimento, espalharam-se pelo céu, dispostas a desaguar suas lágrimas e anular o brilho radiante do orgulhoso e imponente sol.

Fulminantes e prepotentes, os raios cruzavam o céu, provocando estrondos e clarões de fogo que contrastavam com a chuva fria e intensa.

O medo, o velho e conhecido medo, era dono de grande frigeidez e inclemência. Com inigualável perícia, injetava doses de seu veneno na cabeça de cada habitante da cidade afetada pela tempestade, povoando as mentes humanas de angústia, melancolia e, claro, medo.

O poder do medo fazia-se mais intenso nas crianças (inocentes, elas agarravam-se às pernas dos pais, pensando que o mundo estivesse acabando antes mesmo de descobrirem que o mundo real é bem diferente da fantasia que as rondava em seus quartos de brinquedos) e nas apavoradas anciãs, que logo largaram os crochês nas cadeiras de balanço e puseram-se a rezar.

O vento – célere, zombeteiro e devastador – aniquilava tudo em seu caminho. Levada por ele, uma cadeira vagava pelo ar como se fosse um passarozinho aparvalhado dando seus primeiros vôos. Uma pobre preguiça, apavorada e dominada pelo cansaço, depositava sua esperança de salvação num tronco de Ipê (a esta hora já desfalcado de todas as suas flores) ao qual estava agarrada. Vã esperança. O pobre animal foi levado pelo vento, sedento de destruição.

Enfim, a tempestade cessou, o sol reapareceu e a cidade retomou sua rotina normal e desinteressante.

⁵ Texto escrito em 06 de abril de 2001, quando o autor contava 16 anos e cursava o primeiro ano do Ensino Médio.

ELE, QUE ERA DO BEM⁶

O amor, sentimento mais ambíguo, pode trazer consigo sensações e efeitos diversos. Considerado por muitos o mais sublime dos sentimentos, pode tanto ser afago para o coração e refrigério para a alma, como também acarretar dor e sofrimento, principalmente quando acompanhado de uma paixão cega e inconsequente.

Era nesta segunda hipótese que se encaixava Djalma dos Santos, um padre jovenzinho dividido entre sua missão religiosa e a força de uma paixão avassaladora. A história desse moço foi tal qual a uma estrada cheia de percalços, cujo ponto final é um grande precipício.

Aos dois anos de idade, Djalma perdeu os pais num acidente de carro. Desde então, passou a ser criado pela avó numa cidadezinha interiorana. Três anos depois, outra infelicidade: o menino foi vítima de um câncer quase incurável, numa época em que a medicina era pouco avançada e o câncer era conhecido como “aquela doença ruim”.

Católica fervorosa, dona Mariana não hesitou em recorrer à lista dos santos de sua devoção. Guiada pelo desespero de avó, fez a Santa Rita de Cássia uma promessa que comprometeria o futuro do neto: caso ele fosse curado, faria com que se tornasse um padre fiel e dedicado a Deus, nosso Senhor.

Passaram-se 22 anos depois daquela promessa, que fora rigorosamente cumprida: Djalma se tornara um padre, mais por pressão da avó – que sempre o incentivara, dizendo-lhe que castigos terríveis cairiam sobre ele se a promessa fosse descumprida – do que por vocação. Mesmo assim, Djalma mostrava empenho e dedicação.

Não mais que dois anos se passaram sem que a batina começasse a pesar sobre seus ombros. Ia tudo bem, até que uma mulher, cujo corpo era ardente feito brasa, passou a frequentar assiduamente a

⁶ Texto escrito em 13 de novembro de 2002, quando o autor tinha 18 anos e estava no segundo ano do Ensino Médio.

igrejinha do bairro. Ela, que não era dada à religião, repentinamente se tornou presença constante a todas as missas e procissões, só para ver o padre, que não raramente desviava os olhos dos livros sagrados para contemplar a voluptuosa formosura de sua admiradora.

Num certo dia, a moça – Brenda – foi ao confessionário do padre Djalma e confessou, não seus pecados (que não eram poucos), mas a atração irresistível que sentia por ele. O padre então confidenciou que ela também o atraía. A apressada Brenda sugeriu que fizessem amor ali mesmo. Mais comedido e escrupuloso, o sacerdote recusou. Só não sabia ele até quando perduraria aquela recusa.

A mente do jovem padre, antes voltada somente para a religião, povoara-se de pensamentos libidinosos e a lascívia perturbava seu espírito. Djalma estava cada vez mais displicente com a igreja e já não era mais aquele padre solícito que sabia agradar a beata mais exigente.

Adornada com uma estonteante minissaia, Brenda saiu de casa disposta a passar uma noite de amor com o padre. Voltava ela para casa na manhã seguinte, com um sorriso de satisfação que não deixava dúvidas: o pecado havia sido consumado.

Desde então, passaram a se encontrar furtivamente na calada da noite. Ele, relutante, porém desejoso; ela, ferosa e irracional.

Como não se tem notícia de uma cidade pequena onde a vida de cada um não seja rigorosamente investigada e discutida em animados debates públicos em cada esquina ou banco de praça, muitos já desconfiavam do padre. Antes que o caso se tornasse um escândalo, partiu do bispo o ultimato:

– Ou você respeita a Deus e seus mandamentos enquanto padre e recebe com mérito um lugar junto ao Pai Eterno, ou permanece nessa vida desavergonhada, de prazeres libertinos, que pesará feito chumbo na balança do Juízo Final. Pendida para o lado errôneo de sua existência, sua balança lhe destinará o fogo do inferno. A decisão é sua.

Djalma refletiu muito e, à custa de sofrimento sem igual, decidiu-se: renunciaria ao amor de Brenda para se dedicar exclusivamente a Deus.



SUMÁRIO

Acordou bem cedo para se encontrar com ela e pôr fim ao relacionamento que tanto mal lhe causava. Era tarde demais. Àquela altura já existia alguém mais entre eles: uma semente que, uma vez germinada, cultivava-se no ventre de Brenda e se tornaria para sempre um elo entre duas pessoas que erraram, como tantas outras que erram, como todos nós que erramos, porque o homem persegue o erro, e os erros têm causado desgraças indeléveis à humanidade, desde que o Éden nos foi confiado até o mais longínquo depois de amanhã.

Djalma tem hoje sete anos e vive (sobrevive) num abrigo para menores rejeitados. Ali, apanha, dome, dorme e apanha. Seu pai suicidou-se ao saber que teria um filho. A mãe, incapaz de sustentar uma criança, abandonou-o numa humilde caixa de papelão alguns dias após o parto; e, inábil para sustentar também a si própria e conter a amargura que se enraizava em suas entranhas, sufocando-lhe a alma e corroendo o que sobrava de seu micro-coração, deixou-se ser levada pelas correntezas de um rio. O corpo, que nunca foi encontrado – também nunca foi procurado, pois é só um corpo e de nada pode ser aproveitado – deve estar encalhado em algum lugar qualquer.

O menino não tem sobrenome. Chama-se apenas Djalma por causa do pai, de acordo com as informações – que sempre chegam através de um telefone sem fio natural, em que cada transmissor molda a informação a seu gosto e a repassa obedecendo a um rígido modelo de acréscimos e exageros –, “era um padre bonzinho que caiu na safadeza com uma mulher da vida e fez um desastre crescer na barriga da fulana. Feito o serviço (dizem que a pouca-vergonha acontecia até nos bancos da igreja; imagine só que desconforto, não é à toa que viviam se queixando de dores nas costas), ambos se mataram, deixando o rebento entregue aos desmazelos da vida”.

Apesar de tudo, o menino não é revoltado. Uma veia de esperança pulsa em seu coração. É-lhe feita a clássica pergunta:

– O que você quer ser quando crescer?

Ele pensa um pouco e responde:

– Feliz...

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DE AMAR⁷

Em um mundo cada vez mais atípico, onde seres humanos vivem agredindo uns aos outros com armas, palavras e atitudes; fico a me perguntar o que se passa na mente e no coração de quem é covarde a ponto de tirar uma vida, destruir um sonho...

Diante da dificuldade em achar resposta para esta indagação, conformo-me com a idéia de que todo mundo é igual. Porém, ao caminhar pelas estradas tortuosas da vida, deparo-me com uma criança compartilhando seu lanche com um coleguinha pobre, numa partilha – mais do que material – de calor humano e fraternidade. Vejo também um homem plantando na praça uma arvorezinha singela, mas que – uma vez crescida – proporcionará descanso e refrigério a quem se acomodar debaixo de seus viçosos galhos, tais quais braços sempre abertos para quem deles precisar. E assim eu sinto um alento que me faz voltar a crer na existência de algo raro: o amor ao próximo.

A verdade é que estamos num tempo, marcado pelo comodismo e pela ambição, em que o relacionamento humano se torna cada vez mais superficial e as pessoas vivem apressadas num constante labor em busca de aquisição material, não parando sequer para ouvir as atribulações de um amigo ou observar o radiante pôr-do-sol, atualmente ofuscado por uma camada de fumaça poluidora. Seguindo a uma tendência geral, tais pessoas esquecem de respeitar valores imprescindíveis e de viver plenamente. E não há vida plena sem amor. E ninguém será capaz de amar enquanto não se dispuser a entregar si próprio, pois o amor é uma doação, espontânea e impagável.

Enfim, precisamos sobretudo amar, lembrando-nos de que amor não se compra, não se vende, nem se mede e nem se prende. Esse sublime sentimento – tão bem descrito em versos poéticos e, paradoxalmente, ainda inexplicável – é um motivo pelo qual ainda acredito que vale a pena viver.

⁷ Texto datado de julho de 2003, quando o autor tinha 19 anos e frequentava o terceiro ano do Ensino Médio.



13

**RENATO LUIZ
DE OLIVEIRA
BERNARDINO**

PERFIL BIOGRÁFICO

Renato Luiz de Oliveira Bernardino é um jovem de 15 anos, originário da cidade mineira de Juiz de Fora. Aos 11 anos, mudou-se para a região da Pampulha, em Belo Horizonte, onde aumentou seu horizonte de opções de ensino e de possibilidades de carreira, bem como começou a se interessar por cinema. Fruto de seu esforço, foi aprovado, aos 14, em processo seletivo para ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), ocupando uns dos os primeiros lugares, e optou pelo curso de Eletrônica, com o qual tinha mais afinidade.



Para o Ensino Superior, Renato Luiz pensa em cursar Engenharia da Computação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde sempre possuiu interesse em estudar. Como profissional, busca ser um programador e trabalhar na análise de dados. Apesar da projeção profissional, ele sempre teve um grande fascínio pelas artes, com destaque para literatura e cinema.

SUMÁRIO

TRABALHO E PREGUIÇA

CHAUÍ, Marilena. Sobre o Direito à Preguiça. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: elogio à preguiça*. São Paulo: SESCSP, 2012, p. 77-105.

Admita: você provavelmente não gosta de trabalhar. Pode-se até gostar dos resultados do trabalho, como a sensação de ter sido produtivo ou até mesmo as recompensas financeiras/sociais disso, mas é incomum alguém que goste do processo de “trabalhar”.

O ensaio “Sobre o direito à preguiça”, de Marilena Chauí, empreende uma discussão e reinterpretação do opúsculo *O direito à preguiça*, do pensador franco-cubano Paul Lafargue. A professora de Filosofia da USP mostra, a partir de detalhada contextualização e escrutínio da obra que, apesar de toda a automatização e o avanço técnico-científico que experimentamos desde a Segunda Revolução Industrial (conjuntura na qual o texto de Lafargue foi publicado) até o mundo pós-crise imobiliária de 2008 a situação não se modificou muito.

O texto ora resenhado se estrutura em cinco seções, todas apresentando uma linguagem clara e com raros volteios, que resulta em uma progressão textual eficiente. Cada seção aborda um aspecto diverso (e.g. biografia, contexto histórico, conjuntura política), mas todos gravitam em torno de *O direito à preguiça*. Por exemplo, a primeira seção trata de como a valoração do trabalho como atividade se moldam conforme o tempo, enquanto a segunda apresenta um breve perfil biográfico do pensador.

O texto, logo de saída, compara o significado dos valores sociais e políticos atribuídos ao ato de trabalhar em diferentes épocas, haja vista que, na Antiguidade Clássica, o trabalho era concebido como algo indesejável e desprezível, sendo malvisto em todas as sociedades ocidentais daquela época. Contudo, a partir da concatenação entre as ideologias protestante e capitalista, pautadas na ética do trabalho como virtude, os valores foram ressignificados, de sorte que a ociosidade, valorizada antigamente, passa a ser

SUMÁRIO

condenada e o oposto ocorre com o ato de trabalhar. Portanto, Chaui esclarece didaticamente o leitor sobre o porquê e por quem esses valores foram ressignificados e, em seguida, expõe uma análise sobre como essa ressignificação do trabalho foi fundamental para a construção do capitalismo ocidental moderno pós-mercantilismo.

Essa primeira parte, apesar de instigante, não constitui uma análise, pois o objetivo da autora é, primeiramente, apresentar as ideias nucleares de Lafargue, sobretudo para aqueles que, como eu, não conheciam o autor ou tinham lido muito pouco a respeito. Assim, o perfil biográfico do pensador, com enfoque na sua formação intelectual e atuação militante, evidencia as motivações e influências para a elaboração e publicação de *O direito à preguiça*. O que se segue são os impactos da obra no mundo, e como e quem ela atingiu. O mundo influencia o autor na criação da sua obra e, por sua vez, a obra faz o mesmo com o mundo.

Por fim, temos a comparação entre as fantasias que Lafargue tinha para o futuro, em que o homem seria libertado da maldição do trabalho, e a presente realidade, que se apresenta como decepcionante se comparada com os sonhos do intelectual. O proletariado, que tinha a opção de lutar pela valorização do ócio, preferiu se sujeitar aos valores do trabalho. Conforme explicita Chaui, se a automatização das máquinas livrou o trabalhador de jornadas de trabalho extensas e férias não-remuneradas, o capitalismo aproveitou esse “tempo-livre” para inundar esse mesmo trabalhador com produtos culturais, como moda e cinema, a partir de um rearranjo ideológico nas premissas do capitalismo: se nas primeiras fases da Revolução Industrial foi necessário reprimir a sexualidade para que corpos e mentes fossem dirigidos ao labor fabril, agora, com o fenômeno da produção em larga escala, a ideia de liberação do desejo configura um componente fundamental para incitar o consumismo.

Marilena Chaui, filósofa e professora, é geralmente relacionada a sua atividade política como integrante e fundadora do Partido dos

Trabalhadores. Por ter passado a maior parte de sua vida dentro da universidade, explica-se a quantidade de embasamento teórico que ela utiliza no decorrer do texto. O ensaio “Sobre o direito à preguiça”, apesar de se aproveitar de conceitos sociológicos básicos (um dos mais básicos, inclusive, consiste na função social do “trabalho”), é bastante completo. Chauí consegue se fazer entendida por alguém que tem conhecimentos de “ensino médio”, como eu, que nunca tive Sociologia na escola nem procurei me aprofundar na seara das ciências sociais. Portanto, qualquer um que esteja curioso leigo ou um pesquisador pode considerar essa leitura válida.

FARMÁCIA 24/07

Naquela época, eu trabalhava no caixa de uma farmácia. Nada muito especial, mesmo que fosse entregar os remédios tarja preta guardados a sete chaves nos armários. Não havia nada a aprender ali; todo dia seguia a mesma rotina repetitiva e atendia os mesmos clientes desinteressantes, que compravam quase sempre o mesmo *Rexona 3 por 2* ou o *Dramin 50g*.

Claro que não desprezo o mérito daquele vendedor que consegue enxergar o brilho escondido em cada pessoa, mas não sou assim. Não é meu talento ler as pessoas e tentar idealizar o que se passa em sua mente, o que fazem, de onde vieram e aonde vão. Minha vida é presa àquela máquina registradora, a perguntas do tipo “Cartão ou débito?” e à caixa de *Trident* na qual só restam chicletes de canela – o restante decerto devem ter roubado, já que ninguém compra aquilo e, se o faz, vomita em segundos.

Já era tarde naquele dia. Meu expediente se encerrava por volta das 17 horas, quase no lusco-fusco, quando a cidade já não possuía mais vida e mesmo nas paradas de ônibus mais movimentadas não havia uma viv’alma sequer. Mas preferia sair a essa hora do que antes,

porque até mesmo a indiferença e o cansaço me traziam um senso de pertencimento. Além disso, deixar o trabalho quando não havia ninguém nas ruas me era estranhamente perturbador; era como se a cidade estivesse morta. É bem verdade que ela já estava, mesmo nos horários do *rush*, mas não gostava da sinceridade que ela me trazia.

Eu tomava um ônibus bem vazio, apesar de não gostar. Ao contrário dos que consideram prazerosa a sensação de exclusividade em viajar num transporte coletivo vazio, eu me sentia confortável em meio à lotação, já que me fornecia o mínimo de desafio durante o dia. Era o único obstáculo que eu tinha naquela jornada diária, afora o obstáculo de não ter nenhum. O ônibus lotado representava toda a minha luta, mas, como raramente o pegava cheio, então não havia luta.

Embora chegasse a casa após as 18, estava exausto não do trabalho, que era relativamente fácil, mas, sim, da mesmice da rotina. Não havia o que mais fazer: era um ciclo, dia após dia. E amanhã nós voltamos, pois agora nos resta descansar, já que em algumas horas começa mais uma jornada de trabalho...

ESQUERDISMO INFANTIL

Esses dias eu caminhava pela rua, mais precisamente ali pela Praça da Assembleia, e acabei por passar ao lado de um playground (não é algo que gostaria de fazer, principalmente em uma pandemia), onde acabei por avistar uma cena curiosa. Havia um grupo de policiais fazendo a ronda cotidiana, caminhando logo à minha frente, quando alguém, do grupo deles, resolveu interagir com uma garota, acompanhada pela mãe. Não faço ideia do que a policial disse à menina, mas asseguro que esta última a ignorou. Até aí, tudo normal; criança é assim mesmo: às vezes defende algo como se o mundo fosse acabar e, noutras ocasiões, ignora situações com que os adultos se importariam bastante – como aquele caso da garotinha

SUMÁRIO

que se recusou a cumprimentar João Figueiredo simplesmente... porque sim! Porém, a mãe dessa menina disse algo que me chamou bastante atenção: “Olha só, vai virar esquerdista”.

No início, até me pareceu uma pilhéria inofensiva de uma adulta em relação ao fato de “esquerdistas não gostarem da polícia”, mas vai bem além disso. Afinal, temos que ter em mente que o Brasil não possui uma polícia de *facto*, pois ela atua mais como um braço do exército (daí o nome Polícia Militar), e isso vem desde a época do Império, através da concepção de Guarda Imperial. Portanto, é quase óbvio dizer (mesmo que inconscientemente) que a polícia se assemelha, em diversos aspectos, com as Forças Armadas, sobretudo o Exército.

Contudo, quando falamos do quesito ideológico do Exército, incluindo as forças armadas e a Polícia Militar, estamos tratando de algo complexo. O exército brasileiro sempre foi, desde a Proclamação da República até o Governo Bolsonaro, um importante agente no jogo político nacional – algumas vezes agindo indireta ou diretamente na trajetória macropolítica. No Brasil Imperial, o exército ganhou força após sua formação na Guerra do Paraguai, quando, de fato, houve a criação de um contingente significativo, comparado ao da Marinha, que detinha a maior força militar à época. Somem-se a isso outros fatores, como o contato com o republicanismo dos aliados argentinos e uruguaios, que distanciou o exército do pensamento da Marinha. Assim, desde seus primórdios, essa corporação já possuía certa autonomia política, com ideologias suficientemente divergentes para se estabelecer como um agente distinto da Marinha.

Em seu primeiro ato político de grande magnitude, na Proclamação da República, o exército conseguiu impor-se no cenário político brasileiro, sempre assumindo um caráter patriótico que seguia em diversos espectros. Havia diversas ideologias que se espalhavam pelo exército, inclusive o comunismo, que vinha se tornando cada vez mais presente na estrutura militar, principalmente após 1917. Cada vez que tal corrente se espalhava, a rejeição e o medo aumentavam, o que

levou à supressão de qualquer movimento social dentro do exército, agora marcado por crescente anticomunismo em seu interior.

A consolidação do anticomunismo no exército se deu em 1945, ao final da Segunda Guerra, quando os militares brasileiros tiveram seu primeiro contato mais direto com os estadunidenses. Essa troca de valores (quase unilateral) deu origem a uma relação de intimidade entre os militares brasileiros e os estadunidenses, que, por sua vez, ditariam largamente o comportamento do Exército (e das forças armadas em geral) no futuro. Portanto, com o passar dos anos, o espaço militar deixou de permitir comunistas (apesar de algumas convulsões nas suas entranhas, como a Intentona Comunista, em 1935), tornando-se, até mesmo, o maior exemplo de anticomunismo para o país.

Contudo, acredito que a consagração da imagem do exército como um agente político – sobretudo – anticomunista tenha sido durante a ditadura militar, principalmente no contexto da Guerra Fria. Durante essa época, como o leitor deve saber, os EUA rivalizavam com a União Soviética (comunista) e os agentes políticos responsáveis por alinhar o Brasil de forma concreta ao país capitalista foram justamente os militares. No outro lado, a repressão dos “esquerdistas” foi dada principalmente pela polícia, que, como já dito anteriormente, sempre andou lado a lado – administrativa e ideologicamente – com as forças militares.

Os militares odeiam os esquerdistas, que, por sua vez, odeiam os militares. Isso ocorre desde 1945, mas vemos mais intensamente em outros períodos, como na década de 1970. Portanto, entendemos o porquê da atitude da menina em ignorar a policial (mesmo que eivada de inocência) ser taxada de “esquerdista”. No fim das contas, eu não vi o desfecho do episódio, pois, como tinha pressa, passei por eles e segui meu trajeto.

SUMÁRIO

O QUE HÁ DE TÃO ENCANTADOR EM *DESENCANTO*

DESENCANTO. Direção: David Lean. Romance/Drama. Inglaterra. Produção: Eagle-Lion Distributors, 1945. 88 min, p&b.

Lançado em 1945, o filme *Desencanto* (*Brief Encounter*, em inglês), do diretor David Lean, é considerado um dos mais importantes de sua época. Além de três indicações ao Oscar, conquistou vários outros prêmios e já foi até proclamado pela revista inglesa *Time Out* “o mais romântico de todos os tempos”. De fato, o filme é reputado como um exemplo de “subversão do romance”, uma vez que apresenta uma mensagem bastante contraditória se comparada aos romances daquele contexto.

O filme narra a história da dona de casa Laura Jesson (Celia Johnson), que possui um casamento estável e uma vida confortável, mas lhe falta a emoção que faz o coração bater mais forte e o sangue correr mais velozmente. Por causa de uma situação aparentemente simples, conhece Alec Harvey (Trevor Howard), médico também de meia-idade, com vida igualmente estável e aparentemente satisfeito com sua condição. Embora os dois estejam em casamento e vida familiar em estágio maturo, acabam sentindo atração mútua e começam a sair juntos. Esses encontros, cada vez mais intensos e frequentes, começam a colocar em xeque toda a vida social intrafamiliar, mesmo que isso seja uma questão interna deles.

Um dos pontos fortes do filme é o desenvolvimento do dilema vivido tanto por Laura quanto por Alec: “Vale a pena arriscar o que eu construí por algo passageiro?”. Parte considerável dos filmes que abordam o romance extraconjugal poderia responder: “Bem... se você não se considera feliz, então vale a pena arriscar”. Contudo, Alec e Laura não sabem ao certo dizer se são realmente felizes: se, por um lado, Laura (sob cuja perspectiva a história é narrada) possui um marido que lhe trata bem, preocupa-se com a prole e lhe oferece um

SUMÁRIO

lar tranquilo, por outro essa mesma tranquilidade, porque excessiva, parece esvaziar de sentido a vida de uma dona de casa carente de emoção. O mesmo se aplica a Alec, embora o espectador não tenha acesso aos seus processos mentais senão por intermédio de Laura. O médico é respeitado, já está na meia-idade e possui boa condição financeira e estabilidade familiar, mas o espectador é tentado a se perguntar: “Ele é realmente feliz?”.

Esse dilema é respondido no final, quando ambos decidem que o melhor para os dois é se separarem e, assim, manterem a estrutura familiar que já haviam construído e o respeito que tinham pelos outros a sua volta, uma vez que o adultério não era bem-vindo. Essa solução pragmática seria uma forma de evitar problemas futuros, à custa da completa ruptura de contato entre ambos. Cabe indagar se foi uma decisão nobre, covarde ou egoísta. Talvez nessa dubiedade resida um dos méritos do filme.

Se, por um lado, *Desencanto* brilha ao desenvolver os dramas dos personagens principais, um dos piores pontos consiste nos personagens secundários. É compreensível que David Lean (roteirista e diretor) quisesse criar um alívio cômico, mas acabou por criar personagens quase sem propósito e as cenas que protagonizam definitivamente não fazem sentido para o desenvolvimento da trama. Uma narrativa deve ser eficiente essas cenas que mal contribuem para o desenvolvimento de personagens que não irão interferir no conflito central são um desperdício e não há sentido lógico em ocupar tanto espaço na trama. Portanto, personagens como a atendente no café poderiam ter menos tempo de tela.

De modo geral, o filme pode ser assistido por qualquer espectador, pois não há nada de tão complexo nem pesado na trama, mas é necessário certo amadurecimento para entender completamente a motivações dos personagens e o dilema final. Apesar de datado tecnicamente, algo que se esperaria de um filme de 1945, e o contexto das condições históricas em que a obra foi

SUMÁRIO

POT-POURRI DE MIUÇALHAS

feita já ter-se perdido, o filme se mantém bem narrativamente: poucos pontos da obra se tornaram clichês e provavelmente esses detalhes não deviam sê-lo na época de lançamento. Portanto, mesmo que não seja hoje o drama que provoque os mais intensos sentimentos no telespectador, pode-se considerar uma obra válida para se assistir.



SUMÁRIO



14

**RODRIGO
AUGUSTO DA
SILVA MOTTA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Rodrigo Motta é um jovem de 16 anos, que atualmente estuda Eletrotécnica no CEFET-MG. Amante visceral de história do Brasil e de música brasileira. Com fortes posições políticas, considera-se um democrata acima de tudo. Voltado para o campo da esquerda, vê no mundo a desigualdade e sonha um dia ajudar a diminuí-la.



Possui grande tendência a se tornar político, seja na construção prática do futuro, seja na exposição de opiniões. Fanático por MPB e

SUMÁRIO

grande fã de figuras como Milton e Tom, é pianista amador e amante. Pretende seguir carreira de historiador e músico por formação, jurista ou engenheiro por profissão. Possui como grandes influências intelectuais Fernando Haddad, Tom Jobim e Francisco, seu pai.

REFLEXÕES SOBRE VIDA, CONSUMO, TEMPO E TRABALHO

Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.

Paulo Freire

Vivemos um tempo peculiar, resultante de anos de guerras, migrações, evoluções, atrasos e uma política extremamente complexa. O mundo de hoje vê os vestígios do que, em milênios, os humanos criaram e destruíram. Em escopo histórico menos dilatado, vejo o mundo com as cicatrizes e a herança do século XX no pensamento e na política. Posso citar, sem sobra de dúvida, a presença da revolta, fruto das conturbações que nos assolaram.

Nossa maneira de pensar e viver também se alterou ao longo do tempo. Se considerarmos a vida como dialética entre a *bíos* compartilhada por todos e a forma como cada *modus vivendi* é afetado pelas circunstâncias históricas e culturais, temos fatores comuns à grande parte da população no mundo atual. Desde a queda da Idade Média e o advento do mercantilismo e de sua sucedânea, a globalização, tem-se alterado drasticamente a vida na cultura ocidental. Em um prisma diacrônico de longa duração, vivemos, *grosso modo*, o início do escravagismo e do colonialismo, aliado a uma política absolutista. Mais tarde, com a Ilustração, experienciamos grandes revoluções que instauraram uma *civitas*

SUMÁRIO

mais democrática e uma promessa de liberdade e igualdade. Logo depois, a Revolução industrial engendrou uma migração urbana que perduraria por séculos, junto a uma terrível política de exploração dos recursos primários e da mão de obra precarizada, que restaurou desigualdades históricas insufladas pela acumulação primitiva de capital por pouquíssimas pessoas. Com o início do imperialismo europeu, principal herdeiro do colonialismo, e o início da globalização que vemos hoje, muitos desses ideais que saciaram a rapina das grandes potências econômicas e militares se espalharam, como que por contágio, também para o mundo periférico. A ganância por dinheiro e poder nos revelou o pior do ser humano que jamais tínhamos assistido até então – como diria Caetano, “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”. Franqueado por teorias raciais e pelo cientificismo político, o imperialismo europeu explorou o mundo em busca de riqueza e fez de povos autóctones meros habitantes; converteu lugares com história em tão-somente potenciais minas de riqueza; tornou a vida humana um simples perde-e-ganha em torno do dinheiro. Em seguida, com a invenção do ufanismo, e mais tarde, com a alienação capitalista promovida por anos de impotência popular sobre os sistemas de consumo e propaganda, não só a vida sob o modo de produção e consumo capitalista se tornou um jogo de consumo, mas a vida *tout court*. O ser humano foi alienado, desde a Revolução industrial, a se tornar uma máquina de produção e – depois – de consumo que não só admira e admite o lucro do patrão, mas que ergue sua produtividade acima de si própria.

Pensemos, mais pontualmente, sobre a cultura brasileira. Uma das únicas heranças que recebemos da Ditadura Militar brasileira instaurada em 1964 foi a música de protesto. Uma dessas canções ali produzidas, “Pois é, Seu Zé”, de Gonzaguinha, tem um trecho – “A plateia só deseja ser feliz” – que me fez pensar como, numa sociedade tão grande e poderosa, nós nos individualizamos a ponto de normalizarmos e virtualmente ignorarmos atrocidades. Um exemplo

recente e aterrorizante foi a aglomeração promovida nas praias dos litorais do Nordeste e do Sudeste, em meio a uma pandemia que dizimou milhares de pessoas. Ao mesmo tempo em que ignoraram tantas mortes, também ignoraram as mortes pelas quais serão futuramente responsáveis. Com efeito, salta aos olhos a maneira como as mortes diárias – contabilizadas avidamente em programas televisivos sensacionalistas se naturalizam de tal sorte que nós, uma vez acomodados e acostumados, tomamo-las como meros itens de um mostruário que se atualiza vertiginosamente. Essa mesma anestesia culminara na eleição de um candidato à presidência da república que defende abertamente a tortura e a repressão política, em um país há pouco liberto de uma terrível ditadura.

Outra forma com que “Pois é, Seu Zé” me impactou foi como nos tornamos impotentes e acomodados em face de um sistema capitalista repressivo e desigual. Estamos tão acostumados, por gerações, a vermos pessoas espontânea e “geneticamente” ricas ou pobres, em sucessivas atualizações da dualidade Casa Grande & Senzala, que nos acostumamos a não olhar criticamente para uma sociedade na qual parte da metade da população precisa “fechar a boca” para não engordar mais e outra metade não tem o que comer. Abdicamos de ser o agente político mais importante possível e nos tornamos uma atônita plateia que assiste à tragédia que ela mesma permitiu.

Nossa tarefa incrivelmente árdua e insatisfatória consiste em mudar esse estado de coisas ou, como diria novamente Gonzaguinha, “Você deve aprender a baixar a cabeça; / E dizer sempre: ‘Muito obrigado’; / São palavras que ainda te deixam dizer; / Por ser homem bem disciplinado [...] / pra ganhar um fuscão no Juízo final / e diploma de bem-comportado”. Ou, talvez, se despertarmos do sonambulismo de que padecemos: “A gente quer viver pleno direito; / A gente quer viver todo respeito; / A gente quer viver uma nação; / A gente quer é ser um cidadão”. Herdeiro daqueles que se foram, acredito que o passado não é de toda nossa culpa, assim

como o presente é meramente nossa condição. Porém, o futuro é nossa – e apenas nossa – responsabilidade. Se desejamos viver em um mundo no qual sejamos verdadeiramente livres, em que mortes sejam tratadas como mortes, vidas como vidas, coisas como coisas e pessoas como pessoas, o dever é puramente nosso.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS

*Ser jovem e não ser revolucionário é
uma contradição genética.*

Ernesto Guevara

No mundo de hoje, com o papel das mídias e redes sociais cada vez maior na política, que explicitou e impulsionou pensamentos e falas extremos e diversos, parte da sociedade se encontrou em um estranho dilema. A constituição brasileira resguarda a liberdade de expressão, porém também criminaliza o discurso caracterizado como discriminatório. Portanto, qual é o limite demarcado entre as práticas legal e ilegal da expressão e qual é a responsabilidade ética individual de cada um a respeito disso? A solução, em longo prazo, é a educação e a inclusão. A solução, em curto prazo, é a tipificação, conscientização e aplicação da lei.

A educação é a única maneira, em longo prazo, de mudar uma sociedade visceralmente. O ódio e a discriminação estão enraizados no povo brasileiro devido a questões históricas como a escravidão, o machismo profundo das sociedades ocidentais e a heteronormatividade. Somente com um ensino diversificado e humanista, em que a escola seja direito consoante a todos, independentemente de quaisquer dissemelhanças, podemos de fato,

SUMÁRIO

em longo prazo, diminuir preconceitos que evoluíram a crimes de ódio. Para isso, é papel do Estado acabar com a cobertura desigual da educação, em que apenas áreas ricas de grandes cidades possuem ensino de qualidade. Além disso, também é urgente uma mudança no sistema educacional brasileiro, que, por descendência dos sistemas prussiano e inglês, ambos do século XIX e XX, tenta fazer o estudante se transformar em operário em vez de cidadão.

Precisamos destituir essa suposta organização que prioriza apenas o ensino técnico e profissional por meio de atividades repetitivas e mecânicas, para que, assim, possamos instituir um ensino mais dinâmico e que priorize, também, a formação ética e intelectual. Essa substituição é responsabilidade dos legisladores e do Ministério da Educação, por meio de um novo plano de ensino que mude a ementa das escolas de forma prática. A inclusão de grupos oprimidos no ensino e em papéis de relevância também é importantíssima para a desconstrução de imagens preconceituosas que também alimentam por crimes de ódio. Essa inclusão deve ser feita, em parte, pela educação, para que esses grupos tenham, de fato, acesso a formação profissional e intelectual que os levem a cargos e funções de relevância; e, em parte, pelas leis, que precisam combater a desigualdade em caráter emergencial, mediante ação de legisladores para criação e implantação de cotas em vestibulares, eleições, empregos em grandes empresas etc.

Em curto prazo, é dever do Estado e dos administradores de redes sociais a coibição do discurso de ódio. É urgente que o Estado, por meio de legislação, obrigue as empresas de mídias sociais à criação de órgãos que combatam o discurso de ódio mediante sistemas inteligentes que reconheçam o discurso discriminatório a partir de palavras-chave e da predição de perfis que já tenham temperamento propenso a tal. Aos meios de comunicação que suportam as mídias sociais, é necessária uma postura de compromisso de inclusão e diversidade entre seus empregados.

Caso os meios de comunicação não cumpram seu compromisso social, é dever da sociedade civil o banimento do uso dessas redes. De igual modo, caso os legisladores não façam uma ferrenha entrevera ao discurso de ódio, também é dever da sociedade civil a resmuda das cadeiras legislativas por meio das eleições.

Portanto, se o Brasil realmente quiser a democracia em todas as suas faces, de modo pleno, é preciso investir na educação de tecnologia e na educação civil, de modo que criemos pessoas, não números; cidadãos, não trabalhadores. Como disse o jornalista e poeta Félix de Athayde, “A propriedade é sagrada. O lucro é sagrado. O operário é sangrado”.

UMA VIAGEM LUNAR

PAPER Moon. Direção: Peter Bogdanovich. Produção: Frank Marshall, Peter Bogdanovich. Roteiro: Alvin Sargent, Joe David Brown. Fotografia de László Kovács. Estados Unidos: The Directors Company, Paramount Pictures, 1973. (1 BD-50, 1 DVD).

O filme *Lua De Papel (Paper Moon)*, que teve sua estreia em 16 de maio de 1973, nos Estados Unidos, retrata a história de Moses Pray, um vigarista, e Addie Loggins, uma órfã. Moses é encarregado de levar Addie a uma tia distante, mas, assim que extorque 200 dólares do irmão do assassino da mãe da menina, esta lhe exige o dinheiro e, assim, obriga-o a ficar com ela até restituir a quantia. O filme, dirigido por Peter Bogdanovich e produzido pela *The Directors Company*, foi extremamente elogiado pela crítica, sendo que Tatum O’Neal (que interpreta Addie Loggins) ganhou o Óscar de Melhor Atriz Coadjuvante e até hoje é a atriz mais jovem a conquistar o prêmio.

Chama atenção a impecável elaboração do cenário, dos elementos visuais e do roteiro (ambientação em geral), que nos remetem à década de 1930, no contexto de enfrentamento das terríveis

SUMÁRIO

consequências da Grande Depressão. O contexto histórico influencia o roteiro, principalmente, pela presença dos contrabandistas e mafiosos – afinal, a “era de ouro” das máfias nos Estados Unidos se deu nesse período, devido à Lei Seca, ao aumento da criminalidade que acompanhou a Grande Depressão – e pelas discussões políticas da época (em diversos momentos, Addie e Moses discutem a respeito das medidas econômicas tomadas pelo então presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, para a retomada econômica e combate à pobreza, no pacote intitulado *New Deal*). O filme tem um aspecto realista muito bem trabalhado ao abordar não só a extrema instabilidade financeira que levou Moses a praticar golpes, mas também a enorme presença da criminalidade, prostituição, corrupção, contrabando, instabilidade familiar etc. É perceptível que as paisagens desérticas e o aspecto que remonta a filmes de “faroeste” também pretendem retratar o isolamento e a “terra sem lei”, que permite esse contexto de criminalidade. Outro fator que também vale destacar é o fracasso da Lei Seca, representado pelo contrabando de *whiskey*, e a extrema importância do dinheiro para a sobrevivência nos Estados Unidos da época, consequência das décadas e décadas de medidas econômicas liberais que levaram os Estados Unidos a essa situação perversa.

Um aspecto importantíssimo para análise do filme é a relação entre Addie e Moses. É inconclusivo se Moses de fato é o pai biológico da garota; porém, independentemente disso, conforme a convivência dos personagens aumenta, ambos constroem uma relação de cumplicidade e um forte laço emocional que leva Addie, em uma das últimas cenas do filme, a fugir da confortável casa da tia para continuar perambulando com Moses. O filme constrói, com genialidade, a relação inusitada entre um vigarista e uma criança cujo ar de desconfiança profunda e cuja “esperteza” são traços que a levariam a colaborar na organização dos golpes.

É interessante como *Lua de Papel* constrói relações de insegurança entre Addie e sua família, já que ela não tem certeza de quem

SUMÁRIO

é seu pai, e recentemente, perdeu a mãe. Porém, à medida que se constrói a relação de Addie e Moses, a paternidade (não necessariamente biológica) é acompanhada de um sentimento mútuo de protecionismo e ciúme; afinal, gradativamente a cumplicidade nos golpes passa a ser, de fato, uma parceria entre “sócios” e não apenas uma maneira de obter o dinheiro que Moses devia a Addie. O sentimento de ciúme também motiva a cilada arquitetada contra a vigarista Trixie, da qual, em inversão dos papéis geracionais, a menina busca proteger seu tutor. Também é intrigante a insegurança de Addie em ser uma menina “masculinizada” e, mesmo, em ser uma criança, razão pela qual procura se adultificar em gestos imitativos de comportamentos adultos. Vejam-se, a propósito, as cenas em que ela se zanga por ser chamada de menino, em que reproduz “coisas de gente grande” (fumar, xingar, gritar etc.) e a icônica cena em que, escondida no banheiro, imita sua mãe (pela pose, perfume, joias, sorriso etc.). O filme trata, pois, de conflitos identitários atrelados a gênero e geração.

Já Moses, à semelhança do arquétipo byroniano, perde o foco dos “negócios” quando se envolve em romance. A partir da intrusão de Dixie na dinâmica paterno-filial, Moses cessa de dar golpes e entra em “férias” com a prostituta, deixando Addie profundamente magoada. A propósito dos golpes, David Lean constrói com genialidade o arquétipo do vigarista e herói byroniano, a exemplo da cena em que Moses cogita comprar um vestido para Addie, a fim de deixá-la mais simpática, e do extremo cuidado estético do charmoso trapaceiro. A simulação de ambos como figuras familiares e amigáveis facilita enormemente os golpes, mas o diretor tem o cuidado de garantir condescendência e simpatia do telespectador com relação a Addie ao lhe atribuir um limite moral nos golpes, como demonstrado na sua iniciativa de doar a bíblia a uma vítima pobre e, em contraposição, cobrar preço mais alto de uma senhora abastada.

Trocando em miúdos, o filme explora com excelência a relação de uma menina órfã e um vigarista boêmio, assim como

SUMÁRIO

suas dificuldades e inseguranças. Mesmo que o filme retrate uma história ambientada na década de 1930 e produzida na década de 1970, muitos aspectos explorados se fazem presentes nos dias de hoje, como a irregularidade e corrupção em órgãos estatais, a criminalidade decorrida da pobreza e da ganância (atrelada ao byronismo), a instabilidade crescente de relações parentais e familiares etc. Para tanto, Ryan O'Neal (que interpreta Moses) e Tatum O'Neal (que interpreta Addie) contribuem com uma atuação realmente excepcional, complementada por uma fotografia e direção que relacionam o roteiro ao contexto pós-1929 de maneira genial.

SUMÁRIO

15

**STÉFANE
BUENO
DE SOUZA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Stéfane Bueno de Souza é aluna do ensino técnico em Eletrônica integrado com o Ensino Médio, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Nasceu em João Monlevade, onde morou até 2019, e posteriormente se mudou para Contagem. Coursou todo o Ensino Fundamental no Colégio Kennedy. Ela possuía bolsa de estudos parcial, e para mantê-la durante toda sua trajetória escolar, obteve em todos os anos uma média geral igual ou superior a 80%. Com isso, recebeu em sua formatura do Ensino Fundamental a condecoração de “aluna destaque” da turma.



Em 2017, quando as escolas particulares foram incluídas na Olimpíada Brasileira de Matemática (OBMEP), ela conquistou uma

SUMÁRIO

menção honrosa. Ademais, no primeiro ano do Ensino Médio, recebeu medalha de prata na Olimpíada Itabirana de Matemática. Stéfane sempre gostou de cantar pop e MPB, e atualmente toca violão. Em meio à pandemia do novo coronavírus, desenvolveu mais interesse pela linguagem, iniciando estudos da língua inglesa e participando da produção de um artigo científico a respeito das trajetórias de mulheres atuantes nas áreas das ciências exatas do CEFET-MG.

NOSSO AMIGO TELESPECTADOR

É mais um dia em que a minha razão perde para a procrastinação. Ao adentrar as redes sociais, vejo tanta coisa boa: pessoas belas e contentes, amigos em festas, casais apaixonados. Mas acho que não conheço essa gente. As pessoas só postam o que querem que os outros vejam, não necessariamente a verdade. Com isso, acabam criando um personagem para si mesmas.

Nas redes sociais, aqueles que visualizam nossas postagens são denominados “amigos” ou “seguidores”, termos que passam a ideia de que esse indivíduo nos acompanha durante nossa vida. Porém, se construímos uma realidade imaginária, não é a nossa vida que o seguidor acompanha, mas, sim, um tipo de série inspirada em histórias reais. Logo, o “amigo” que nos segue é o nosso telespectador.

A manipulação da própria imagem não é algo recente. Entretanto, decerto, essa é a época de maior popularização desse costume, uma vez que sua prática foi facilitada com o advento das redes sociais. Estas, que deveriam ser um avanço na forma como nos comunicamos, tornaram-se uma agravante do individualismo. Ao invés de nos ocuparmos em conhecer pessoas novas e manter contato com os amigos – que deveria ser o intuito das redes sociais –, sentimos muito mais a necessidade de alimentar o nosso próprio ego. Queremos sempre ter mais seguidores, mais curtidas e mais comentários. E,

SUMÁRIO

nesse desejo insaciável, começamos a transformar conhecidos em amigos – apenas para aumentar nossa popularidade – e as amizades verdadeiras se tornam cada vez mais escassas.

Além disso, é frequente o uso de ferramentas como maquiagem, filtros e *photoshop*. A questão é que quanto mais uma pessoa modifica sua imagem, maior é sua insatisfação com sua real aparência. Dessa forma, tanto aqueles que se transformam nas redes sociais quanto os diversos seguidores que os acompanham desejam ser como seu personagem. Por conseguinte, muitas pessoas desenvolvem doenças mentais, como a depressão.

Mesmo prejudiciais à saúde mental, as redes sociais continuam sendo utilizadas de maneira descontrolada, seja porque grande parte da população tem a internet como principal meio de entretenimento, seja pela necessidade de estar incluso na moda popular, seja, ainda, porque muitos de nós já vivemos tanto tempo incorporando um personagem que não sabemos mais como viver fora dele. Assim, só o que nos restou foi uma eterna falsa verdade.

O ÓDIO NARCISISTA

O narcisismo é um transtorno mental caracterizado pelo ego elevado. O narciso tende a crer que é superior às outras pessoas e raramente demonstra empatia. Tendo isso em vista, são notórias as constantes manifestações narcísicas por parte da sociedade brasileira. Quando pessoas narcísicas usufruem de sua liberdade de expressão, não se importam com o modo como suas palavras irão reverberar na vida do Outro. Assim, em suas manifestações de liberdade, esse grupo social tende a romper limites éticos com discursos de ódio, geralmente em redes sociais. Logo, medidas são necessárias para mitigar essa problemática.

SUMÁRIO

Segundo o sociólogo Émile Durkheim, em sua teoria do fato social, o meio em que uma pessoa nasce tem grande influência sobre a forma como ela vive. Isso se aplica às sociedades contemporâneas, principalmente quando tratamos da aparente perfeição imposta pelas redes sociais. Para relacionar melhor os conceitos, pense nisto: Quantas vezes, no Instagram, você se sentiu insuficiente após visualizar inúmeras fotos de pessoas felizes, bonitas e/ou viajando? A partir dessa sensação, algumas pessoas, insatisfeitas com suas vidas, tendem a difamar outrem para que, assim, possam se sentir superiores.

Ademais, ações como a citada anteriormente tendem a ser agravadas pela aparente impunidade nas redes sociais, uma vez que basta criar um perfil falso para preservar sua identidade. Entretanto, mesmo presencialmente, alguns narcísicos acreditam que suas ações não serão repreendidas, como é o caso de uma senhora, passageira de avião, numa difundida peça publicitária portuguesa contra o racismo. Carregados de ódio e sustentados pela impunidade, indivíduos como a passageira incomodada por estar sentada ao lado de um negro enchem as redes sociais de comentários extremamente pejorativos.

Para intervir nesse grave problema social, as mídias deveriam aprimorar sua política de uso, por meio da implementação de ferramentas que permitam a identificação do dono do perfil denunciado por algum comportamento agressivo. Além disso, é dever dos poderes competentes realizar a devida punição para casos de injúria e difamação. Isso pode ser feito por intermédio de projetos de lei mais rígidos, com julgamento infiançável. Assim, a justiça brasileira não irá refletir – como de fato tem feito – a imagem de impunidade, que, conseqüentemente, agrava as manifestações de ódio.



SUMÁRIO

A INFLUÊNCIA DA FIGURA PATERNA NA INFÂNCIA

LUA de papel. Direção: Peter Bogdanovich. Produção: Frank Marshall e Peter Bogdanovich. Estados Unidos: Paramount, 1973. VHS.

Como se sabe, os laços sanguíneos são extremamente valorizados na cultura ocidental, cuja noção de família é balizada pelo parentesco, por sua vez organizado em torno da ascendência patrilinial. Não é por acaso que, nesse arranjo societário patriarcal, as pessoas tendem a buscar inspiração na família, sobretudo nos pais, ainda que, muitas vezes, estes não sejam bons exemplos. Para consubstanciar essa premissa, basta repararmos as famílias ao nosso redor que logo encontraremos um/uma filho/filha que seguiu a carreira de algum dos genitores ou que carrega consigo traços comportamentais e opiniões similares aos destes últimos. Afinal, a formação da identidade se dá, em larga medida, através de processos de identificação em que as figuras parentais exercem as primeiras e decisivas influências. É nesse contexto de identificação criança-adulto que se desenvolve o filme *Lua de Papel* (*Paper Moon*, no original em inglês), lançado em 1973.

O diretor, Peter Bogdanovich, dirigiu, entre outros filmes de destaque, *Um sonho, dois amores*, *Marcas do destino* e o aclamado *A última sessão de cinema*, no qual realizou atividades tanto de diretor quanto de roteirista e de ator. Embora seus filmes possuam temáticas bastante variadas, a maioria se enquadra no gênero dramático (como *Lua de papel*), na comédia e, em alguns casos, no romance.

O filme em tela gravita em torno da relação entre dois personagens, Addie Loggins e Moses Pray. Com apenas nove anos, Addie se tornou órfã após o atropelamento da mãe, cujo “amigo” Moses foi encarregado de levá-la até a casa de uma tia da criança. Entretanto, ao longo do trajeto, percebemos não apenas que a relação entre Moses e a mãe de Addie, uma prostituta, era mais íntima do que uma amizade, mas também que Addie seja filha do rapaz, na

SUMÁRIO

medida em que “tem o seu queixo” e outros traços similares. De fato, chama atenção a relevância da figura paterna para a menina, que repetidamente indaga Moses sobre a possibilidade de ele ser seu pai.

Durante a viagem, Moses faz paradas em diversas cidades e aplica golpes contra viúvas, às quais finge ser vendedor de bíblias de luxo supostamente encomendadas por seus respectivos maridos antes de morrerem. Sensibilizadas por realizarem o último desejo dos finados, as senhoras compram bíblias simples por um preço extremamente superior ao que valem. Ao perceber o truque de seu cuidador, a pequena Addie se torna eficiente comparsa do vigarista, pois aprende com notável diligência a arte da persuasão e demonstra ser muito esperta, além de precoce, pois possuía o hábito de fumar. Com isso, percebemos reflexos da falta de estrutura familiar na conduta de uma menina de apenas nove anos que fuma e aplica golpes. Embora esse comportamento seja assustador, Moses não parece se importar e, assim, deixa explícito o péssimo pai que ele seria.

Com o tempo, Addie e Moses tornam-se uma dupla de trapaceiros de sucesso, e a menina nutre por ele uma afetividade filial que provoca reação de ciúmes – e, ao mesmo tempo, de zelo – quando o vigarista inicia um romance com a prostituta Trixie Delight. Essa reação decorre do fato de Moses gastar boa parte de seu lucro com a companheira, que, além de tudo, é uma pessoa irritante e mesquinha, que trata sua ajudante negra, apenas quinze anos (Imogene), de maneira análoga à escravidão. No filme, podemos perceber que os negros não atuavam na economia da época, nem mesmo como funcionários, pois em nenhum momento Moses aplica seu golpe a uma viúva, atendente ou comerciante negra. Com isso percebemos que a situação de Imogene retrata a de muitos negros, que, embora não fossem escravizados no contexto da Grande Depressão, sofriam com o racismo instalado na sociedade, sendo rebaixados a funções de servidão. Isto posto, percebendo que, como Trixie estava apenas se aproveitando do dinheiro de Moses, assim como dos serviços de

SUMÁRIO

Imogene, Addie resolveu armar para destruir o romance e, ao mesmo tempo libertar a jovem do jugo de Trixie. A forma como Addie manipulou a situação e ajudou seus amigos foi muito perspicaz, dando até um viés positivo para sua experiência como vigarista.

Todavia, devemos estar cientes de que a pilantragem é perigosa, ainda mais quando se resolve aplicar um golpe em criminosos, como Moses e Addie fizeram ao roubar e revender para um contrabandista de bebida sua própria mercadoria. Quando descobriu o golpe, o contrabandista contactou seu irmão, que era xerife local e foi atrás de Moses. Apesar de não conseguir o dinheiro que Moses havia conquistado com o golpe na primeira tentativa, ele o seguiu, espancou-lhe e pegou tudo o que tinha. É nesse momento que fica explícito o alto risco ao qual Moses expôs a pequena Addie: o “acerto de contas” dos criminosos poderia ter afetado a menina. Com esse fim trágico, Moses decide finalmente levar Addie para a casa da tia, que a recebe com carinho. Mesmo assim, a menina decide ficar com Moses e, ao final, os dois seguem novamente pela estrada.

Se analisarmos todo o contexto no qual a criança foi inserida, é um absurdo que ela permaneça sob a guarda de Moses, um trapaceiro irresponsável. Ainda assim, ela o escolhe em consequência de sua associação do trambiqueiro a uma figura paterna. Addie é influenciada pelo suposto pai ao ponto de perder a chance de viver em um lar tranquilo, confortável e seguro com sua atenciosa tia. Dessa forma, percebemos a relevante influência da figura paterna durante a infância, com potencial para definir o futuro das crianças.

O filme cumpre o seu papel como um drama, porém, com tal contexto, a comédia é praticamente imperceptível. Devido à falta de comicidade, acredito que a narrativa pode não agradar às crianças, sendo indicada para adolescentes e adultos. Finalmente, considero que *Lua de Papel* fixa a atenção do telespectador, mesmo que inicialmente não crie altas expectativas. Assim, é um bom filme para quem busca algo diferente do padrão cinematográfico do século XXI.

SUMÁRIO

POR QUE FALAR DE POLÍTICA?

O Brasil é um país rico, mas essa riqueza não é direcionada ao povo como deveria. Nesse viés, é plausível tratar de política, tendo em vista seu papel primordial no gerenciamento econômico do país.

Em primeira análise, muitos deputados e senadores – em tese, representantes do povo no congresso – são responsáveis por uma parcela dessa riqueza não servir à nação, pois saqueiam fundos destinados a serviços públicos. Mas fazem isso com uma razão: os pobrezinhos não recebem o suficiente para manter suas regalias faraônicas! Assim, basta desviar verba da saúde ou da educação, uma vez que sua esposa não ficará na fila do hospital e seus filhos nunca precisarão do estado para sua formação escolar. Então, se não os atinge, por que não?

Ora, é fácil perceber que o senhor deputado não representa a população, ou, melhor, até representa, mas só nas eleições. Alguns discursos bonitos dão até emoção e há candidatos que, só pelo carisma, já ganham uma votação. Pena, que no fim, quase todos são iguais: um dia comem pastel com povo e, no outro, lagosta à custa desse mesmo povo.

Mas fique tranquilo, senhor deputado. Daqui a pouco as pessoas esquecem! É só fazer mais promessas vazias, chamar o opositor de comunista e bancar o “defensor da família”. Só não sei de qual família. Deve ser da sua, né? Até porque, se você tira a saúde e a educação da nação para fins pessoais, não está protegendo ninguém.

Somada a esse impasse, ainda há a comum e antiética questão da venda de votos ou da destinação dos mesmos a familiares notoriamente despreparados. O voto é um direito constitucional que deve ser tratado com a sua devida importância! Votar por apreço ou por um preço é lavar as mãos perante uma decisão com potencial para impactar de maneira positiva ou negativa um grande contingente populacional.



SUMÁRIO



Ainda que a política tenha papel fundamental para o país, continuamos a ignorar o fato de termos que votar no candidato “menos pior”, não cobramos que os políticos cumpram suas promessas e esquecemos os erros pregressos dos candidatos. Assim, seguimos elegendo pessoas cada vez piores para nos representar e esquecendo que o verdadeiro poder de mudança está em nossas mãos. Não devemos esperar um político nos salvar; nós é que devemos mudar o país! Além do mais, o que seria das revoluções sem a voz de multidões? Não se esqueçam: os políticos são poucos; nós somos milhões.

SUMÁRIO



16

**TIAGO
MONTEIRO
SIQUEIRA**

PERFIL BIOGRÁFICO

Tiago Monteiro Siqueira é um jovem disciplinado e venturoso, nascido em 2005. Estudou, ao longo de todo o Ensino Fundamental, no Colégio Nossa Senhora das Dores, onde seu comportamento em relação à escola e aos estudos o diferenciava dos colegas desde pequeno. Esforçado, obteve notas superiores a 80% em todas as matérias nos oito primeiros anos escolares e recebeu certificado de “aluno destaque” por três anos.



O ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) foi uma consequência de sua dedicação e paixão pela área de Exatas, mesmo almejando cursar Medicina na UFMG. Seu maior objetivo ao ingressar nessa instituição foi cursar o Ensino Médio com uma base mais sólida e um amplo conhecimento sobre o mercado de trabalho. Optou pelo curso técnico integrado de Eletrônica por ser aquele com que mais se identificava. Tiago, mesmo ainda jovem,

SUMÁRIO

tornou-se fluente em inglês e almeja aprender outros idiomas, como espanhol e francês. Em contato com a língua inglesa desde pequeno, construiu laços de amizade com estrangeiros através de redes sociais e sonha poder conhecê-los um dia. Esse jovem nunca foi grande fã de esportes, porém joga vôlei com amigos sempre que possível. Sempre foi fã decretado de música, seja ela pop, rock ou country, desde que possa dançar, outra atividade da qual gosta bastante.

UM MUNDO DESCARTÁVEL

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, os ameríndios, habitantes nativos, foram condicionados a uma nova maneira de viver, que incluía uso de roupas, sapatos e armas de fogo, e, com isso, a ideia de que essa era a maneira correta de viver. Mesmo assim, tempos depois, a Europa se encontra no período de Renascimento, em que o advento de novas ideias, novos argumentos e novos pensamentos “atualizam” visões de mundo anteriores.

Já hoje, é bastante corriqueiro ouvir sobre o lançamento de algum produto ou serviço e, pouco depois, não se discutir mais a respeito. Afinal, há sempre novos lançamentos a serem discutidos, de tal forma que, no ritmo vertiginoso da obsolescência programada, antigas novidades se tornam, a todo o tempo, novas velharias. Com efeito, vivemos em um mundo onde se produzem aparelhos telefônicos de altíssima qualidade, mas no dia seguinte haverá sempre um melhor que substitua o anterior. Trata-se, enfim, da era do descartável.

Há situações comuns em nosso dia a dia que exemplificam essa constante “atualização”. Determinada editora, ao produzir uma revista, apresenta ao leitor as roupas que estão na moda, as criações mais recentes e as que as celebridades mais usam. Assim, modelam o leitor ao que supostamente haveria de mais atual. Contudo, em menos de um mês, haverá novas roupas, acessórios e maquiagens

que anularão por completo as anteriores. Essa constante substituição pode ser benéfica por trazer inovações ao mundo, mas é de todo desnecessária quando produz uma sociedade sem individuação, na qual subjetividades são moldadas conforme o fluxo do mercado e os sujeitos perdem a dimensão do limiar entre o que realmente desejam e o que são induzidos a cobiçar. Algo que não é nada saudável.

Essa descartabilidade presente em nosso mundo traz consigo o imediatismo, ou seja, o tempo é limitado e tudo deve ser feito antes que o período de curtidas, visibilidade e engajamento acabe. O movimento #BlackLivesMatter, que parou o mundo no início de junho deste ano em uma campanha contra o racismo, terminou antes mesmo de começar a luta verdadeira. Agora, raramente se vê algo na internet sobre isso. Por quê? O movimento não se encontra no *trending*; em outras palavras, não traz curtidas e engajamento. Os mais atingidos por essas mudanças são sempre aqueles que já se adaptaram de certa forma e, assim, devem se modernizar com as novas maneiras de vida. Isso se torna ainda mais difícil em virtude das complicações que vêm juntamente com “atualizações” do mundo globalizado.

É notório que a população se atualiza a todo o momento, sem refletir sobre o antes ou o depois. Claro que sempre haverá certa resistência por parte daqueles que não conhecem o novo. Os jovens vão dizer que o novo é sempre melhor, até crescerem, uma nova geração de jovens surgir, e esta, então, dizer que o novo é melhor. Vivendo nesse eterno ciclo social da descartabilidade das coisas, tudo parece muito simples. Mas, “apesar de termos feito tudo o que fizemos” – ou seja, toda a tecnologia, todas as evoluções às quais fomos e ainda somos submetidos mesmo sem saber – “nós ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”; afinal, o mundo está em constante mutação.

O NARCISISMO E A PROPAGAÇÃO DO ÓDIO

Vivemos na chamada “Era Digital”, em que a cada dia mais cresce o uso das redes sociais como veículos de expressão opinativa sobre diversos assuntos. Nessa era, o uso das redes sociais permite criticar e rebaixar o trabalho dos outros, já que o algoz não precisa mostrar seu próprio rosto.

Uma rede social que tende a crescer muito nas próximas décadas e provavelmente fará com que a prática do discurso de ódio aumente ainda mais é o Twitter. Trata-se de uma rede criada com o intuito de fazer as pessoas se socializarem e expressarem sua opinião sobre o que quiserem. Entretanto, é muito mais comum encontrar discussões, ataques e os tão conhecidos discursos de ódio.

Quando se ataca alguém na internet, na maioria das vezes é em prol de algo, seja para defender seu ponto de vista e sua opinião sobre algo, seja como tentativa de enaltecer aquilo em que se acredita. Freud, em estudo sobre o narcisismo, explicou isso da seguinte maneira: “Os investimentos libidinais podem ser direcionados ao próprio ego ou aos objetos. Quando a libido é investida no ego, diz-se libido do ego ou libido narcísica”. O comportamento dos usuários de redes sociais como o Twitter pode ser explicado a partir da teoria freudiana, uma vez que muitos não mostram sua face e não há uma identidade fixa na internet. Dessa forma, atacar o outro é uma consequência da necessidade de preencher psicologicamente e/ou emocionalmente o próprio ego.

Um caso recente de mensagens de ódio na internet envolveu a cantora Luisa Sonza. Por volta do final do mês de agosto de 2020, houve grande repercussão a respeito da cantora, que terminou o namoro com o youtuber e *digital influencer* Whinderson Nunes e em seguida começou a namorar outro homem. Sonza recebeu uma onda intensa de críticas negativas que julgavam seu caráter, seu posicionamento e seus relacionamentos afetivos.

Quando se discutem maneiras de conter o ódio propagado livremente, muito se diz a respeito da conscientização. Trabalhos sociais já foram diversas vezes realizados em meio aos jovens na tentativa de minar o ódio gratuito nas redes sociais, mas sem resultados eficazes. Embora não haja uma maneira correta de lidar com situações como essas – afinal, trata-se de um comportamento decorrente de uma necessidade psicológica do homem –, há algumas iniciativas de influenciadores que deveriam ser praticadas por outros. O ator espanhol Itzan Escamilla iniciou no Instagram uma campanha chamada “Not a Social Guy”, com o intuito de discutir com gerações mais jovens sobre como utilizamos nosso perfil nas mídias para nos expressar.

O perfil do usuário das redes sociais pode informar muito sobre sua personalidade. Contudo, como se trata da forma como alguém se expressa, muitas vezes essa autoexpressão invade o território do outro, e na linha tênue entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio reside o limite entre o bom proveito e o mal-uso das redes sociais.

SUMÁRIO

SOBRE O ORGANIZADOR



Raimundo Expedito dos Santos Sousa

Doutor em Estudos Literários (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professor de Língua Portuguesa no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Belo Horizonte, onde atua nos níveis educacionais técnico e superior. Autor de dez livros, também escreveu dezenas de capítulos e mais de cinquenta artigos publicados em periódicos brasileiros e estrangeiros.

SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

A

adolescentes 120, 121, 124, 126, 171
adultos 18, 56, 76, 120, 121, 124, 126, 127,
147, 162, 171
amor 34, 35, 37, 43, 57, 66, 70, 80, 93, 123,
128, 129, 132, 138, 139, 141
aprendizado 18, 62, 69, 94
argumentação 76, 113, 114, 116
ataques 64, 65, 178

B

berlindes 73, 74, 75
boomers 101, 121

C

câncer 53, 54, 55, 112, 113, 114, 115,
116, 138
capacidade 53, 86, 93, 101, 121
capitalismo 114, 145
comportamento 76, 84, 93, 126, 149, 168,
170, 175, 178, 179
conscientização 158, 179
consumo 80, 155, 156
contaminações 114
controvérsia 99
crenças 112, 114
crianças 42, 56, 74, 90, 95, 98, 103, 121,
137, 171
críticas 178
crítico 65, 99, 121
cuidado 56, 58, 73, 136, 162
cura 111, 113, 115, 127

D

decisões 26, 27, 28, 30, 46, 94
democracia 29, 30, 31, 32, 33, 160
descartável 176
desejos 17, 43, 55, 81, 114

digital 90, 98, 99, 178
discurso 28, 29, 48, 64, 76, 88, 98, 99, 125,
158, 159, 160, 178, 179
discurso de ódio 28, 29, 48, 64, 76, 88, 98,
99, 158, 159, 160, 178, 179
discussões 28, 76, 161, 178
doenças 18, 53, 54, 55, 56, 112, 113, 114,
116, 167
dor 43, 105, 125, 130, 135, 138
drama 152, 171

E

economias 114
educação 25, 90, 98, 121, 155, 158, 159,
160, 172
ego 166, 167, 178
enfermidade 112, 113, 114, 115
Esquerdismo 147
estigma 53
expressão 29, 48, 49, 50, 58, 64, 65, 82, 89,
98, 99, 158, 167, 178, 179

F

Farmácia 146
ficção 111, 115
figura paterna 169, 170, 171
Filme 65, 66
Fragilidade 100
futuro 18, 28, 39, 42, 43, 46, 47, 52, 57, 58,
69, 72, 98, 109, 111, 119, 130, 138, 145,
149, 154, 158, 171

G

gênero 18, 22, 46, 82, 83, 84, 85, 86, 88,
99, 100, 103, 124, 162, 169
Geração Z 120
gerações 10, 28, 46, 74, 82, 102, 111, 115,
126, 127, 157, 179

SUMÁRIO

globalizado 89, 121, 177

I

idade 18, 19, 26, 40, 69, 70, 74, 102, 134, 138, 150, 151

identidade 99, 100, 168, 169, 178

infância 45, 46, 72, 74, 110, 169, 171

influência 26, 90, 98, 168, 169, 171

infraestrutura 121

inocência 90, 91, 149

Instagram 40, 168, 179

internet 27, 28, 34, 49, 50, 76, 77, 89, 167, 177, 178

J

jovens 9, 17, 18, 21, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 177, 179

L

liberdade 18, 29, 32, 48, 49, 50, 65, 70, 89, 90, 98, 99, 102, 136, 156, 158, 167, 179

Liberdade de expressão 158

linguagem 22, 33, 53, 54, 55, 83, 88, 99, 100, 112, 115, 144, 166

linguagem neutra 22, 99

M

manifestação 29, 84, 89

melancolia 114, 137

metáfora 53, 55, 112, 113, 114, 115

mídias 65, 76, 158, 159, 168, 179

modernidade 34, 116

monstro 105, 106, 107

N

narcisismo 22, 29, 48, 49, 64, 89, 167, 178

narcisista 167

narrativa 88, 151, 171

O

ódio 18, 22, 28, 29, 49, 50, 64, 65, 76, 88, 89, 98, 99, 125, 126, 136, 137, 158, 159, 160, 167, 168, 178, 179

opinião 49, 76, 116, 178

P

pacientes 114, 115, 121

perfil 144, 145, 168, 179

personalidade 46, 131, 132, 179

política 30, 31, 33, 54, 55, 68, 116, 144, 145, 148, 155, 156, 157, 158, 168, 172, 173

poluição 116

posicionamento 56, 115, 178

preguiça 137, 144, 145, 146

propagação 50, 76, 89, 98, 178

público 34, 35, 37, 77, 84, 85, 86, 87, 88, 90

Q

qualidade de vida 121

R

redes sociais 18, 22, 28, 29, 41, 42, 49, 64, 76, 77, 89, 90, 98, 99, 158, 159, 166, 167, 168, 176, 178, 179

S

saúde 39, 59, 98, 110, 111, 112, 121, 124, 167, 172

sensibilidade 17, 22, 31, 114

sentimentos 36, 54, 63, 64, 109, 113, 114, 122, 138, 152

sintomas 112, 114

sistema 22, 27, 29, 30, 80, 114, 157, 159

smartphones 73, 77

sofrimento 55, 80, 81, 82, 138, 139

SUMÁRIO

T

tecnologia 20, 25, 40, 41, 73, 75, 88, 120, 160, 177
tempestade 137
tempo 17, 18, 21, 27, 30, 31, 32, 34, 36, 41, 42, 46, 47, 48, 56, 57, 58, 63, 64, 65, 68, 73, 80, 81, 93, 94, 100, 102, 103, 106, 107, 110, 111, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 141, 144, 145, 151, 155, 157, 167, 170, 171, 176, 177
tomada de decisões 26, 30
Trabalho 126, 144
transtornos mentais 121
trapaça 90, 92
tratamento 53, 54, 55, 83, 113, 115
tuberculose 53, 54, 55, 112, 113, 114, 115, 116
Twitter 22, 65, 178

U

Universo 128
Utopia 46

V

vida 17, 20, 23, 26, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 43, 45, 46, 47, 48, 53, 56, 57, 59, 63, 68, 69, 70, 73, 80, 82, 91, 94, 95, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 111, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 131, 139, 140, 141, 146, 150, 151, 155, 156, 166, 167, 177

SUMÁRIO



Organizador
Raimundo
Exedito
dos Santos
Sousa

POT-POURRI DE MIUÇALHAS

escritos
de jovens
cefetianos

www.pimentacultural.com |

